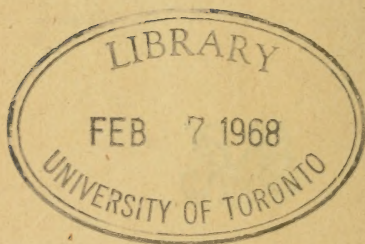
A TORTO E A DIREITO

SILVA PINTO

A TORTO E A DIREITO

LISBOA
PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA
LIVRARIA-EDITORA
50, 52 — Rua Augusta — 52, 54
1900

A

Sarah Bernardt

à son génie tout-puissant et dominateur

ce livre est dédié.

Silva Pinto

ESTE LIVRO

... Surprehenderam-me, um dia d'estes, as *provas de composição* d'elle. Tinha-o esquecido. Havia annos que o inolvidavel editor e meu bom amigo Antonio Maria Pereira me indicara, como aproveitaveis para formar um volume, diversas chronicas (*Cartas de Lisboa*) por mim enviadas á *Voz Publica*, do Porto, e publicadas n'aquelle jornal. Compiladas as taes preciosidades, o meu caro editor guardou-as para o ensejo de im-

primil-as em um volume, e guardadas foram até que elle morreu.

Revendo o que ha annos escrevi, não experimento a necessidade de modificar, ou de supprimir coisa alguma, pois que não falseara o meu sentimento, nem o meu pensamento. E d'estas columnas jornalisticas, transformadas em paginas de livro, faço pedra de toque para avaliar as *differenças* impostas ao meu espirito pelo decorrer do tempo... Bastante fatigado, nóto, todavia, com muita satisfação, que os meus leitores demoram o passo, para me acompanharem. No dia em que elles, a seu turno, revelarem cansaço... deixo-me cair.

1899. *S. P.*

I

22 de agosto, 1891.

Um traço caracteristico da situação está na polemica ha dias levantada entre o *Popular* e o *Correio da Noite.* E' sobre alimentação dos pobres. Na corrente da discussão, o *Popular* derivou-se a uma grande troça a respeito dos classicos feijões — assáz explosivos, como é notorio. Lisboa riu-se muito e olvidou as suas maguas, querida capital pelintra! Todo o bom portuguez saboreia feijões; o caso está nas manhas do fornecedor.

Não é assim, amigo Tiberio!? Tenho razão, ou não tenho?

*

Ás maguas de Lisboa são crueis, por mais que as espantem os humoristas. A presença da côrte, com as suas pompas, dá grande relevo. E que miserias! Eu tenho a mania de passeiar na Avenida, desde o anoitecer até altas horas. Uma noite d'estas, tinham principiado os espectaculos e eu seguia para os lados de Val de Pereiro; uma senhora de meia edade, cara de fome, vestuario de carnaval faminto, abeirou-se de mim, gaguejando. Imaginei uma supplica e procurei um cobre; mas então a pobresita, cobrando animo, firmou a voz e disse-me distinctamente:

— Quer vir commigo á *hospedaria?*

Senti revolverem-se-me as entranhas. Olhei fixamente para a mulher. Ella perturbou-se e corrigiu:

— Queira perdoar. Tenho uma filhinha doente...

Nem sabia implorar a caridade, nem convidar para o desaforo. Lama inodóra! Alma furta-côres!

*

Ao anoitecer, os predios de Lisboa vomitam para as ruas da cidade baixa milhares de larvas que se alastram pelo Rocio, pelos *arruamentos*, pela Avenida e que são viscosas no olhar, nos movimentos, nas balbuciações. Tirante hespanholas praticas, o resto dá-nos o horror de uma sociedade que se revolve na prostituição e na miseria, sem habilidade para explorar as esterqueiras. Pelas escadas da travessa da Palha e do Arco do Bandeira vão penetrando de esguelha os batoteiros. A's portas dos cafés param sujeitos de olhar fixo em busca d'um expediente ; são os insolventes, com a lettra á porta, com o alcance a descobrir-se, com a infamia engatilhada, com o suicidio no horizonte. Lá dentro, no café, ha quem atire ao creado um tostão de demasia, esquecendo-se de que não tem em casa dois vintens para o pão do dia seguinte. Mas nem tudo vem á rua. Nos lares domesticos ha doenças sem remedios, fomes sem esperança, actividades sem trabalho, punhos convulsivos apontados ao Destino... É a essa hora que o

Popular lê no *Correio da Noite*: — «Não abusem da miseria dos pobres!» e se prepara para lhe responder:

— «Que os pobres não abusem dos feijões!»

Não vêem aquella cara de mofa, que acha graça á coisa? E' a d'um bacharel enxertado em *souteneur*. Não vêem a outra, em que se arreganham labios de alcoviteira reformada? E' a d'um conselheiro baldeado das batotas á nossa consideração.

A gente ás vezes precisa d'um sevandija.

*

Conheço ha annos o philosopho chamado Tibe io, um que tem o segredo das phrases resolutivas. A proposito da miseria publica e da troça dos felizes do alto, perguntava-lhe ha dias o meu visinho conselheiro Figueiredo, com muitas faltas de bondade e alguns excessos de estupidez:

— Que lhe parece, sr. Tiberio: não haverá uma Bemaventurança?

E o outro:

— Ha, mas é *uma pouca*... para vossemecê!

II

27 de agosto, 1891.

Este caso da *emigração para a Africa* — expediente magnanimo descoberto por espiritos sublimados — desperta-me saudades do José Bento, um creado que eu tive, ha alguns annos, o qual, se não chegou a ministro na sua terra, foi por circumstancias alheias á sua vontade e á Logica. Encarregara eu o José Bento de me pôr em ordem uma gaveta cheia de miudezas. Que limpasse e que arrumasse! Elle limpou e arrumou, por tal arte que, no acto de eu abrir a gaveta, achei-a perfeitamente limpa e completamente vazia.

— Que diabo fez você ao que aqui estava, ó José Bento ?!

E elle, com um sorriso de *salvador* :

— Deitei tudo fóra. Eram coisas que faziam enchimento.

Estão entrevendo o *ministro*.

*

Hão de lembrar-se de que nos felizes tempos do ministerio *nephelibata*, aquillo do sr. Thomaz Ribeiro, mais do snr. Antonio Ennes, mais do snr. Antonio Emilio, a questão da *emigração para o Brazil* assumiu proporções graves nos dominios da geral preoccupação. O paiz despovoava-se e choviam sobre o governo a troça e as maldições e a indignação do... Marianno Pina. Despovoou se o paiz e os infelizes expatriados já não curavam de saber se a *fortuna* os esperava lá em baixo. O principal era fugir á fome que os assaltava na sua terra. Os nephelibatas punham as mãos na cabeça, e á volta d'elles a troça augmentava com as maldições. Elles eram ineptos, eram imbecis, eram a pedra de

escandalo n'este valhacouto da Moral. O paiz despovoava se: pois não viam? pois não comprehendiam? pois não se mexiam — os estupidos?!

Era verdade, elles não se mexiam e o paiz despovoava-se, em proveito do Brazil. Felizmente, o meu creado José Bento — perdão! — felizmente um ministro salvador apresentou-se com aprumo e ao som das conhecidas acclamações. O paiz emigra? Pois bem, desviemos a corrente da emigração; em vez de emigrar para o Brazil, emigre para dentro de si proprio. Tem fome no Minho, escusa de ir morrer em Pernambuco; morra em Mossamedes; ahi tem navios para a passagem — e espiche por lá muito bem!

E assim, os pobres diabos, sem o minimo auxilio, já sem a minima esperança, vão acabar os seus dias no continente negro, onde o Silva Porto deu cabo da vida, cheio de nojo, de miseria e de vergonha, e talvez com a intuição d'esta mascarada horrivel.

E assim se arruma a gaveta pelo processo de José Bento: — despejando tudo. São coisas que fazem enchimento...

Foi a proposito de tudo isso que o philosopho Tiberio, espulgando-se phreneticamente no trazeiro, proferiu estas palavras solemnes:

— «Que grande sucia de gajos, valha-me Nossa Senhora!»

Amen!

*

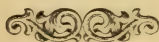
E que me dizem ao *caso das Trinas?*

Esta peça religiosa transporta-me o espirito ao Porto de ha perto de vinte annos — quando eu tinha a honra de combater ao lado de Urbano Loureiro, de Guilherme Braga, de Borges d'Avellar e de Agostinho Albano. Lembram-se? Soberbos combates, em que os *impios* se defrontavam com os esquadrões da injuria e da calumnia e abençoavam o seu dia de lucta, se ao termo d'esse dia lhes era dado agitar na ponta da lança os frangalhos de uma roupêta corajosa! D'esses companheiros, ha tres convertidos em cadaveres e um em sceptico. Eu por aqui me arrasto, recordando-me e comparando...

Pois é verdade: a creança violada e envenenada; a irmã da caridade preza; os *recolhimen-*

tos suspeitos de especiaes alcoices com sinistros aggravantes; o beaterio reagindo por meio de protestos; um singelo espanto em toda a linha, e, prevendo o julgamento, a recordação do processo da *Joanna Pereira*, mais o do *Banco Ultramarino* — essas glorias do jury... e tudo isto depois da nossa lucta e da morte prematura dos meus companheiros de combate — esses fanaticos do trabalho e da abnegação!

Mentimos nós? Calumniámos acaso? Deshonrámos a bandeira que hasteámos e conservámos firme? Ahi está no lamaçal de hoje a garantia da nossa verdade, a consagração da nossa lucta!

A' barra da opinião venha essa lama!

III

30 d'agosto, 1891.

Extraordinario artigo o do *Correio da Noite* de quinta feira ultima, sobre o partido politico de que é orgão! Passou em claro aos olhos de muito boa gente desprezadora das *mixordias politicas*, mas eu dei-me a saboreal o, com o damnado jubilo d'um espectador incontricto de regabofes do ridiculo sublimado. Aquelle Zola, que já passou de moda no terreno das citações, filiou um dia os *politicos* entre os espiritos inferiores. Salvo opiniões competentes, a mim me quer parecer que teve razão o homem, se eu acerto em vêr a facil ascenção dos gatu-

nos e dos sandeus ás altissimas espheras do poder, e a inhabilidade de espiritos superiores ao fincarem os joelhos no mastro de *cocagne* das honrarias e das grandezas. Mas isto pertence ás considerações geraes. O artigo do *Correio da Noite* é alheio a casos de gatunices; circumscreve-se á região do Absurdo.

N'esse ponto é phenomenal — principalmente pelas imprudencias. Assim, o orgão official do partido congratula-se, porque não se afastou do programma de *paciencia*, que se impuzera perante as crises do paiz.

Está o leitor advertido saboreando os deliciosos fructos d'essa paciencia. Eu não quero defender os aggredidos pelo partido progressista —Tu bem o sabes, Deus de nossos paes!—mas a doblez rancorosa d'aquelles Machiaveis deve ser annotada por quem não fabríca vélas de stearina. Ora, a evangelica paciencia com que o partido progressista aguarda a hora solemne dos seus sacrificios no poder, tem-se revelado poderosamente desde a sua propaganda piedosa em favor dos jantares dos amanuenses, até á invenção do separatismo dos Açores, divulgada ao Congresso

dos Estados Unidos — congresso ausente — por um deputado americano que nunca existiu.

E tudo, como diz o orgão, para servir a *justiça*, a *educação* e a *liberdade.*

*

Sobre essas bases de paciencia, de patriotismo e de sinceridade, fórmula o orgão do partido supra estas affirmações concludentes:

«A profunda metamorphose politica, diremos quasi que á decomposição, que tem dilacerado os partidos militantes, embaralhando lhe os elementos, dissociando-lhe os esforços, reformando-lhe os maioraes e alterando-lhe profundamente a estructura dos seus melhores exercitos, tem felizmente escapado o partido progressista, que se conserva fiel ao seu programma, consocio do seu honradissimo chefe em todas as suas responsabilidades politicas e prompto a demonstrar, com o estudo, ou com o exemplo, que a *nação* e a *corôa* podem contar com elle, ainda nos momentos mais angustiosos e difficeis que,

porventura, a malfadada orientação politica, que estamos vendo, nos reservem ou lhe preparem.»

Esta lealdade offerecida á *nação* e á *corôa* requer o condimento de uma breve historia.

Haverá treze a quatorze annos, fundou se no Porto uma folha destinada a combater o governo regenerador e, implicitamente, a monarchia, que, no dizer do fundador, estava de mãos dadas com a regeneração — contra o paiz.

Chamou-se o orgão *A Voz do Povo*, o fundador era o Centro Progressista do Porto. A campanha d'esse jornal está na memoria de muitos: foi tenaz, foi implacavel e foi proficua — no dizer do fundador. Houve então umas eleições; os progressistas venceram.

Convidaram então o redactor do jornal — um republicano, como lhes conviera, — a mudar o plano de ataque. Pois que as eleições estavam ganhas, raciocinavam os varões justos, havia probabilidades de quéda de governo e, portanto, de chamada dos progressistas. Era, pois, conveniente ir abrandando o rei.

Recusou o jornalista esse accordo, e despe-

diu-se do jornal, que expirava pouco tempo depois, ao subirem ao sacrificio do poder os santos varões do Progresso.

Se o caso não representa *lealdade*, então representa uma estrumeira. Carantonha e aggressão á corôa, antes das *probabilidades da chamada* e reclamação em favor dos povos opprimidos, — não me lembra se houve referencias ao bacalhau cazeiro... Chegadas as *probabilidades*, temn'os alli a corôa ás ordens; e o amanuense, se não tem bacalhau, que rôa um chifre e que distribua o môlho pelos infelizes filhos.

Mas *infelizes filhos* é para os dias da opposição...

*

Agora, permittam-me que transcreva do citado *Correio da Noite* as seguintes palavras ácerca do illustre chefe republicano Latino Coelho São do dia 27 do corrente:

«Está em grave perigo de vida o eminente academico e nosso presado amigo e collega, Latino Coelho, honra do magisterio portuguez, es-

criptor primorosissimo, historiador de primeira plana, erudito como bem poucos, quer se contem em Portugal, quer se procurem e apreciem no estrangeiro, caracter honradissimo, trabalhador infatigavel — infatigavel não porque, a esses que, ha bem pouco, o accusavam de ocioso, respondeu talvez com a vida e atirando-lhes exhausto com um volume, que será immorredouro na historia nacional — amigo delicado e bondosissimo, com a alma aberta a todas as aspirações generosas, com um ideal politico que differe do nosso pelo tempo, pelas circumstancias e pela opportunidade, mas que é um ideal perante o qual se curvam respeitosos, embora não convencidos, todos os homens de bem, tal é o sabio publicista que, n'este momento, se está talvez despedindo de um paiz, que nem sempre é agradecido para os que o honram, nem soube premiar uma velhice respeitavel e digna, com a veneração e respeito geral, de que lhe é credor o notabilissimo enfermo, um dos mais illustres portuguezes d'este seculo.

«Magoando-nos profundamente a doença de Latino Coelho, esperamos ainda que aquelle es-

pirito vigorosissimo saiba debelal a e vencel-a.

«Que Portugal porém se não descuide das suas mais sagradas obrigações. O respeito que tributar aos seus grandes homens, e as homenagens que lhe conceder levantarão o animo publico e serão exemplo fecundo para a mocidade portugueza, que carece de estimulos e de confortos n'este periodo tão deprimente, que lhe está servindo de berço. A politica, que nos aparta momentaneamente, nas tristes luctas da vida social, não conhece partidos quando é uma nação que se encosta á cabeceira de um homem illustre, cuja memoria ha de sobreviver á de todos os seus detractores.»

Guardem isto cuidadosamente, *para um certo dia...*

IV

2 de setembro, 1891.

Foi ha trez dias que eu vi citados no *Diario Popular* o Suetonio e outros afuroadores de maroteiras antigas, e para logo, ao vêl os citados em primeira pagina da gazeta, entre biscatas politicas, suppuz que os latinos d'uma canna vinham alli para remoque ao Baixo Imperio dos *Nyassas*. — «Temos reproducção do Caligula!» bradei, exultando pelo escandalo. Eu lhes conto a referencia ao Caligula.

É o caso — que ha tempos appareceu na Allemanha um estudo critico sobre aquelle successor de Tiberio. Investigações sobre a mioleira

do tyranno e conclusões deploraveis, tudo realisado por um sabio professor, em um folheto de suas vinte paginas que principiou por ter uma extracção de chupeta.

Dois dias depois, surge n'uma gazeta allemã um artigo ácerca do folheto, no qual artigo se revelava o que existia nas entrelinhas: allusões crueis ao imperial telhudo que está para alli, em Berlim, a fazer de Carlos Magno em cuécas. Foi uma dos diabos! Esgotou se a edição do folheto, mais a do jornal, sendo as duas peças disputadas a pezo de oiro, e logo severamente perseguidas. Devo á amabilidade de um illustre professor portuguez a leitura de ambas.

Admirei, quando tive conhecimento do *Caligula* do professor allemão, que os nossos publicistas rasoavelmente ignorantes, isto é com um grãosinho de erudição, não explorassem os romanos antigos, para dizerem aos tyrannos modernos coisas de entupir. E' certo que nem o Caligula, nem o Caracalla, nem o Heliogabalo, nem o Commodo, nem outros safardanas ferozes do Imperio no resvalo á voragem, encontram hoje reproducções; mas haveria muito que approxi-

mar a proposito da relaxação do caracter nacional, do nivel moral abaixo da canalisação dos despejos, de uma indifferença canalha e assobiada e de umas tendencias vertiginosas a encher o papo — deitando a unha. Linda erudição para academicos «correspondentes», ou para aspirantes a tal encanto!

*

Pois, senhores! E' certo que não lhes escapa, aos latinos do bairro-alto, o que consta do Suetonio e dos outros; mas não é para esgaravatar nos tyrannos, nem nos tyrannisados modernos: é para apoiar opiniões sobre as cortezias que ás mulheres dos reis devem os subditos dos reaes maridos: se se beijocam as mãos das mulheres alheias, ou se cada um deve limitar-se a beijar as mãos das suas. Foi á conta d'estas maravalhas que se abriu refrega erudita no *Popular*, e é n'estas e n'outras que divergimos galantemente dos severos pensadores da Germania. Aquelles excavam no Passado, e das excavações surgem os sobresaltos do Poder espavorido, as perse-

guições e o escandalo. Cá, os nossos colherão, e bem merecido, o habito de S. Thiago — grau de cavalleiro, para actores e revisteiros, — homenagem aos meritos scientificos, litterarios e artisticos dos afuroadores. Não ha perigo de que os trabalhos d'esta especie de eruditos caustiquem a honra do convento. Mestres de ceremonias no coice dos ultimos fradalhões: taes são elles em vesperas do centenario!

*

... Mas, ah! como seria dôce para todos nós, os do Jornalismo, que só houvessemos a registar taes e semelhantes ingenuidades de afuroadores de erudição historica, e como seria bello que a porta, hermeticamente fechada, não permittisse a entrada aos cães — sem offensa aos honrados quadrupedes!

V

10 de agosto, 1895.

Serviu de pretexto para novas manifestações contra os padres e contra o movimento catholico a historia das «creanças roubadas pelos jesuitas.» Jornaes conspicuos já se pronunciaram ácerca da agitação popular, bem assim das responsabilidades que ella impõe ao governo. Pouca novidade : apenas que as aggressões soffridas por alguns ecclesiasticos significam a irritação do espirito liberal contra as provocações da Reacção. Um meu amigo, algo trocista, que hontem me visitou na aldeia, riu-se e fez-me sorrir á conta do *espirito liberal* de dois fadistas

e de quatro collarejas que, na rua da Palma, *valentemente* aggrediram o padre Senna Freitas, um dos raros ornamentos da egreja portugueza no periodo contemporaneo. Mas, emfim, eu ponderei ao trocista — que nos movimentos revolucionarios não temos que attender á imputação individual, mas sim ao espirito que illumina e aquece a collectividade; d'outro modo, que teriamos nós de pensar da Revolução Franceza com os Girondinos e com os da Montanha, alternadamente, acompanhados á guilhotina pelos apupos dos irresponsaveis? Não soffre duvida que a agitação popular contra as maniversias devotas é mais séria, ainda assim, do que os protestos dos *cu-ligádos*, de grutesca memoria, contra as violações da Carta Constitucional.

*

A peior coisa é o Fidelio, um sonhador de chinfrinadas. Para o rico marmello tudo serve, em materia de reboliço, de aggravamento de difficuldades e de amarguras, assim para governados como para governantes. Tem muitos

companheiros o Fidelio de minhas entranhas, mas não ha originalidade, nem modernismo na sórdida orientação dos matúlas. Diz o historiador J. Zeller (V. *Les Empereurs Romains; caractères et portraits historiques*) em referencia ao povo romano, uns 70 annos depois de Christo, ao fim do reinado de Vitellio:— «Les malheurs publics étaient devenus le plus àcre de ses plaisirs.» Alli temos em Roma um povo de Fidelios, sem a aggravante de sujos calculos. Para os taes nossos patriotas ha tambem um agradavel acirrante em qualquer noticia ou symptoma de calamidade, ou de desordem, ou de agitação. Mas ha tambem o sonho da pescaria. Fidelio quer ir a governo!

*

Aquella historia, das creanças «roubadas pelos jesuitas,» já dias antes das aggressões aos padres fazia o giro das aldeias cá por este lado, onde eu vivo. Parecera-me um completo absurdo e assim o fui desmentindo; a noticia da agitação popular veiu destruir o meu trabalho de negação e enraizar a lenda tenebrosa. Dizia-me

hontem uma solaia velha, que tem olho e que foi sopeira na cidade:—«Diz que é para os metterem nas escolas e fazerem-n'os frades e freiras. E *vómecê* o que diz?» —«Eu digo-lhe que é para agradecer aos bemfeitores. Se eu fosse frade e a Soledade freira, que de exultações para a Natureza, tia Jeronyma!» A velha riu-se, e o caso não é para menos.

Esta dos rapazitos agarrados pelos jesuitas nas ruas de Lisboa, em julho e agosto de 1895, parece coisa burlesca, mas tem no fundo coisa séria, que vem a ser — a debilidade mental. Já agora, corro-lhe o risco de vir a ser martyrisado, como os padres e os negociantes sem barbas, os da Covilhã, quando a *afflição das mães* me apanhar a preceito nas ruas da capital; mas não importa: a «historia» que determinou essa afflição é documento lamentavel do estado do espirito publico — tão lamentavel como um documento de fanatismo, — mas de summa utilidade para o Fidelio: d'isso não haja duvida!

VI

15 de outubro, 1895.

Desde que, ha vinte annos e pico, as *Farpas* acolchetaram os *N. N.* na prosapia do mettediço, mudaram as condições de candura do percursor dos Nephelibatas, e surgiu um varão forte, *doublè* — como diria Guiomar — d'um cidadão prestante. Uma vez lançado na Politica, salvo horas de desanimo consagradas á reforma do theatro — heis de estar lembrados, — o illustre *N. N.* fez o ministerio da marinha, com a competente expedição á Africa, ao presente — modera te, bocca! — o theatro da sua e da nossa gloria. Da travessia de *N. N.* pelas marinhas,

com expedição e tudo, resam os *Planos Financeiros* do Marianno, por modo que não ficam duvidas á admiração dos patriotas. Depois, foi aquillo da delimitação dos territorios africanos — tóma tu, Inglez! — com a santa consciencia espapada nas delicias do littoral, emquanto o amigo bretão talhava, no interior, com mão larga e firme, o quinhão leonino em partilhas com innocentes herbivoros. Seria logico e dos livros, em qualquer paiz civilisado, que tal *politico* fosse por uma vez arrumado entre os calhamaços d'uma bibliotheca franciscana, pois que o Destino, em estardalhaço de ridiculo, vingara o Barjona das facecias pedantes com que *N. N.* lhe satyrisara a missão diplomatica na capital ingleza. Já sabeis — e todos nós sentimos — como se arrumou o homem!

*

Simultaneamente, na Africa Oriental casos bellicos e miserias de administração reclamavam um chefe militar instruido e valente e um funccionario sagaz, energico e de provada capacidade

administrativa. Não andam por ahi a rodo, pelos cafés e pelas arcadas, entidades de tal ordem. A urgencia da escolha impunha se, porém, á responsabilidade do governo. Escolheu se e acertou-se — phantasticamente. N'um só individuo descobriu-se a um tempo as qualidades d'um cabo de guerra e d'um administrador. Claro que tal miscellanea de Condé e de Colbert só tomaria a seu cargo a salvação da nossa Africa Oriental, armada de poderes dictatoriaes e «absolutamente independentes» — como o jornal do Pina. Pois tóme lá *N. N.* a dictadura e a absoluta independencia!

Tomou *N. N.* Arrumou-se, como cumpre á Inepcia suspeita de incommodar — refilando. Processos velhos, mas parece que os melhores, pois que não despegam! Arrumou-se o homem, e desde então o governo portuguez arrasta um rabo-leva. Ha quem o accuse de o não arrancar violentamente; mas todos sabem que damnada troça soffre todo aquelle que, em taes condições leva a mão ao sitio ornamentado. — «Tira a mão, etc.!» O mais prudente, ainda assim, é encostar-se á parede, — até vêr.

...Todavia, já basta de espectativa! Padrão de ridiculo immortal vem a ser a dictadura de *N. N.* nos dominios da sua exploração — onde os nossos soldados morrem ou apodrecem, onde se derrete o nosso dinheiro, onde o Gungunhana se ri de nós, onde o nosso prestigio se cobre de grutesco e onde a nossa administração se converte em cahos. Ha um véu de mysterio, tintura de sinistro, sobre *o que por lá vae*, e os orgãos do governo dizem que «se mais não surge, em esclarecimentos, é porque mais se não sabe.» E ninguem ignora que quando *N. N.* desce a telegraphar ao governo, que o inventou dictador, é para lhe recusar officiaes para a India, que o ministerio *lhe pede*, ou para phantasiar victorias e cercos ao Gungunhana, — pataratas em que a Arte soffre tratos de polé, como no *Saltimbanco* e outras maravalhas. Simplesmente, quem via o *Saltimbanco* dispendia apenas o custo d'um logar no theatro, ou d'um camarote para a familia, e hoje, para assistir á comedia sinistra de Colbert Condé, o paiz sangra-se em milhares de contos e nas veias dos seus filhos!

VII

17 de setembro, 1891.

Atribue-se a um grande espirito da nossa terra as seguintes palavras, a proposito de lhe lançarem em rosto a sua incorrigivel vida de solteirão: — «Vejo poucos homens de quem desejaria ser pae, e ainda menos mulheres vejo de quem desejaria ser marido!» Lembro-me d'isto á conta da existencia do Antonio, mais da do Francisco — filhos do João, que Deus haja, — e meus companheiros de escola no Magalhães, que Deus lá tem, haverá trinta e sete annos (tinha eu seis). O Antonio casou e houve filhos de suas entranhas — como quem diz das ditas de sua es-

posa. O Francisco ficou-se, como eu, *sem crear familia*. Diz-me voz secreta que foi a unica asneira que eu não fiz.

*

Ora, os filhos do Antonio sairam de casta, sem vos falar da esposa — que está hoje, ha muitos annos, com um que é da Armada. Dos filhos, um d'elles — macho — está na Penitenciaria, o outro, que é do sexo da Soledade, por ahi faz a *felicidade* alheia. Cala-te, lingua! O Antonio vive muito desgostoso. Diz elle que tem sido uma esponja de amarguras, — e do Cartaxo: é o que elle não diz.

O Francisco deu, aos vinte e cinco annos, com os ossos no Brazil. Por lá fez moeda falsa; *negrejou* antes da libertação dos escravos; violou o *vinho virgem* como lá chamam ao de pasto, e violou-o sem levantar protestos, como os levanta a Carta Constitucional, quando as successivas violações obnoxias dos dictadores nefandos arrastam ao delirio os *cú-ligados* e esfalfam o Martins de Carvalho na aria *Estamos em pleno cabralismo!*

*

Fez dinheiro, mas a Sorte virou-lhe costas qual caprichosa e linda Soiedade, ahi á volta dos trinta annos e pico do bom rapaz. Veiu a Lisboa, ha mezes e para ahi se estabeleceu honradamente, — com o que a Sorte deu cavaco e obstinou-se em causticar o trabalhador. Dizia-me elle, ha quinze dias — dez dias antes de passar o pé, fallido, para ignotas regiões: — «Ainda assim, o que me tem valido é não haver creado familla. Imagina tu que em redor de minhas desgraças se arrastava a lesma de minha mulher carregada de filhos e de semsaboria! Era para eu dar em assassino!»

*

Não faltará quem me diga que são excepções á regra. O Francisco dizia-me que não: que o resto é que são excepções. Que uma forte companheira e os filhos á altura da adversidade são coisas da *Moral em acção!* Eu consulto, não os meus auctores — pois que são coisas que ninguem escreve senão eu, — mas as minhas recor-

dações. E lembro-me d'aquelle lojista do Porto, hoje fallecido, que ao chegar a casa, nas agonias da fallencia, ouvia gritos espantosos da mulher: — «Se não tem para me dar vestidos, vá roubar; e, senão, deixe-me ir tratar da vida!» Coisa muito sabida.

Por egual me recordo de um vizinho que eu tive,—conselheiro e altamente graduado no magisterio. Todas as manhãs, ao sair de casa, berrava, encostando o focinho á cancella — «Vá... sua grande...!» E de lá de dentro, a esposa vociferava: — «Vá você, seu...!»

*

— «Mas, objecta-me o Bonifacio, não ha nada como os carinhos domesticos, quando se está doente.» Sim? Ainda bem que eu nunca estive doente, a ponto de precisar de carinhos. N'esse ponto, estou como o Francisco.

VIII

19 de Setembro de 91.

DIZIA-ME um dia d'estes um Progressista novato, provinciano recem-vindo á capital: — «Diabo de historia! Parece-me que estamos encravadissimos! Abstenção eleitoral é muito bonito, quando é ponto de partida para *outra coisa*. Mas vão lá dizer aos conselheiros do estado maior que façam a *outra coisa!* Uns estão muito bem collocados, outros ainda não perderam as esperanças... creio que na compaixão do inimigo, e todos elles são uns zaranzas do tempo em que um parlamento de *préguistas*, ou negociantes de bananas batia o pé e

fazia cair um governo. Como você vê, mudaram os processos governativos, e elles ficaram na mesma: intriguinhas de centros da provincia, e umas modulações de cantilena que lembram os mendigos das romarias — «Meu nobre senhor! Deus lhe conserve a vista dos seus olhos! Padre Nosso que estás no ceu!...» Você ri-se?

*

— É nervoso: é um *rictus* sem intenção. Mas, continue você!

— Intriguinhas de centros de provincia... Vem a reforma administrativa e desloca as influencias locaes; vem a reforma eleitoral e degola para ahi legislatorios, que até o Martins de Carvalho enrouquece e perde a voz na aria *Estamos em pleno cabralismo!* Do mal o menos — dirá você a proposito do parlamento: pois não diz?

— Talqualmente, lucido mancebo!

— D'ahi veja que triste imprensa, depois do Marianno e do Navarro! Ha oito dias no *Com-*

mercio de Portugal... Você d'esta vez está se a rir!

— Não haja duvida; mas continue!

— No *Commercio de Portugal*, o Melicio barafustava como uma barata que caiu de cú, e papagueava, n'aquelle estylo queijo do Rabaçal, contra a impassibilidade e a covardia do paiz — que não se mexe contra a tyrannia e que deixa enrouquecer o venerando Conimbricense. Isto era na primeira pagina. Na segunda vinha uma chronica da *agitação do paiz*: os quatro filhos da D. Joaquina a uivarem nas ruinas do castello de Porto de Moz, pelos sagrados direitos do doutor Crespo, e o Jacintho Pares ou Nunes, burgravo de Grandola, a fomentar (*toc, toc*,) a ressurreição dos *cu-ligados*. Na primeira pagina é camello — o bom paiz; na segunda, é cabrito! Você já viu uns kangurús assim?!

*

— E que resolve o meu amigo?

— Eu não resolvo. Estou carpindo a minha imprevidencia, os meus erros de calculo. Afigu-

rou-se-me que a *Carta violada*, *as Liberdades Publicas espesinhadas*, *Todos os Direitos supprimidos*, *o Decoro*, *palavra vã:* — que todas estas vitualhas, na cozinha do Partido Liberal, ainda mais uma vez excitariam estomagos e paladares dos consumidores, vulgo — contribuintes. Afinal, é o que se vê...

— Vejo. E' como o citrato de magnesia...

IX

22 de Setembro, 1891.

Da Granja... mas, primeiro, outra coisa:

Perderam os meus amigos a mais inefavel ventura que eu poderia ter-lhes desejado: a de contemplarem nas festas em Cascaes, offerecidas á real familia, o sr. Ramalho Ortigão. E' preciso que saibam que o programma dos festejos foi confiado a este critico, pelo sr. Jayme Arthur da Costa Pinto, presidente do municipio de Cascaes, sujeito muito falado e muito parecido com o critico—em alguns pontos ramalhudos das duas individualidades: ostentações e pataratas. De resto, suas differenças: Jayme Ar-

thur derivou-se de caixeiro de commercio a notabilidade politica, sem abusos de entendimento e com alarde de insignificancia risonha que vingou passar a proverbio. Diz-se d'uma calinada de vulto : — *Essa é do Jayme Pimpão!* O *Pimpão* é a alcunha do homem.

*

Encontraram-se os dois, na hora providencial da fecundação dos vivas. Jayme tinha horisontes limitados pelas barricas de alcatrão e pelas girandolas dos de tres respostas. Mas o instincto denunciava lhe a existencia de superior *pagode.* A rocha do craneo era insensivel a toques de vara magica. O Jayme consultou varios amigos, entre elles o conselheiro Figueiredo—o meu visinho que eu já lhes apresentei, e Figueiredo, á similhança dos outros, só produzia foguetes e barricas d'alcatrão e sua philarmonica á mistura.

Estão vendo o Jayme irritado — Que os foguetes e as barricas eram da cabeça d'elle! E que não encontravá senão burros.

E a proposito de burros, porque o sr. Ramalho Ortigão houvesse em tempos celebrado com muito chiste o caso do burro de Cintra e do herdeiro da corôa ingleza, o Jayme teve uma ideia: dirigir-se ao homem de lettras. Que lhes parece esta ironia do Destino?

*

O sr. Ramalho Ortigão, indefesso flagellador do mundo velho e moralista sem papas na lingua, dizendo aos reis e ao povo coisas de entupir, como é notorio, entendeu na sua que o *mundo velho* parece novo, se, em vez de o escalavrarem, o enfeitam, e para enfeites pede meças o nosso critico de costumes ao Pexe da rua do Almada. Ouvido o convite do *Pimpão*, o sr. Ramalho metteu á obra mãos e phantasia. Não mais ulceras! Não mais molestias secretas na relaxada sociedade que as *Farpas* levaram a pontapés por essas cidades em fóra! Toca a organisar um programma! E ás barricas e aos foguetes do Jayme, tudo da cabeça d'elle, o pamphletario decorador addicionou arcos trium-

phaes, exposição de symbolos, prestito com archotes, e a sua pessoa ainda por cima!

Se vossemecês o vissem de flanella azul e cinta alemtejana, posto a tres quartos, contemplando o mar—como Napoleão em Santa Helena! Cêbo! Este paiz é pequeno para homens d'aquelle tamanho!

Era esta a opinião do Figueiredo, o qual inclinado ao Tiberio, lhe dizia:

— Aquelle e o Fontes, sr. Tiberio!...

E o Tiberio, com as mãos nos bolsos — seu costume nos lances decisivos—resmungou:

— Tóma!...

*

Vamos alli á Granja...

Antes do mais, oiçam vossemecês o que me consta, por um jornal do Porto. Elle refere-se a sua magestade a rainha-mãe, e diz assim:

«Conversou alguns momentos com o digno governador civil do districto e com o commandante da guarda municipal, tenente-coronel Sarmento.

«Este brioso official perguntou a S. M. se de-

sejava ter na Granja forças da Municipal, principalmente quando tencionasse dar qualquer passeio.

«S. M. teve um sorriso cheio de melancholia e respondeu:

— «Agradeça em meu nome á officialidade da Municipal a amabilidade que teve, vindo-me cumprimentar. Emquanto ás escoltas que me offerece, dispenso-as perfeitamente, porque eu não tenciono dar passeios. Sinto me bastante doente.

— «Pois eu posso garantir a V. M. que é anciosamente esperada no Porto.

— «Pois não sei ainda se lá irei.»

Permittam-me agora, sem me interromperem, que eu lhes diga o seguinte:

Se alguem ha entre as familias reaes do meu conhecimento que me mereça consideração especial, muito antiga e manifestada em folhas republicanas e n'outras, é a *filha de Victor Manuel*. Por ser filha de tal pae? Um tanto por essa filiação e muito por outro motivo: porque acho completa e sem ambiguidades essa figura. Fóra do terreno onde teem raizes as minhas

sympathias politicas e onde ha vinte annos trabalho sem pedir, sem esperar e sem desejar cousa importante, quer do futuro breve, quer do futuro a distancia, apraz-me vêr situações definidas e figuras definidas. O que me revolta são as alforrecas que se me escapam das mãos, se desacerto em tocar-lhes, para melhor as vêr...

N'essa princeza, cuja tristeza eu bem vingo medir pelo afastamento de tantos cortezãos, escória que lhe atapetou o caminho e que lhe manchou os pés, e pela convicção da raridade dos amigos: no espirito d'essa princeza que effeito vingariam produzir as palavras do official das Municipaes? Que especie de confiança tem esse official no amor do povo á rainha-mãe, se a não julga em segurança nos seus passeios, sem escolta do quartel do Carmo? E que significação podem ter na bocca d'esse official as affirmações de anciedade carinhosa dos habitantes do Porto, se elle trata de garantir com os sabres-bayonetas os carinhos d'uma população de peccadores?! Ou eu sou muito menos forte em logica do que elle em adulação irreflectida, ou do seu convite em nome do Porto se deprehende :

— Venha V. M., apezar do estado dos espiritos, *porque eu lá estou com a minha gente!*

Póde-se pensar isto, mas não se diz a uma rainha; e não se publica, se alguem o disse, ó noticiaristas!

Affrontados não o ficaram os inimigos mais cruéis das instituições. A affronta foi dirigida á realeza, pela falta de tino e pelo zelo da adulação!

*

Já que lhes fallei de *tropas*. .

Em hora de desenfados, uma qualquer folha de Lisboa deu-se a discutir o exercito portuguez, e buliu-lhe na indisciplina. Immediatamente, o *Universal*, reagindo contra a iniquissima affronta, explica, assaz sizudo:

«O exercito não tem a conveniente instrucção, nem tem nada preparado para entrar em campanha; mas a culpa não é d'elle: é da sua direcção superior.»

Cinco ou seis mil contos acho eu que nos custa essa instituição, da qual os seus membros conspicuos e seus zelosos defensores dizem que

não tem a instrucção conveniente, e que nada tem preparado para entrar em campanha, e que a culpa é dos superiores que a dirigem!

E' ou não é consolador para os contribuintes, que se esfalfam no escriptorio, ou no armazem do commercio, no trabalho do campo, no trabalho da redacção, escrevendo romances de sensação, vendendo peixe e hortaliças, — é ou não consolador, para estes enteados da Sorte, tirarem diariamente, a si e aos filhos, um quinhão de alimento e de commodidades—para sustentarem aquellas bellezas?

Dizia-me ha tempos um dos nossos homens publicos mais notaveis—um dos tres ou quatro:

— «A sabedoria do homem está em encher-se de razão.»

E' boa! Eu... quanto mais razão tenho, mais emmagreço!

E os meus amigos?...

X

27 de Setembro, 1891.

PREOCCUPAM-SE gazetas e patriotas nos perigos resultantes do insistente verão antecipado. As cearas do trigo estão perdidas. Cevada e fava — idem. Milhos ameaçados; e só as vinhas promettem aguentar-se. A proposito das excepcionaes promessas relativas ao summo da uva, diz um jornal — que pouco importa isso ás condições economicas, pois que a colheita anterior ainda está nas adegas, sem se vender. E' que os frequentadores da serra de Monsanto dão-se admiravelmente com a mixordia rôxa, em que não entra a uva, e o vinho não póde

competir com a deliciosa immundicie — na preferencia dos amadores.

Perante a medonha perspectiva de *um anno de fome*, pessoas que nunca a tiveram, nem receiam tel-a, mostram-se mais afflictas de que os miseraveis para quem todos os annos, todos os mezes de cada anno e todos os dias de cada mez são de fome ou de ameaças d'ella. Foi em quinta feira santa que Bulhão Pato me descreveu, em Caparica, scenas de se lhes tirar o chapéu, diariamente representadas pelos pescadores da costa e por suas familias, porque o peixe deu agora em fugir. Fóme legitima, fóme negra, mendicidade lugubre de centenares de familias desesperadas, alli da *outra banda*, com o Tejo prateado a separal-as das magnificencias da Côrte. E por essas terras da provincia, se os senhores imaginassem! Nada lhes digo do que por ahi se occulta a gemer agonias da miseria por essas alfurjas da capital, porque não vale enjoar os que jantam bem depois da tourada, ou antes do *D. Amelia*. O meu fim é apenas dizer-lhes que todos os annos são de fome para a maioria dos nossos irmãos em Christo.

*

Para a classe média — para as familias que conseguem pagar os generos alimenticios (pouco alimenticios) e a decima... relaxada, o anno corrente vae-se desenhando a traços de phosphoro em um fundo negro como carvoaria do inferno. Os que vivem do trabalho confessavel, — sem lampada acceza na alta e gorda malandrice, — estorcem-se como eirós feridas pela faca da Maria Augusta. Já corria torta a vida, como um côrno, e eis que sobem os preços dos generos, á conta dos impostos que ahi vem, e não tardarão a subir de novo, á conta do *anno da fome*. A' porta a renda da casa e a decima que se relaxou e a urgencia de uns arranjos na fateota de verão. Cada vez mais torto, e é n'esta occasião — em que o conde de Ficalho vae refrescar-se á Russia, para nos acalmar a febre — é n'esta hora maldita que os jornaes contam ao paiz:

«Foi hoje (17) apresentada na camara dos deputados uma proposta, para que o ordenado dos

ministros seja elevado a seis contos de réis, liquidos de imposto.

«A proposta foi apresentada pelo sr. *Adriano Monteiro*, e está assignada por este illustre deputado e pelos srs. condes de *Villar Secco e de Anadia*, *Teixeira de Vasconcellos*, *Henrique de Mendia*, *Aarão Ferreira de Lacerda e Manuel Pedro Guedes.*»

E' certo que o prezidente do conselho de ministros agradeceu aos «nossos illustres representantes,» e recusou a boa fatia que elles lhe offereciam do pão do seu compadre; mas *felizmente*, contra o melindre do nosso homem, prevalece uma circumstancia que vincula os nomes d'aquelles nossos representantes á gratidão do paiz. E' que a proposta tem de ser levada á commissão respectiva, e a camara, seguidamente, a approvará, sem dependencia do governo. Por outra, dado que os actuaes ministros insistam em recusar a magnifica fatia do desgraçado compadre, ella ahi fica para os Progressistas, presumptivos herdeiros do poder.

*

Não vi corresponder a similhante facto commentarios á devida altura, por parte da opposição livre. E, todavia, parece-me ser elle, na corrente do nosso fim de seculo, um dos mais cynicos. Não ha direito a exigir do sr. Hintze assomos de alta eloquencia; mas não ha duvida que tal insignificante perdeu ensejo de resgatar o minimo de suas culpas, mediante uma phrase elevada. Certamente, o sr. Hintze não poderia dizer, como Washington, aos que lhe propunham a corôa dos Estados Unidos: — «Não sei que acção da minha vida auctorise similhante ideia ácerca das minhas intenções;» mas poderia ter respondido áquelles *representantes do povo*: — «A miseravel situação do paiz impõe ao decôro do governo a formal rejeição de uma tal proposta.» Ha, pelos modos, uma lei providencial que afasta do coração e do espirito dos *Hintzes* os sentimentos e os pensamentos nobres, embora por transicção. Entende-se: polluiriam taes pensamentos e taes sentimentos, durante um

simples segundo de hospitalidade nas cavernas do seu ser.

*

O dever que se impõe aos que luctam em Portugal com as difficuldades crescentes da vida, e que por aquelle modo são representados em côrtes, consiste hoje em registrar os nomes d'aquelles representantes. Aqui lh'os reproduzo, com o *facto* que os recommenda á gratidão do povo:

«Foi hoje (17) apresentada na camara dos deputados uma proposta, para que o ordenado dos ministros seja elevado a seis contos de réis, liquidos de imposto.

«A proposta foi apresentada pelo sr. *Adriano Monteiro* e está assignada por este illustre deputado e pelos srs. condes de *Villar Secco e de Anadia*, *Teixeira de Vasconcello*, *Henrique de Mendia*, *Aarão Ferreira de Lacerda e Manuel Pedro Guedes.*»

... Vinte e quatro horas depois do *facto*, — e

após uns commentarios da opposição livre, — o sr. Hintze apresentou á questão politica sobre a proposta dos nossos representantes. Chegou tarde para a gratidão da Moral... e para inutilisar-me este capitulo.

XI

1 de Outubro, 1891.

A proposito das festas de Cascaes, tenho-me lembrado de Balzac, não que os arrojos de imaginação dos srs. Jayme da Costa Pinto e Ramalho se me affigurem abcessos só perfuraveis pelo bisturí do immortal operador. E' outro o caso.

Em toda a linha da imprensa monarchica o foguetorio devido á iniciativa d'aquelles varões encontrou um ecco atroador — em artigos de columna e tanto, em telegrammas dispendiosos e em locaes baratas. A grammatica estalou por todas as costuras e o bom-senso encontrou

um Calvario! Mentiu-se descaradamente, a principio por dever de principios, depois por troça, em seguida por espirito de contradicção, finalmente—com furia. Não é raro encontrar hoje um almocreve de petas convencido de que abriu a mão, para deixar cair verdades. Quando um mentiroso, ou um phantasista, chega a este estado pathologico, adquire um tom de sinceridade, respeitavel.. como a loucura.

Balzac, aquelle cédro, tinha a mania d'estes caroços de ginja. Uma vez offereceu um cavallo ao romancista Sandeau. Este conhecia o seu homem. Acceitou a offerta, com a condição de que o cavallo seria preto. Balzac enthusiasmou-se.—«Preto! Todo preto... com uma estrella branca entre os olhos! E' justamente o que eu lhe destinava!»

O pobre grande homem nunca possuiu, antes do seu casamento, nos fins da vida, o indispensavel ao sustento de um burro. Convencera-se, porém, de que possuia um cavallo preto, todo preto, com uma estrella branca entre os olhos. E da primeira vez que encontrou Sandeau perguntou-lhe, com o maior interesse, se o cavallo

merecera o seu agrado. O outro, muito condescendente, agradeceu-lhe o valiosissimo presente. Que sim; que gostava muito da bestinha!

E ficaram n'isto. Não vejo razões de menos condescendencia para com os phantasistas da evolução monarchica realisada, na Beira e em Cascaes, com melancias de seis arrobas e o foguetorio correlativo da evolução, e penetra-me a alma um dissabor profundo, quando n'uma das folhas que celebraram as festas leio estas palavras sombrias:

«Atravessamos, é certo, uma grande crise, mas *com a vantagem de a conhecermos* nos seus elementos. *Attingimos*, *effectivamente*, *o momento terrivel da liquidação dos accumulados desvarios governativos*, *e temos todos de lhe soffrer as consequencias*, mas desappareceu o vago terror do Desconhecido, mil vezes mais enervante do que as mais graves realidades. O *abysmo financeiro e economico*, *que nos prepararam*, *méde-o já hoje o paiz*, *contristado*, *mas resignado*, *e tremendo erro seria pretender illudil-o a tal respeito.*»

E' o *Jornal do Commercio*, de 29 do ultimo

setembro, quem assim diz em seu primeiro artigo.

*

Tremendo erro seria pretender illudir o paiz, sobre o abysmo financeiro e economico que nos prepararam os desvarios governativos. Todos nós teremos de soffrer as consequencias: é o que o paiz já vê contristado, mas resignado : — eis o que tém a dizer-nos, ao cabo de cincoenta e sete annos de monarchia constitucional, um dos orgãos principaes do Systema. E ha quarenta annos que uma paz inalterada garante a essa gente a realização de todas as reformas economicas, de todo o progresso, de todas as bases de um accordo sincero entre o povo e a monarchia. Essa paz prolongada chamou a este canto da Europa os capitaes estrangeiros. Deu-nos o credito. Uzaram d'elle, até aos extremos do abuso, e todas as condições de prosperidade se converteram em elementos de ruina. *Tremendo erro seria pretender illudir o paiz !*

Como é, pois, que n'esta hora, em que se escancára *o abysmo economico e financeiro* cavado

em longas horas de paz, pelos ministros da monarchia constitucional, — n'esta hora em que o *paiz vê contristado, mas resignado, que vae soffrer as consequencias dos desvarios,* — como é pois que o cynismo pelintra de tantissimos galeotes (deixo em paz os phantasistas) pretende extrair das festas de encommenda, que para ahi moveram a lastima, documentos vivos de uma adhesão do povo á monarchia? A quem buscam illudir esses farçolas ? E que vertigem ridicula é essa, que os leva a cantar *victoria*, quando o terreno estremece debaixo dos nossos pés, e quando o paiz *que vae soffrer as consequencias* tem de pedir **responsabilidades ?!**

*

Mas lá o diz, confortado, o expositor das nossas miserias:—«O paiz assiste contristado, mas *resignado*»... Falemos um tanto da resignação :

Haverá doze annos, viajava eu a bordo d'um paquete francez. Uma tarde, os passageiros de prôa estavam estendidos no convez, dormitan-

do. Havia alli representantes de diversas nacionalidades: portuguezes, hespanhoes e italianos. Deitados, formavam grupos distinctos. Um marinheiro francez chegou com uma vassoura e poz-se a varrer o convez. Ao chegar perto do grupo dos portuguezes, deu com a vassoura n'um d'elles, para que se levantasse, e como o homem se espreguiçasse durante alguns segundos, o francez arrumou-lhe um pontapé.

O nosso compatriota levantou-se humildemente, os seus companheiros imitaram-n'o, e todos elles se afastaram, sem uma palavra de protesto.

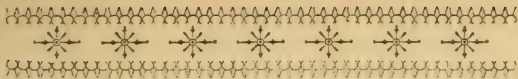
O marinheiro, praguejando, continuou a sua tarefa. Ao aproximar-se do grupo dos hespanhoes, repetiu a manobra da vassourada, mas não teve tempo de repetir a outra. O hespanhol, sem se levantar, tirou do bolso uma navalha e mostrou-a ao marinheiro. Em seguida, metteu a arma no bolso e virou-se para o outro lado.

O marinheiro furioso, mas contido em respeito, dirigiu-se ao mestre da equipagem e communicou-lhe o occorrido. O mestre mandou-o ir varrer para outro ponto.

Não pára aqui o caso. D'ahi a pouco, os outros hespanhoes, prevenidos pelo da navalha, dirigiram-se aos marinheiros, provocando-os. Travou-se um conflicto, em que os francezes apanharam a sua conta, sendo preciso a energica intervenção do commandante, para evitar uma lucta sanguinolenta.

Quando hoje li no artigo do *Jornal do Commercio* a palavra *resignado*, lembrei-me d'aquella scena de bordo: os meus companheiros corridos a vassourada e pontapé, *contristados*, *mas resignados*.

Se o leitor me pede a *moralidade* do caso, eu limito-me a dizer-lhe—que somos realmente dotados de uma especial e feliz organisação; que não somos cégos, mas que fechamos os olhos para não vêr, o que vem a dar no mesmo ; que preferimos a immobilidade á acção e que essa *immobilidade*, dando-nos a apparencia de *mortos*, offerece impunidade ás varêjas...

E estamos cobertos d'ellas.

XII

4 d'Outubro, 1891.

O paiz continúa em festa... em Cascaes e na Granja. Lembra-me aquelle especialista contra, as solitarias, que na estalagem de Famalicão dizia a Camillo Castello Branco : — «Eu trato da bicha cá no Porto e em Guimarães, mas para o resto do paiz, que vem a ser Almeida, tenho um ajudante.»

Exceptuando Almeida, — isto é, Cascaes e a Granja, — a festa não é grande. Em Lisboa fecham-se estabelecimentos por falta de recursos ; ha fallencias na Covilhã; em Aveiro a fome obriga o povo a comer sardinha secca já destinada

a adubar as terras; no Douro ha o que os meus amigos sabem, e os do Algarve, se lhes arrebenta a bocca, não é por abundancia de figos.

Um gelado sopro de miseria corta os ares, menos ruidoso que o estalar dos foguetes, mas promettedor de ruidos que o *Jornal da Noite*, indignado e algo phantasista, suppõe que venham a ser mais atroadores. Chama-lhe, de antemão, a folha lisboeta *ruidos significativos*; e, a proposito, o philosopho Tiberio, que anda azedo, *por motivos hemorrhoidarios*, disse :

— Ruidos, fóra o resto ! Que isto não é paiz: é uma sentina !

*

Congrégam-se homens e factos no empenho de justificar os sordidos pensamentos do philosopho. Vejam-me esta reforma do municipio de Lisboa, que rebaixa a capital ás fóssas do mais réles municipio sertanejo, e digam-me se estes diabos não abusam da nossa paciencia, — esta paciencia lisboeta, que deve entrar no proverbio ! Que a bem dizer não é a pura paciencia: é um mixto de condescendencia escarninha e de

tanto se me dá de pandego arruinado. Agora mesmo, tres ou quatro jornaes, muito lidos em Lisboa, batem em brécha a indecente reforma. O lisboeta já não lê depois do primeiro artigo; passa adiante, encolhendo os hombros, e procura annuncios de *creada para homem só* e de *quartos com porta para a escada.* E leve o diabo paixões!

E' por isso que o Pina, moralista de Alcobaça, com o olho aberto n'um *estaminet* de Paris, nos considera um paiz perdido, e assim o escreve em uma lingua que não figurou em Babel, mas que tem na imprensa muita originalidade. Fóra do jornalismo, a lingua do meu sapateiro assemelha-se um tanto, mas tem mais cuidado nas virgulas...

*

Pois é verdade; o governo que para ahi nos encanta escamoteou á camara de Lisboa todos os seus fóros; mas, não contente, pôz-lhe um especial carimbo de infamia: entregou-lhe as batotas, para um monopolio, — já são citados os

nomes dos monopolistas. No *pagode* maximo, a que assistimos, tinha direitos de collaboração a *dama de paus*, como salvadora da patria em perigo. Ahi a temos suggestiva de novos expedientes de salvação! A ideia redemptora suggerida pelo caso das batotas é o monopolio da industria das infelizes. Não vejo nitidamente o porque dos derradeiros escrupulos!

Falei-lhes, ha pouca, da *indifferença* do lisboeta. E' um facto positivissimo de cada hora; mas esse facto não exclue o de um tom geral, determinado, no principio de cada palestra, ahi pelos cafés, pela Avenida, por todos os pontos onde dois homens se encontram...

— Que ha de novo?

— Eu sei!...

— Pois você não sabe do novo arranjo? (cita-se um novo arranjo.)

— Tem graça!

— Tem graça, tem. Estes diabos estão com pressa em *acabar com isto!*

— Deixal-o acabar; não lhe parece?

— Cá por mim... O diabo é se não pagam aos empregados!

— Coração á larga! A vida são tres dias! Aonde vae você esta noite?...

Coração á larga! A vida são tres dias! E' uma philosophia de perdidos; pois não é? Que especie de estimulo inventará o Destino, para chamar á vida resistente um povo que assim se abandona?... O meu espirito compraz-se ás vezes, em *saborear* o veneno da inveja: a inveja dos que morreram, — dos libertados de toda esta miseria e do fartum de toda esta podridão, — dos libertados d'este espectaculo em que os altos tratantes se abraçam aos altos pataratas e dançam uma dança macabra á beira da sepultura de um povo!...

Coração á larga! A vida são tres dias!

O general Boulanger tem dado para algumas columnas de prosa. Considerações moraes sobre as miserias da vida. Coisa de nada! Parece impossivel aos moralistas que um homem, depois de atrapalhar o seu similhante, se atrapalhe na lucta com a Sorte e envie ao diabo o

resto do seu destino. O que ha de mais natural.

Houve ahi na imprensa quem mais uma vez chamasse paspalhão e insignificante, e por fim ridiculo, ao bravo soldado coberto de cicatrizes, ao conspirador politico vencido. Esses taes acolchetadores de ignominias, se teem feridas n'alguma parte do corpo não foram recebidas em batalhas — mas sim nos dominios fiscalisados pelo Ricord, e se algum dia conspiraram foi no *Martinho*, contra o senso-commum. Timidas bestas!

Quero fechar com chave d'ouro, e tenho alli quem m'a offereça. E' o sr. bispo de Bethsaida, o *simulado*. Esse varão illustre acaba de brindar ao rei, em nome do povo, n'um jantar de festa na Granja. Tem umas bonitas vestes de furtacôres aquelle singular prelado! Vejam os senhores a carreira do curioso principe da egreja —principe *in absentia*—aos tombos, da reacção para o liberalismo: do liberalismo para as escadas do Vaticano, como réles e contricto e despresado pedinte: da indifferença dos politi-

cos para as bajulações ao povo : da *cartada* democratica para os brindes á realeza ! E a imprensa republicana tomou a sério por momentos a *penultima aventura!* Que pensarão *d'aquillo* no paço dos nossos reis ?

Ora, adeus ! *Tudo enche !*

XIII

10 de Outubro, 1891.

Um jornal religioso — como elle se diz—trata da crise agricola em perspectiva, resultante da prolongada falta de chuvas; e, apontando os horrores imminentes, considera-os explicados pela falta de fé, que dia a dia se alastra em Portugal. E' do Porto a folha religiosa e está na orientação atrazadota de ha um quarto de seculo, quando as *Filhas de Maria*, na rua das Flores, d'aquella cidade, chamavam as iras do Senhor sobre a redacção do *Diario da Tarde*, accusando-o, em alto berreiro, de provocar, pelas suas cargas na Associação Catholica, a me-

donha carestia da batata e outros flagicios de entupir.

Não se trata, porém, das causas determinantes da estiagem funesta á alimentação do povo. O meu velho Tiberio, crôsta de philosophia trocista, diz-me que, a incommodar-se o Creador e Senhor dos mundos, contra as demonstrações obnoxias—impias e frascarias—da nossa gente, ao ponto de, ardendo em furias vingativas, a atacar nos trigos e nos favaes, não soffre duvida que os «crimes» do padre Amaro, do conego Dias, do padre Brito e d'outros assanhados pela patifa da primavera—coisas da chronica oral em reforço ao livro do Eça—fornecem contingente d'arromba, para a indignação do Eterno. E o philosopho, insistindo na feição bréjeira, progressivamente acentuada, d'aquelles ministros do Senhor, deriva-se ao projecto de *préces*, e pergunta-me com sorriso cynico :

«—No estado de desmoralisação do clero, salvo preciosas excepções, parece-lhe que será elle bom empenho para obter chuva?»

*

Não está para folias o meu cérebro. Não me disponho a commentar alegremente o parecer da folha religiosa, ácerca da *estiagem como castigo da impiedade*, menos ainda a brincadeira das *préces para o fim de obter chuva.* Eu julgaria chegado o tempo de ter juizo, no crepusculo do seculo XIX, se não estivesse convencido de que o *dia de juizo* dos povos é tão problematico como o *dia de juizo* temido pela Maria Augusta. Demais vejo eu ponto negro em toda essa embrulhada de suppostos mysticismos e de reaes mystificações: é aquillo de a estiagem—castigo de Deus—ameaçar apenas os pobres. Bem se importam com o anno de fome os *impios* que teem provida a sua burra! Perguntem ao da sociedade que se diverte, se não prefere os *dias lindos* para touradas, para digressões e villegiaturas e se não dá a todos os diabos a ideia do tempo chuvoso! E diga-me o salta-pocinhas *religioso* se os culpados, aos olhos do seu Deus vingativo, de immoralidade e impiedade são os pobresinhos do campo que vendem o gado,

porque não dispõem de pastos para alimentação d'elle: se são esses desgraçadinhos, que se descobrem ao ouvir o toque d'Ave Maria e que não faltam á missa da sua aldeia, — se são esses os impios e os immoraes dignissimos do *castigo de Deus,* — ou as gordas sanguesugas dos bens da terra e do suor e do sangue dos povos, incluindo entre ellas os prelados gordos, que para a corrupção geral não teem o anathema, antes lhe prestam apoio!

A fome é coisa séria, e Deus não me parece um X para brincadeira. Explorar aquelle facto e essa incognita é um cumulo de cynismo. Deus poderá esquecer; mas os pobres poderão lembrar-se. Tenham prudencia, se não teem vergonha!

XIV

12 d'Outubro, 1891.

De quando em quando, o commendador Francisco protesta, iracundo, contra a immoralidade do *Pimpão*. E' nas horas nefastas em que a Soledade lhe mette a alma de cantaro nas profundas dos infernos, pela via dolorosissima dos ciumes archi-justificados. Mas o commendador, escolhendo-me para confidente das suas coleras, não se afasta dos dominios da equidade. Dizia-me elle hontem, n'um intervallo do Donas Marias :

— Faço-lhe toda a justiça : com as immoralidades d'essa folha não tem que vêr o seu arti-

go. Não é o seu artigo que perverte certas pessoas *(piada á formosa!)*. O que as deita a perder são as bréjeirices em prosa e verso, demais a mais illustradas, que enxameiam pelo resto do jornal.

— Excitam as catitas, hein ?

— Excitam as ruins paixões, acalcanham a moral, esborracham o decoro, impellem á pouca vergonha !

— Grave responsabilidade! Mas o meu artigo, hein ?

— O seu artigo não é lido senão pelos caturras. A maioria não faz caso d'elle.

Declaro que me não feriu o amor proprio a deprimente affirmação de Francisco. Adversario incorrigivel das maiorias, exultei com a certeza de lhes não aturar a critica. Todavia, o desdem da gentil Soledade pelas preciosidades da minha prosa deu-me frio na espinha. O meu ideal seria mesmo falar só... com aquella *omelette* de perfeições. A Soledade na minha solidão — e d'ahi engatinhar até ao céu !

Pois é verdade, na opinião de Francisco, o *Pimpão*, salvo o meu artigo pacato, — perverte

os bons costumes da bella sociedade em que vivemos. Recordo-me, a proposito, de eu haver um dia confrontado, n'aquelle logar, as bréjeirices do jornal com a decencia de uma folha das mais sizudas — dois numeros ao acaso. Não que eu me ache envolvido em taes responsabilidades — como diz o commendador, tranquillisando me, — mas porque os escrupulos de Francisco reproduzem os de outro magico, e á conta d'estes ultimos se moveu a minha curiosidade. Li pois o numero do *Pimpão*, de cabo a rabo, e não achei n'elle, palavra d'honra, coisa que me pervertesse. Era n'um hotel, a tres leguas de Lisboa, e estava lá uma numerosa familia, com mulherio de diversas idades e com algumas creanças. Colloquei o jornal na casa de jantar, sem que ninguem visse a manobra, e dei-me o observar os *effeitos*...

Succedeu que as creanças viram, não perceberam, não acharam graça, aborreceram-se e largaram a folha ; duas meninas já cresciditas olharam, suspeitaram ruborisaram-se... e voltaram costas ; as senhoras já maduras deitaram o olho, carregaram o sobre-dito, e afastaram

o jornal. O chefe de familia descobriu-o, sorriu, apoderou-se d'elle e guardou-o.

No entanto, puzera eu em fóco o jornal sizudo. Observação de uma das senhoras :

— «Leiam vocês isto : isto sim, póde-se lêr.»

Era com as meninas e com as creanças. Formou-se um grupo de innocentes, ou pouco menos. Uma das meninas leu alto :

— «*Crime hediondo.* O sapateiro Florindo de Jesus desflorou a menor de 5 annos Joaquina da Piedade, communicando lhe molestias contagiosas. O patife foi preso.»

E os pequenos e as meninas em côro :

— Desflorou ! Mas o que é «desflorar» ?

E uma tia, trémula de furor :

— Quer dizer que tirou as flores á creança.

— E o que quer dizer «communicou-lhe molestias...» ?

Zás ! Papel arrancado ; distribuição de sopapos, e o chefe de familia intervindo e agarrando o jornal :

— Este é mais perigoso, que tem fama de sizudo !

É, dirigindo-me a palavra :
— Muito peior que o *Pimpão !*

*

Faz-me observar um homem que tem viajado muito :

— «Na Allemanha, por exemplo, onde é severa a repressão de folhas patuscas, a devassidão é espantosa, com a sua respeitavel hypochrisia» Não preciso de informação, para o suspeitar. Basta-me o caso de um certo cavalheiro meu conhecido, que a toda a hora, pelos logares publicos, bérra contra as leituras bréjeiras e ao qual não escapa livro, nem jornal patusco ; tudo compra, para se divertir com a *Faustina.* Ai do vendilhão de jornaes que lhe offerece na rua *O Pimpão*, ou qualquer outra publicação gaiata ! Se é rapaz pequeno apanha para o seu tabaco. Se é homem, ouve reflexões amargas como o cú d'um pepino.

*

Claro que não me diverte a ideia de *explicar* aos innocentes o que elles mais tarde não deixarão de saber — para se rirem, nem a de chamar a attenção das raparigas honestas para os equivocos da chalaça; mas reagir contra a publicação menos perigosa — porque é a mais franca, — em nome do pudor de cem ou duzentos mil patuscos que se divertem, e por amor da virtude, ameaçada, de outras tantas catitas mais *instruidas* que um soldado velho, é dar fóros de austeridade á hypochrisia. Sem duvida, não sou amador do genero, pois que — embora distanciado da gravidade do sr. Hintze — não sou dos mais dados á galhofa. Não defendo a minha obra, pois que o commendador Francisco me considera excepcionalmente correcto em meus dizeres; mas detesto os hypochritas que dependuram o ramo na porta d'aquelle jornal e que lá sabem onde bebem o seu vinho!

XV

16 d'Outubro, 1891.

Com o andar dos tempos, cuida a gente haver attingido a mais arida e mais serena indifferença por certas coisas de *sentimento;* vae d'ahi, sae-se um lamécha, com irritações de nervos, fervuras do sangue, erriçamentos de cabellos... Historias da vida!

A citada gente, a que já entrou no periodo glacial, sente duplamente as dôres da patria, quando a perde de vista, ou quando lh'a insultam extranhos, ou quando esses lhe apontam fraquezas d'ella. Sente pelo que soffre e pelo que *se absteve* de soffrer. Dôr e remorso: — re-

6

morso de, alguma hora, não haver bem amado sua mãe.

Lembro-me de haver olhado, com os olhos rasos de agua, para terras de Hespanha, d'Africa e do Brazil. Era como se olhasse para uma creança extranha, parecida com um filho recem-perdido. E lembro-me de eu haver tirado o chapéu, irresistivelmente, a bordo de um vapor a outro que passava — com a bandeira do meu paiz.

*

Ora, hontem, de tarde n'uma cervejaria, um hespanhol meu conhecido disse-me estas coisas cruéis:

— Uma circumstancia que eu tenho notado, não é no intuito de offendel-o, mas é em palestra que lh'o digo: Por toda a parte, nas ruas, nos cafés e nos espectaculos publicos, oiço, de quando em quando, a portuguezes de diversas idades: — «O melhor é que o estrangeiro tóme conta d'isto!» Não tem ouvido?

— Tenho.

— Ora, diga-me você, que tem viajado, se já

conheceu outro povo que tal dissesse, ou tal ouvisse sem protestar violentamente. Imagine um hespanhol a dizer, na Porta do Sol, em presença de trinta individuos, hespanhoes como elle: — «O melhor seria que o estrangeiro tomasse conta da Hespanha!» Que lhe parece que fariam ao tal sujeito?

— Sei bem o que lhe fariam. Mas a phrase não tem o valor que lhe attribue. São desabafos.

— Maus desabafos! Phrases d'essas, ditas impunemente, e diariamente ouvidas, generalisam-se e lançam raizes. Lembra o caso de um individuo que todos os dias fala em suicidio. Poderá resistir a uma catastrophe, e virá a matar-se por uma insignificancia. E' como o que alguns dias *pensa* em livrar-se, mediante um furto, de uma situação apertada. Está perdido; é questão de tempo.

— Tem razão.

— Decerto, tenho razão. Mas ha outra coisa. Afóra os maus desabafos, que falam do *estrangeiro a tomar conta d'isto,* ha coisa mais lamentavel: é dizer-se em presença do estrangeiro.

Tenho ouvido. A phrase, em familia, póde significar desalento ; assoalhal-a é cumulo de impudor. Já lhe não falo do cumulo de impolitica...

*

Cruel tudo isto ; pois não é ? Recordo-me de em 1874, na estação de Merida, eu haver trocado alguns sôccos com um hespanhol que me perguntára se eram de papel os soldados do meu paiz, e de em 1879 eu haver tido, á meza de um hotel no Rio de Janeiro, uma especie de conflicto com um brazileiro que deprimia a minha cidade de Lisboa E, todavia, soffri menos então do que hontem — ao ouvir as cruéis verdades do meu companheiro de cervejaria. E o hespanhol de ha vinte e dois annos dissera-me apenas um gracejo descortêz e o brazileiro de ha dezesete annos commettera apenas um erro de apreciação. E o homem de hontem citou-me friamente um facto miseravel, que eu tenho visto, mais de cem vezes, produzir-se.

Tem-se realmente descido muito !

XVI

18 d'Outubro, 1891.

Na época em que eu estive no Porto — 1874-1880 — disse-me um dia um exhausto camarada de redacção: — «Veja você esta brincadeira: ha quinze annos a fazer noticias de theatros e todos os dias a arranjar novas fórmulas! Isto vem a esgotar-se — as fórmulas!»

E eu, muito convencido: — «Ora, adeus! Ha sempre *fórmulas originaes*. Repare você nos milhares de caras que todos os dias vê. Nenhuma se parece com outra. Como diabo se arranja o Creador, para fazer tantissimas caras, todas á

sua imagem e similhança (é dos livros), e todas ellas differentes entre si ? !»

*

Dá-se isto das *fórmulas*, com os *assumptos*. Por vezes me acontece ver cerrado o horisonte ás minhas ponderações e annotações, porque se deu o esgotamento dos *casos*. Em taes circumstancias, a minha actividade resolve liquidar, por uma vez, sériamente desalentada, n'uma inercia absoluta e sem fim—e que leve o diabo a Vida, com o seu rabo-leva de cuidados! Mas, subitamente, dos jornaes, das esquinas, dos estabelecimentos, ou das immediações da Arcada, destaca-se uma historieta, uma phrase, uma caricia, ou um coice, — e ahi temos nós um assumpto!

Foi a proposito do encerramento das côrtes, que hontem á tarde, alli em frente dos Martyres, um patriota, referindo-se á inferioridade do ultimo parlamento—iguaes conclusões e menos lérias que nos precendentes, — assim bufava a suprema condemnação ás barbas de outro patriota: — «Aquillo foi a vergonha do regimen

parlamentar; mas não prejudicou o Suffragio, pois que não houve eleições: houve nomeações. Restabeleçam o Suffragio, e teremos vida nova. E' isto o que eu lhe digo, seu Barbuda!»

O qual Barbuda, especie de chipanzé, em seus gestos e focinho, concordou, n'esta fórmula absoluta: — «Pois está visto: a coisa é do Suffragio!»

*

Ora, ha um quarto de seculo que eu assisto ás manifestações de tão respeitavel Suffragio — sem nunca haver quinhoado de suas glorias, nem de suas responsabilidades, pois que *nunca votei*. Ao fundo e nas bordas do caldeirão em que o sarapatel referve, eu enxerguei sempre, ou adivinhei pelo fétido, — a coacção, o suborno, a violencia, as combinações réles, os apetites pelintras, a inconsciencia nas unhas dos matreiros, e rarissimo e por bamburrio a escolha dos mais intelligentes, mais dignos e mais desinteressados. Não me dá hoje *na gana* espatifar quatro episodios demonstrativos, na mesa das operações a sério. Vae apenas o seguinte caso occor-

rido ha quatro ou cinco annos, nos dominios do respeitavel Suffragio:

Tiberio, velho philosopho, meu causticador, vota nas Mercês, ponto de reunião dos mais zelosos eleitores da capital e onde os *Calçadinhas*, os *Pinoias* e outros notaveis teem operado prodigios de escamoteação e emborrachado os mais conspicuos espartanos. Tiberio é sóbrio, por exigencias do figado refractario a pingolêtas, mas gósa na fréguezia os créditos de incorrigivel femeeiro. De binoculo em punho, no alto da sua varanda, — como o administrador de Leiria no *Crime do padre Amaro*—o philosopho tem estragado o leite ás amas, o *crochet* ás meninas e o refogado ás cozinheiras da visinhança. E' um cão — de binoculo.

A politica, essa alcaiota, saltou-lhe em cima...

*

Havia um mez que Tiberio estabelecera baterias contra o socego do Edmundo vidraceiro, o qual Edmundo, senhor de uma governante

pennugenta e de plastica resistente, não apagava os fógos do philosopho, nem por um accordo amigavel, nem por um desengano severo. Tiberio, muito pratico em maroteiras do mundo, tinha-me dito : — «Em meados de novembro, antes do dia 24.» Tal dia é o da renda das casas. Tiberio não ama n'essa época.

Mas, na ante-vespera das eleições, a vidraceira demorou sobre o philosopho uns olhos pretos que Deus não envie ao meu descanço — pelas almas santas lh'o peço ! E Tiberio, allucinado, escreveu-lhe, a convidal-a para uma ceia.

Eil-a que acceita — a vidraceira — fundada na ausencia do seu Edmundo, retido em reuniões politicas. E Tiberio viu a tres dedos do nariz a felicidade, promettida (foi na sexta-feira) para domingo á noite.

Mas, no sabbado não foi a casa o Edmundo, todo em negociações com o *Calçadinha*, e a vidraceira fez signal ao philosopho, para que subisse, e, continuando a mostrar-lhe a felicidade, prometteu-lh'a para domingo á noite, se elle acceitasse e fizesse entrar na urna trez listas que ella lhe metteu na mão: uma para o philosopho,

outra para o creado e a terceira para o compadre Mathias.

Tiberio rendeu-se e, escravo da sua palavra, votou e fez votar os outros dois. E á noite preparava-se para sair de casa, em direcção ao Paraiso, quando mão discreta lhe introduziu por debaixo da porta este bilhete de vizita:

«Edmundo Pimenta

Vidraceiro

Agradece.»

Correu á janella. O Edmundo e a governante iam de braço dado, rindo muito, e Tiberio ainda a ouviu dizer, com a mais apetitosa bocca da freguezia:

— «Ora, o raio do velho!»

XVII

22 d'Outubro, 1891.

N'ESTES ultimos dias teem-se azedado os animos, e na imprensa formam-se nuvens prenhes de pancadaria. Se querem que eu lhes diga, acho esta animação preferivel ao pantano de grande crôsta, que ordinariamente se estende a perder de vista d'olhos portuguezes. A não ser que estes signaes de vida representem faiscas n'um brazeiro que se extingue, ou a natural briga na casa onde a fome entrou! Pouco viverá quem não assistir á explicação dos mysterios.

*

Alguns jornaes monarchicos dão a nota bellicosa á proxima viagem do rei. N'essa digressão, consagrada, como é notorio, a galardoar os esforços e os successos da industria portuense, querem vêr uma comprovação da *impotencia* do partido republicano no norte de Portugal. *Impotencia* — porque? Não representa essa nota desdenhosa uma provocação insensata? E' ponto assente, pela dignidade dos povos, que elles saberão abster-se de manifestações festivas e que deixarão o gaudio á irmandade; mas a que especie de manifestações os desafiam os provocadores? Não bastará a suspeita de uma farçada, em que os devoristas envolvem a realeza: bastará o esplendor official e a baixeza dos cortezãos para amargurar os que se debatem na miseria? Será util, será nobre, será sensato e prudente lançar os foguetes como luva á cara d'um partido para quem os opprimidos olham como para desaggravo e salvação?!

Não vejo utilidade em citações latinas, mas afigura-se-me que realmente corre por cima

d'estas cabeças, batendo e penetrando as mais elevadas e firmes, um forte sôpro de demencia! Sentir o estalar do vigamento do edificio e o abater do chão, e lançar foguetes pelas janellas, ter a vertigem da ruina e dependurar colchas nas varandas : olhar para o aspecto sombrio do padeiro recalcitrante, e encommendar *champagne* para banquetes : não ter camisas e encommendar cazacas : tudo isto póde ser audacioso, mas leva um individuo a Rilhafolles ou á Penitenciaria. Aonde levará isso uma nação ?

*

Ha um facto, que me não coutrista, nem indigna, nem irrita, — porque a gente vae perdendo na vida essas amaveis sensações, — mas que me prende singularmente a attenção. E' o das noções invertidas, em materia de *responsabilidades*. N'outros tempos, e não vão longe, o culpado era accusado e defendia-se. Hoje o culpado accusa, descompõe, calumnia e dilacéra — se lhe não aparam as unhas. O exame socegado das paginas do jornalismo contemporaneo, do d'es-

tes ultimos mezes, levará a desorientação ao espirito dos criticos e dos curiosos. Não ha opposição nem governo, nem juizes nem réus, nem accusadores nem defensores!

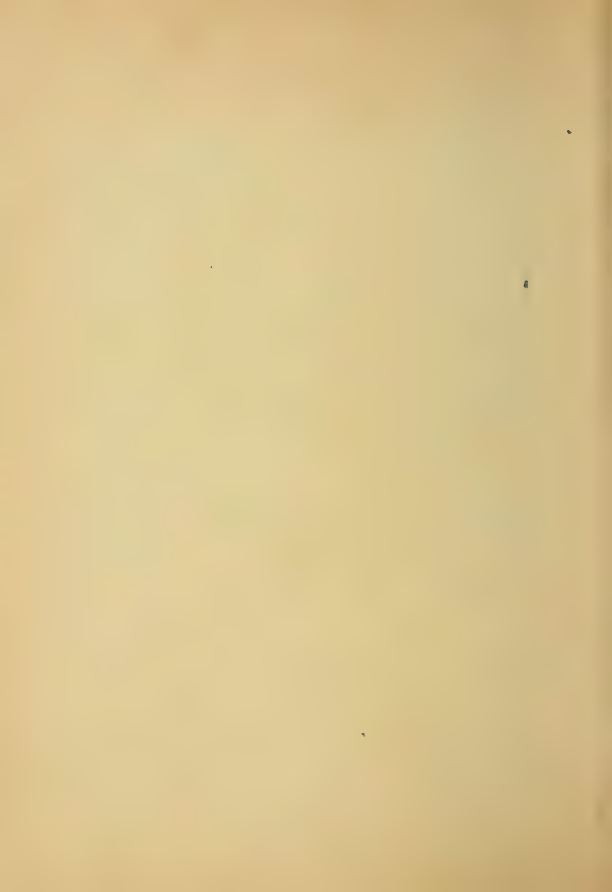
O que lançou mão *da faca e do queijo* não espera que lhe desputem a preza, ou que lhe contestem os abusos de comezaina. Com o instrumento cortante em punho, talha a primeira fatia e vibra logo uma facada á barriga do commentador. Dá aos queixos; e, com a bocca cheia, vae chamando *ladrão* ao outro. Muito mais decente o *Refilão* — no Borratem, entre as dez e as onze; quando o *Zé Tèso*, de aba larga, bocca de sino, olho pisco, e *bréjeiro* ao lado, fére a *prima*, com a unha acastanhada, e canta, com pigarro sepulchral:

Ora, em nome de Deus coméço!...

*

Grande desorientação partidaria — não se discute. Não ha um só partido que saiba dizer ao certo o nome do seu chefe. E depois, ha o re-

ceio dos compromissos! Conheço excellentes homens, de bons creditos na fréguezia, pança arredondada e recto *idem*, que ha perto d'um anno se vêem gregos, com um olho no Lopo, outro no Serpa, e as mãos no *outro* — sem preverem em que as modas fiquem, e dando ao diabo as incertezas. Estas situações, graves para o equilibrio, estorvam as *dedicações sinceras* com os elementos respectivos; produzem flatos, aneurismas e estonteamentos consequentes. São esses politicos de furta-côres os que mais atiram ao vermelho, — por odio ás côres definidas. São os sapos da *planicie* na Convenção: os que votaram a morte de Danton, com medo de Robespierre e a morte de Robespierre,—outra vez por medo d'elle. Triste sucia!

E tal sucia é hoje a maioria.

XVIII

25 d'Outubro, 1891.

Na manhã de 21 do corrente sublevaram-se os presos do Limoeiro, n'um tremendo alarido que fazia lembrar um parlamento — embora os termos fossem mais comedidos. Pelas janellas arremessaram pedras, tamancos, caqueirada e pedaços de caliça, e se não atiraram cabeças de burro foi porque taes objectos estavam fóra do seu alcance, — empregados, como é estylo, na montagem da victoria eleitoral.

Averiguadas as causas dos disturbios, chegou-se á conclusão de que os presos do Limoeiro protestavam, a seu modo e em harmonia com

os seus recursos, contra a medida governamental que enviava para a Africa os vadios. Houve quem se risse d'esta manifestação *fraternal*. Eu não me ri, talvez porque estou acostumado a rir de coisas e de pessoas que por ahi se tomam a sério. E ainda por outro motivo.

Nas almas mais gangrenadas, é difficil obliterar completamente um certo instincto de justiça. Creio que seria esse instincto o que se revoltou no animo dos sublevados. Porque a verdade, em que peze aos declamadores, aos bacharelotes e aos sophistas, é que a *vadiagem incorrigivel*, com dezenas de condemnações por delictos que são o resultado da ociosidade, pode *corrigir-se* no continente europeu — pelo trabalho obrigatorio. Concebe-se que a Lei previsse o triste séstro d'aquelles miseraveis e creasse, para lhe impedir a expansão, um estabelecimento *meio officina meio cadeia*, onde os costumes do trabalho se apoderassem gradualmente d'aquellas indoles, sem que a justiça esperasse, para proceder, um cadastro de vinte condemnações. O que me revolta é o desterro sem julgamento, e ponho de parte a sentimentalidade, para só

me inspirar na justiça que está no fundo da consciencia de todos nós.

E agora me diz de lado um rato de imprensa, visinho : — «Está você em muito boa companhia !» Deus de meus paes ! Como eu prefiro as bestas-féras ás bestas sem mais coisa alguma !

*

Insubordinados os presos, a força publica exorbitou, como deploravelmente costuma. Sem intimações, os municipaes fuzilaram, da rua para o interior da cadeia, os encarcerados. O facto revoltou, pela brutalidade ; e como seja *ponto assente* em boa politica — querida politica nacional ! — que os actos do poder e da auctoridade devem ser apoiados pelos conservadores e que os revolucionarios não pódem ter razão, ao condemnal-os, produziu se este facto curioso : os jornaes republicanos censuraram os abusos da força, e os jornaes monarchicos, os mais façanhudos, aggrediram a Republica, á conta da sublevação dos presos.

Já viram mais absurda e grotesca desorienta-

ção em espiritos que se dão ares de dirigentes? E não pára ahi o desaforo. Como quer que um jornal, *A Tribuna*, formulasse contra a guarda municipal expressões duras e mal soantes—pelo menos para os ouvidos d'essa milicia,—a auctoridade suspendeu o jornal. Apraz-me suppôr que em qualquer outra classe, exceptuando o jornalismo, uma semsaboria grave, soffrida por um dos membros d'essa classe obterá sempre dos outros membros d'ella ao menos as apparencias de sentimento. Pois a suppressão do jornal foi festejada por dois ou tres *collegas*. Não dá gosto trabalhar na vinha do Senhor?

*

Vae mais longe em *ferocidade* um dos dois ou tres collegas: *O Portuguez*. Este considera ominoso o facto de se haver permittido a publicação da *Tribuna*, dada a circumstancia de esse jornal declarar, ao nascer, que vinha substituir a *Revolução de Janeiro*—prohibida. E todavia, os politicos queridos d'aquella folha bem sabem que a opinião publica vê n'elles, quando nas-

cem, ou quando renascem, os correctos *continuadores de outros de iguaes manhas e prendas*, e essa opinião toléra os recem nascidos, e com essa tolerancia os embala e anima nas tortuosidades da existencia. Nem a misericordia que os envolve os obriga ao respeito das conveniencias!

Na corrente d'estas considerações, diga essa opinião publica se já viu, ou se um dia concebeu mais deploravel situação do que a da imprensa republicana em Portugal, nos dias que vão correndo. Não quero falar dos abusos, que são fructo da natureza humana: é parte indiscutivel a sua existencia — nas formulas da critica e nos factos que determinaram essas fórmulas. Mas para essa classe, para essa instituição — para uma parte d'ella, a que mais e melhor traduz as aspirações, os queixumes e os protestos do povo — estabeleceu-se um simulacro da lei que se deriva do *estado de sitio*. Não é o governador militar quem julga e condemna; mas é o governador civil quem delega n'um commissario de policia, e este em tres policias a intimação *mortal* a um orgão jornalistico. Redacto-

res, administração, compositores, e resto do pessoal — trinta a quarenta homens — suspendem o seu trabalho violentamente; as machinas suspendem n'o por igual, e um jornal morre — porque a auctoridade civil embirrou com elle E não é permittida a appellação, que aos facinoras e aos gatunos é concedida!

Tenho quarenta e dois annos de vida e vinte annos d'este rude *officio*. Querem que lhes diga? As oppressões e as violencias, de que elle está sendo alvo, desalentam-me uma hora em cada mez... No resto do tempo — adoro-o!

XIX

29 d'Outubro, 1891.

Comecem os meus amigos por tomar esse copo de absintho, que o *Jornal do Commercio* offerece nas suas columnas, infelizmente pouco vulgarisadas, aos *gourmets* do escandalo nacional:

«Sr. redactor.

«Somos informados de boa fonte que o nobre ministro da fazenda projecta, além da batota nacional, outras medidas não menos salvadoras, tendentes a auxiliar e completar aquella.

Avulta entre todas, pelo enorme lucro que resultará para o Estado, o projecto de se edificarem, em Lisboa, Estoril e outros pontos, sumptuosos templos dedicados á deusa Astarte e destinados ao recreio e distracção dos quinze mil estrangeiros que são esperados em Portugal. Parece que a direcção geral d'estes estabelecimentos será confiada a D. A. Moreno. O pessoal para o serviço interno será recrutado em Hespanha, França, Italia, etc , para o que seriam creadas agencias em Sevilha, Paris, Roma e outras cidades. Fala-se tambem em outros templos dedicados á memoria de Sodoma e Gomorrha.

Calcula-se o rendimento d'estes estabelecimentos em 20 mil contos, dos quaes metade reverte a favor do Estado.

Uma outra medida é a creação de escolas, onde se ensinará a arte de roubar estrangeiros ricos, em todas as suas ramificações, como *pick pocketage*, arrombamento, assalto na estrada, jogo falso, etc. N'estas escolas serão admittidos gratuitamente todos os portuguezes, sem distincção de edade ou sexo. E' claro que a metade

dos lucros que depois houver, serão para o Estado.

Para que todos os portuguezes possam frequentar as aulas, convem não os distrair com outros misteres e por isso serão supprimidas as escolas de instrucção primaria e secundaria, os lyceus, a Universidade de Coimbra, as polytechnicas e institutos analogos, bem como as associações industriaes e commerciaes, as fabricas, a lavoura e exploração de minas, emfim tudo o que não dê um proveito directo para o Estado.

Ainda estão em embryão mais medidas salvadoras da mesma força, mas por hoje já basta.

«Um batoteiro.»

Aromatico, suave e estomacal; não é assim? Agora, com o estomago preparado, entremos na região dos petiscos...

*

A *epocha ominosa do Cabralismo* — como se diz em jornalismo bolorento — parece destinada

a eclipse, n'um papel passivo e deploravel. Não quero dizer que resurgem as scenas da pancadaria realizadas por caceteiros officiaes. A gente que nos governa não é do temperamento do rude Costa Cabral — o sanguineo e impetuoso beirão. Inclina-se mais á imitação do Mazarino, o favorito da Anna d'Austria. Hão de lembrar-se de que o italiano velhacaz, ao ouvir as cantigas satyricas da *Fronde*, commentava, com sorriso astuto:

— «Deixal-os cantar, que elles pagarão!»

Nós *cantamos* muito, e pagamos. E' o quanto basta para conter ás iras que se manifestam pela tareia physica. Todavia, um processo existe mais aviltante e n'este momento em activa applicação. Olhem para estas bellezas, de que é alvo um dos nossos collegas de Lisboa, um dos mais energicos soldados da Democracia e o mais antigo e inflexivel defensor dos direitos populares — alludo á *Folha do Povo* — e digam-me se o facto não constitue materia ultrajante para a dignidade profissional de nós todos, para a dignidade do partido republicano — e para a hombridade d'um povo.

A breve distancia da officina d'esse jornal, ás horas em que os distribuidores e os vendilhões saem com os numeros da folha, para a distribuição e para a venda, os policias civis esperam. Fazem parar aquelles individuos; procedem ao exame do jornal, e por fim concedem a phrase sacramental do guarda das barreiras que não encontrou contrabando:

— «Póde passar!»

Subam do espinhaço d'esses fiscaes á origem do aviltantissimo véxame — e digam-me se o facto não caracterisa uma sociedade que se esphacela. D'um lado a podridão; d'outro, a *indifferença*, que se parece muito com ella.

*

Porque, afinal, dadas todas as circumstancias de tyrannia mansa, que estão sendo produzidas contra o jornalismo republicano, será bom lembrar a todos, a todos que nos lêem e que um dia appellaram para a imprensa jornalistica, como para o supremo tribunal grato aos opprimidos, —será bom lembrar-lhes que uma vez destruido

este tribunal, ou este baluarte, não lhes ficará outro para que appellem, ou em que busquem refugio.

A indifferença publica em face das perseguições e dos ultrajes, de que a imprensa republicana está sendo alvo, seria odiosa como ingratidão atroz, e seria imbecil como desprezo da propria conservação. A nós vem todos os queixumes, todas as reclamações, todos os protestos, contra os abusos, as extorsões e as arbitrariedades. Acolhemos todos os depoimentos algures desprezados e fazemos valer esses depoimentos. Mais nos temem os que mais prevaricam, e são esses os que mais nos odeiam e calumniam. N'esta lucta ingloria se nos consome a existencia, sem uma nesga de repousado horisonte antes da morte. O que pedimos nós em troca ? A solidariedade na hora da oppressão.

Não poderá a opinião publica lançar á conta de absorvente exigencia as minhas palavras de hoje : — Quando o poder relaxa a imprensa ao *visto* da policia civil, é preciso que a opinião *sinta* a bofetada que é dirigida aos seus defensores de cada hora.

*

Um jornal queixa-se de que o ministro das obras publicas, empenhado na tarefa das economias, deixa uma estrada de 28 kilometros com *um só* cantoneiro para a conservar.

Immediatamente, o *Diario Popular* responde pelo economico ministro :

«Lastimam-se alguns jornaes da falta de cantoneiros nas estradas, censurando o sr. ministro das obras bublicas, attribuindo lhe a causa de estarem mal conservadas.

«Ora, o sr. ministro das obras publicas em que se empenha é em dotar o serviço de conservação de estradas com maior verba para material e menos luxo de pessoal como até aqui.

«Era frequente nos districtos gastarem-se dezenas de contos só para pessoal, ao passo que para material se reservava unicamente uma verba diminutissima. O sr. ministro das obras publicas, supprimindo muito pessoal inutil, e que a bem dizer só figurava nas folhas, torna mais proficuo e mais aproveitavel o serviço da con-

servação das estradas, sendo digno de louvores em vez das censuras que lhe dirigem »

Estão d'aqui vendo os taes 28 kilometros com *um* cantoneiro, em vez de *quatorze*. Mas é preciso que lancem em conta, para louvarem o ministro, que esse cantoneiro solitario está provido de material para *vinte e oito.*

Observação do Tiberio:

—«Você está mortinho por lhes chamar burros!»

XX

1 de nov. 91.

A' data em que lhes escrevo, milhares de familias percorrem, de ventas para o alto, as ruas de Lisboa. Toda essa gente tem o ar afflicto e desolado de quem se prepara para emigrar sem recursos. E' meia população da capital, que põe escriptos e que procura casa mais barata.

Sem falar das indecentes besbelhoteiras que vão *vêr casas* — para metterem o nariz na casa alheia. De tal pandega se não gabam á minha custa,— que eu sou inquilino inamovivel.

*

Rendas altas e recursos que diminuem. Além d'isto, muita imprevidencia. A grande parte d'aquella gente seria possivel, com certo sacrificio de distracções e de folguedos, pôr de lado todos os dias, ou todas as semanas, uns vintens, ou uns tostões, destinados ao *coup n* do semestre. Nem pensam n'isso. As inquietações angustiosas reservam n'as para a ultima hora. E apezar dos enganos, das mortificações e do inferno das incertezas, confiam no inesperado e nos expedientes.

E, todavia, o lar bem merece sacrificios. O cantinho de nossa casa, onde é licito depôr a mascara, falar alto e claro, arejar a alma, rir e chorar sem constrangimento, soffrer sem vergonha do mundo e gosar a liberdade sem restricções dos hypochritas: esse cantinho da terra, onde vivem os nossos entes, ou as nossas recordações, onde os nossos livros e os nossos moveis testemunham dos nossos projectos e das nossas esperanças, — tudo isso vale, decerto, a

pena, para ser conservado, de que nos privemos de folias exteriores.

A maior parte d'essa gente, que por ahi vae de nariz no ar, não o entende assim. E' verdade que para muitos constitue a casa um odioso inferno. Vae se alli ás vezes para comer e dormir, e foge se para a rua, sem mudar de fato. Assim se concebe a mudança de todos os semestres. *Pôr escriptos* é um pretexto para a grande fuga...

*

Não falo dos que se mudam, porque a miseria permanentemente lhes impõe aquelle fadario. Mas ainda em grande parte de taes miserias predomina a imprevidencia, com seu grão de loucura. É vêr as mudanças, d'aqui a um mez. Não ha mobilia em bolandas que não apresente uma feição grutesca, menos para riso que para tédio. Ha reposteiros, tapetes, *étagères*, mobilias de luxo ; os enxergões e os colchões vomitam a palha e a lã e apresentam luras de persevejos. A loiça da cosinha e os moveis *que não*

estão na sala são o refugo da triste *feira da ladra* e deixam adivinhar cobertores e lençoes esburacados, nas trouxas que os gallegos recalcam entre os fueiros da carroça. Nas janellas, as visinhas Lopes — os estuporinhos! — assistem á exposição da caqueirada. E todos os semestres assim.

Não ha um verdadeiro impudor n'essa operação que vira do avêsso, em publico, o lar domestico? E não haverá frio nas almas que não conseguem affeiçoar-se á casa, aos tectos, ás paredes, aos pontos de vista, ao pregão—a hora certa — do homem do leite e da mulher da fructa?

*

O José Guedes, da Companhia dos Tabacos, morador na minha rua, apanhou ha tempos uma *sorte*: perto de dois contos de reis. Queixava-se-me elle, de quando em quando, de que a sua pobreza lhe não permittia comprar certos arranjos caseiros e ter de parte umas libras para uma doença. Estive uma temporada, sem o vêr,

depois da *sorte*. Quando o encontrei, felicitei-o, e notei que o homem mastigava um remorso. Foi a creada Josepha, uma cavallona estupida e besbelhoteira, despedida pelo José Guedes, quem narrou o seguinte a um seu novo patrão, amigo meu :

D'um conto e novecentos mil réis, o José Guedes fez estas coisas diabolicas, nos taes arranjos domesticos : mobilou a sala de vizitas — piano, *fauteuils*, sophá, espelho, *étagères*, lustre de crystal e uns quadros ; comprou anneis, cadeias de ouro e dois relogios ; foi jantar uma vez com a familia ao *José dos Pacatos* e ceiou dez vezes no *Augusto*, com uma hespanhola publica. E acabou-se.

Mas, ha um *post-scriptum* : — Dois mezes depois, o José Guedes pôz no prégo a mobilia da sala, os anneis, as cadeias e os relogios, e d'ahi a um mez vendeu as cautellas do *prégo*.

Foi ha tres dias que elle me disse :

— «Nem dinheiro para uma doença, nem arranjos caseiros, nem dinheiro para pagar a renda ! Mudo-me, já se deixa vêr ! Mas, diga-me você se se atura uma vida assim ? ! »

E eu:

— Conforme. Se a hespanhola é boa...

*

Está-me a lembrar agora, e tudo isto vem a proposito de *entalações*, — está-me a lembrar um excellente rapaz que eu conheci no Porto, ha uns vinte annos. Era meu companheiro de casa: jogava todas as noites e, quando perdia, o que era muito vulgar, entrava na hospedaria ás tres da madrugada, vociferando. Acordava tudo, berrando contra a *infame organisação social*. Uma noite foi bater-me á porta do quarto, para me perguntar se era crivel e se era justo que um homem honesto, intelligente e trabalhador, como elle, se visse em permanentes afflicções para pagar ao alfayate. Recommendei-lhe que se resignasse, porque lá estava o alfayate para soffrer por dois. Episodios da Bohemia; bréjeirices!

Ora, na manhã immediata, ouvi eu grande algazarra no quarto do sujeito. Era o alfayate que

o surprehendera na cama. Seguiu-se um som metalico, e vi logo depois sair um homem, com profundas reverencias.

Era o alfayate. Recebera a prestação semanal — *meio tostão*. E ordinariamente ia um pataco falso...

Veiu isto a proposito de *mudanças* e da *infame organisação social*.

XXI

4 nov. 91.

PERGUNTA-ME um collega amigo :
— «Como é isso da Polemica ?»

E' no tom em que eu, ha quinze annos interrogava o meu velho amigo David Ramos, do Porto, sobre os *mysterios* do relogio — «Não me explicará você, de modo que eu chegue a perceber, os mysterios do relogio ?»

O meu intelligente amigo deu-se a tratos de polé, para o fim de elucidar-me sobre aquellas coisas escuras. Perdeu o tempo. A minha estu-

pidez em relojoaria deixa-me ainda hoje tão pasmado, em frente d'aquellas engenhocas, como um cão em frente de um espelho.

— *Como é isso da Polemica?*

*

Como é *isto* da Polemica?

Eu lhe digo. Em Polemica não ha *mestres* que nos orientem; ha *vocação*. Eu conheço, de perto tres polemistas de primeira grandeza: Louis Veuillot, Proudhon e Camillo Castello Branco. Estudei os com afinco e com amor,—o primeiro nos *Libres Penseurs*, nos *Odeurs de Paris* e nas columnas do *Univers*, o segundo na refrega com Bastiat e o terceiro em toda a sua obra,—a sua obra de polemista, bem conhecida. Não aproveitei cousa alguma. Veuillot, considerado *verrinoso* pelos que o não lêram, distinguia-se pelo *sangue-frio* e pela *ironia de superior*; Proudhon tinha a *logica*, depois a *impetuosidade*; Camillo possuia o *inesperado* — accrescentando o *genio*. Nada d'isto se estuda, nem se assimila. Não se aprende, nem se imita o sangue-frio, nem a su-

perioridade da ironia, nem a logica, nem a impetuosidade que d'ella se deriva, nem o inesperado genial. O melhor processo é cada um estudar um processo todo seu.

*

Raro me succede, a dois terços da vida, deparar-se-me adversario, ou caso de adversidade — individuo ou facto — que me produza no espirito ligeira perturbação. No que toca aos individuos, o paiz onde vivemos é pequeno: conheço os recursos dos combatentes. Pelo que importa aos casos de desgraça, a vida é curta: dispensemo-nos de afflicções...

Succede, porem, que n'um dado periodo de irritação, ou tédio, ou de *natural* mau humor, a perspectiva de uma polemica póde despertar-me o interesse. Ha ainda *outra razão* :

Uma tarde, ha sete annos, na Foz do Douro, dizia me Camillo Castello Branco :

— Todas as vezes que um d'esses rapazes se lembra de me aggredir, eu penso nos conselhos de alguns amigos, tendentes a desviarem-me da

resposta. Dizem-me esses amigos que eu tenho os meus creditos firmados em perto de quarenta annos de trabalho e que não sou obrigado a luctar com o primeiro aprendiz que me faz negaças. Mas eu lembro-me do Castilho e do Herculano, que foram para outro mundo, contusos e esfolados *porque não quizeram descer*. Quando você ha dez annos, um creançola, me beliscou, escreveu-me de Lisboa o Teixeira de Vasconcellos: — «Não responda! Este sujeito não guarda o decoro.» — E eu disse-lhe: — Nem eu! Quem melhores as tiver melhores as joga!»

Ora, ahi fica a *outra razão*. Eu não sou o Herculano, nem o Castilho, nem o Camillo; mas tambem não é necessario ser um Rotschild, para um homem vigiar o seu dinheiro.

*

Deixem-me satisfazer o tal amigo que me pergunta — o que é *isto* da polemica.

Apenas o adversario desmascara os seus intuitos malevolos, eu ponho a questão n'estes

termos : — *Hade chegar ás ultimas consequencias*. E' positivo que eu só discuto e esgrimo quando estou convencido de que *tenho razão*. Estar d'isso convencido, quando se é sincero, é meio caminho andado para vencer.

Quando a meio da polemica, eu descobrir que estou em erro, não terei duvida em retroceder, desculpando-me. Ainda tal não succedeu.

Ao terceiro bote do adversario é facil descobrir *a fraqueza* do nosso homem. Falta-lhe a logica, ou falta-lhe a grammatica, ou o estylo — ou a sinceridade que de certo modo o robustece; enfurece o a ironia, ou foge das violencias, ou descobre-se pela precipitação no ataque, ou ataranta-se e só pensa em cobrir se, ou *teme as ultimas consequencias*, ou precipita-as para terminar a questão: — duas manifestações do medo; o medo no *homem* e o medo no *polemista*.

Uma vez descoberta *a fraqueza*, está indicado o ataque. O resto é do *sangue-frio*, e dos *accessorios*, bem entendido. Ora, o que vem a ser os *accessorios*? Uma resultante do sangue-frio, que faz convergir o ataque sobre a *fraqueza* revelada do inimigo. E' claro que são indispensaveis

especiaes recursos; mas fazer polemica não é indispensavel n'este mundo. E' licito fazer botas, ou fazer operações financeiras.

Mas, ha uma coisa indispensavel: fugir do abuso. N'um dado momento, toda a galeria percebe que um dos combatentes está por terra. O melhor *golpe final* é *perdoar*.

Entendeu — o meu amigo?

XXII

10 nov. 97.

Tem-me impressionado muito, n'estas ultimas horas, a opinião do Tiberio sobre os perigos da derrocada economica. Entende o philosopho que a situação não é tão negra como a pintam os descontentes e diz-me palavras severas, á conta das minhas inquietações. N'este ponto o meu caro Tiberio parece um sacristão dos frades Marianos. Muito optimismo e batatas respectivas. Ainda esta manhã, encontrando-nos alli em baixo na Havaneza, tive ensejo

de verificar a sinceridade da invejavel quietação do philosopho. Disse-me elle :

— «Temos encargos, não ha duvida ; quem é que os não tem ? Aqui, onde você me vê, já aguentei, durante tres annos, uma hespanhola, sem eu ter um real. Custava-me os olhos da cara, mas isso não vale nada, porque o homem previdente tem sempre olhos de reserva — para as occasiões criticas. O nosso paiz não terá certo o pão de cada dia e aguenta hespanholas de truz, mas tem recursos extraordinarios, meu caro amigo. Olhe que ha recursos extraordinarios !»

Eu experimentei alguns allivios, e a situação manifestou-se-me, sem duvida, na physionomia, porque o Tiberio proseguiu satisfeito :

— «Temos muito que pôr no prégo, e muita inutilidade que vender. Se quer que lhe diga, até chega a ser um descanço. Eu tinha umas quintas, que mal davam para o custeio. As aboboras punham-me a cabeça em agua. *Felizmente*, a minha hespanhola tinha um estomago que não havia aboboras que lh'o enchessem. Tive muitos escrupulos, antes de proceder sensatamente. Puz-me com romantismos, a lembrar-me

de que debaixo de tal arvore sentava-se minha mãe commigo, no tempo da minha infancia, e de que as fructas d'outras arvores constituiam o encanto da mesa paterna, etc. Historias! Aquillo trazia-me preocupações, e a rapariga chamava-me coisas d'entupir. *Libertei-me*: hypothequei, vendi, desembaracei-me d'aquellas espigas. Foi-se tudo em touradas, ceias no Silva, pandegas de estalo no Dá-Fundo, grandes rapiocas em que havia do bom e do melhor para quem apparecia a horas; cheguei a ter um serralho, como o do Grão Turco, e todos os dias o commissario geral de policia me dizia: — Olhe você que a visinhança queixa-se!»

— Que diabo quer você dizer na sua, ó Tiberio!?

— «Quero dizer que o paiz faz-me lembrar das minhas rapaziadas. Pouco dinheiro, muita audacia e muitos expedientes, todos elles ***honestos***, já se deixa ver!»

— Honestos, hein?

— «E' claro. Pois você não acha que um governo em apuros tenha o direito de desfazer-se de inutilidades? O que entende você que sejam

as colonias? São fócos de immoralidade administrativa e sorvedouros de dinheiro da metropole. O governo tem urgencias positivas...

— Hespanholas, hein?

— «Ou francezas. Tem urgencias positivas; não tem dinheiro; tem aquelles recursos; desfaz-se do inutil, em proveito do agradavel. Isto é humano, é racional, é logico, e tem seus toques de pittoresco».

— Você está hoje trocista, ó Tiberio!

— «Eu?! Nunca falei mais sériamente.»

— Você acha que procedeu bem, desfazendo-se das quintas paternas?

— «Ora aboboras!»

— Aboboras... seriam. Mas olhe que as hespanholas eram cogumellos, e de má raça! Você não podia ter melhorado as suas propriedades, tel-as administrado, tel-as feito valer? Preferiu a pandega. E' o que você espera do seu paiz, alma damnada!? São os recursos extraordinarios que você descobre na vida futura da nação?

— «Pois está claro. Melhorar, administrar, fazer valer é trabalho de espiritos mediocres, burguezes, e *de certo modo* rotineiros. Aqui onde

você me vê, não tenho encargos moraes. Quando eu nasci não tinha coisa alguma. Depois arranjei-me com o Acaso. Disfructo a vida como posso, sem obrigação de deixar a outros. Quem tiver aboboras e as não converter em Champagne é tolo. Ainda bem que vivo n'um paiz onde você é uma aberração. Faz você muito bem !»

Guardo para os meus botões o meu sentir muito intimo sobre o seu fazer bem ou fazer mal. São pontos a discutir entre os meus herdeiros e os meus discipulos. O que me parece é que o espirito que illuminou Tiberio na hora em que elle se desfez das aboboras é o mesmissimo espirito que está illuminando os nossos *salvadores*. Vae-se para o fundo, mas com Champagne. Se não temos a satisfação de bebel-o; teremos o doce encargo de pagal-o. Deus nos ajude a todos!

Agora mesmo acabam de revelar-me, a proposito das coisas do Brazil, uma série de maravilhas que não são precisamente as aboboras do philosopho.

Imaginem que na Europa, em Paris, um agitador brazileiro chamado Prado sustenta na imprensa franceza uma campanha de descredito contra a republica brazileira, ao serviço da ideia da restauração. De Paris, o Prado illustre abriu os seus vôos sobre Lisboa, e á ultima hora a dinheirama imperialista e orleanista vae fazer gemer prélos portuguezes, na obra de diffamação.

E a obra já foi encetada por amor da arte; e isto quando o enviado portuguez Mattoso dos Santos solicita no Rio de Janeiro a benevolencia da republica em favor do commercio e da industria de Portugal! Da indignação que por lá vae, contra nós todos, chegam, em cartas particulares, as mais deploraveis noticias. Deixo ao espirito critico ou á simples observação dos leitores a tarefa de apurar se em todas essas manobras a protervia leva da vencida a imbecilidade, no afan de prestarem os seus serviços...

Por hoje nada mais lhes digo.

XXIII

26 de Novembro, 1891.

UMA que ha vinte e quatro horas me traz perplexo é aquella do sr. Ramalho Ortigão escrevendo no livro de uma fabrica :

«Na guerra das nações modernas, que não é já a guerra dos homens, mas a guerra dos productos, o *operario* é o soldado a quem está confiada a integridade, a independencia e a autonomia da patria.»

Que diacho escreveria elle n'um quartel — para agradar á tropa ?

*

Este *brilhante critico* — é o termo consagrado — está no ponto de vista em que o sr. Thomaz Ribeiro se collocou para a elaboração das *Novas conquistas:* a celebração das glorias do *escopro ou serra* sobre a *espada ou lança;* a sonora phrase dos *mil arsenaes* em frente da officina vencedora.

E' poetico, da ingenua poesia dos crentes; mas não é exacto. Entre as causas mais ou menos mysteriosas da espantosa crise economica escancarando abysmos por essa Europa em fóra, avulta a dos armamentos colossaes, sem precedentes na Historia, que esgotam as forças vivas das principaes nações. Não ha nações poderosas, com prolongadas faculdades de resistencia contra os milhões de homens armados e as formidaveis esquadras que aguardam a grande lucta. N'este momento historico pavoroso é, pelo menos, de mau gosto celebrar o predominio, a acção e a gloria das classes trabalhadoras esmagadas pelo peso dos canhões e cegas pelo scintillar dos sabres. O operario chegou ao mo-

mento de instincto, não direi ao momento de critica, referindo-me á generalidade, — em que as saudações ao seu predominio são por elle aquilatadas á luz sombria da sua miseria. Sem garantia de trabalho, sem protecção na velhice, conservado ainda em *chair à canon* dos grandes industriaes, ou dos grandes syndicateiros, pouco tem que vêr na *guerra dos productos* paralysada pelos preparativos d'outra guerra. As glorias, as condescendencias, os favores, as honrarias, os proprios pavores — tudo isto são homenagens absorvidas pelo homem de guerra que vae ter a palavra e pelo alto burocrata, que nos parlamentos dá a lei a governos e a governados. Exaltar a situação do pária, — concedam-me o velho termo, porque é justo, — representa alguma coisa mais grave do que um erro de critica: é no fundo um escarneo, que obriga os alvos da saudação a meditarem sobre a verdade das suas *glorias!*

*

Um *facto* symptomatico deve fazer tremer os interessados na conservação da velha sociedade:

é a tendencia, da ultima hora, para *mentir*. A palavra é rude, mas eu generaliso-lhe a applicação. Estamos como o homem que se arruina, que vae cahir na miseria e que não só fecha os olhos, mas que inventa activos do orçamento. Parece que pela mentira affastamos o perigo. Não se afasta a expiação.

Os povos expiam condescendencias, confianças, abdicações de direitos. A obra revolucionaria tem sido sophismada na corrente de um seculo, e a solução do problema, creado por taes abdicações, compete á revolução social produzil-o. A proxima futura guerra é, além da expiação, a preparação dos alicerces para a edificação da nova obra. Só depois da guerra virá o desarmamento geral — essa doce utopia dos visionarios da paz. Só depois do desarmamento é possivel a reconstrucção do edificio economico — e para então vêr-se-ha se foram proficuas as lições recebidas : se ainda teremos *párias*, a quem se dê cartas de alforria constitucionaes, e a quem os criticos amaveis saúdem como *os verdadeiros soldados da patria*. Serão talvez os verdadeiros — pois que talvez sejam *os unicos*.

*

Fecham os olhos, e na mentira se comprazem. Arranjam theorias do Bom-Senso, mas é o bom senso orthodoxo, com feição paradoxal, para dar lustre aos moralistas; é o bom-senso burguez, com o syndicado armado, com a côrte dos parasitas, com os parlamentos que nós sabemos, com os processos que temos visto e que nos trouxeram a este estado... E' um bom-senso que faz a gloria do Czar, ou do Sultão da Turquia, no estudo comparativo dos symptomas: *lá*, ao menos, não ha formalidades idiotas na pratica dos abusos, nem se mascaram as explorações, nem as tyrannias. Em nome do Senhor da terra! — e o Senhor dos céus tudo ratifica. Os dois valem mais que um parlamento.

É bello o modo de vida que levamos; é pittoresco. Reproduz as vidas das castas, depois da Revolução Franceza; mas tem de acabar; é um mundo que agonisa, uma sociedade que estrebucha, para transformar-se, faz mais estrondo e estragos do que um velho bebedo que succumbe

a uma congestão. Tem de ser grave e feroz. Ha responsabilidades e effeitos para todos: para os povos e para os individuos. Mas, do terrivel deve sair o melhor...

*

Serenamente, sem intuitos de pessimista, e tambem sem conformidade de resignado com as tristezas do destino, eu apresentava, ainda hontem á noite, estas considerações ao meu amigo Tiberio. Elle ouviu-me um tanto pallido, e, por fim, como eu instasse com o philosopho para que elle discutisse o assumpto, vi-o d'accordo. Apenas uma ligeira nota inquieta:

— Que heide eu fazer ás cédulas de meio tostão?!

XXIV

3 de Dezembro, 1891.

NÃO será mau que os meus collegas da Chronica, do Noticiario e do Suelto, á similhança dos do Artigo *de fundo,* pensem uma vez por outra em que o seu trabalho hade vir a converter-se em Historia. Os Thierry, os Niebuhr e os Herculano do futuro não irão bater a outra porta. Não farão excavações; pedirão *notas*. Vamos nós fazendo *notas*—e não as façamos falsas; nada de responsabilidades nas bancarrotas dos seculos futuros !

Ahi vae obra...

*

Um pobre de Christo, que em Lisboa faz propaganda monarchica — diz elle — fornece aos leitores da sua gazeta a narração d'um caso em que é amavel heroe o gentil principe real que o Porto adorou estes ultimos dias. Conta o homem:

Que quando este anno a familia real esteve em Mafra foi alli um *jornalista*, visitar o ajudante de campo de serviço.

Esperava n'uma sala, o *jornalista*, quando appareceu o principe real, n'um velocipede. O homemsinho cortejou, mas (declaração d'elle) não beijou a mão á creança, porque não ousou perturbal-a nos seus brinquedos.

O principesinho atravessou a sala, e chegado á porta da saida, voltou-se para o homemsinho e perguntou-lhe:

— E' portuguez, ou francez?

— Sou portuguez, meu senhor!

Afastou-se o pequeno, e o outro quedou-se pensativo.

Porque seria que?... Mas de repente comprehendeu tudo. E' que os francezes cumprimentam, mas não beijam a mão — e os portuguezes beijam n'a.

Reflexão moral do propagandista:

«A pergunta do principe foi uma *advertencia finissima* e difficilmente a encontraria melhor o homem mais delicado.»

—

Não condemno a creança. Lamento, como se lamenta uma coisa triste, a orientação que a leva a produzir uma *advertencia finissima*, como aquella. E' a mesma orientação de que saiu a phrase, já agora historica: — «Põe o chapéo, ó Oliveira Martins!» Dizem-me informadores competentes que as rainhas D. Maria II e D. Maria Pia não impuzeram uma tal orientação ao espirito de seus estimaveis filhos. Foram previdentes as duas senhoras.

O que ha deploravel, até que o asco sobrevenha, e sobrevém, é a baixeza do narrador e commentador. E' um homem — aquillo; é um

jornalista; tem cabellos brancos... Admira a precocidade do principesinho na aspiração ao semi-divino. Considera aquillo um mixto de direito especialmente senhorial, de antigas éras e de delicadeza modernissima. Que não soffrerá o aguadeiro da casa, com os filhos d'este *freguez?!*

Está-me lembrando uma historia...

—

Historia muito veridica. Foi ha uns quinze annos, no Porto. Eu fazia parte da redacção do *Diario da Tarde*, com os meus saudosos e infelizes Urbano Loureiro e Borges d'Avellar. Bons tempos! Um dia procurou-me na redacção um velho hespanhol, robusto, de barbas grisalhas, olhos vivissimos por detraz d'uns oculos do ouro. Era o typo de Proudhon, no physico... e um tanto no resto. Chamava-se Fernando Garrido.

O eminente historiador das classes trabalhadoras, o athleta da republica federal em Hespanha evadira-se de Lisboa, disfarçado, para não cahir em poder do governo fontista, de quem o

governo hespanhol solicitara a prisão dos emigrados politicos d'essa epoca (1875). Hospedou-se em minha casa, e alli tive eu ensejo de ouvir-lhe alguns episodios da sua vida de lucta. Ahi vae um episodio da sua educação de rapaz.

Tinha elle dezoito annos quando se achou, pela primeira vez, involvido n'uma conspiração politica. Uma denuncia fez cair os conspiradores nas mãos dos agentes do poder. Só Fernando Garrido conseguiu escapar.

Os jornaes deram noticia das prisões, bem assim da fuga do rapaz. A auctoridade pôz-se em campo, no intuito de colhel-o ás mãos. Garrido encontrara seguro asylo em casa d'um amigo.

Alli o procurou sua mãe. O dialogo foi breve.

— E' verdade teres conspirado?

— E' verdade, minha mãe.

— Sabes que os teus companheiros estão presos?

— Sei-o perfeitamente.

— Já! Vae immediatamente apresentar-te! Se não fôres, eu, que não posso renegar o meu filho, terei de ir denuncial-o. Teu pae, quando morreu, pouco depois de tu nasceres, não me

deixou só o encargo de te crear, mas de fazer de ti um homem. Se tens o instincto covarde de te occultares quando os teus companheiros soffrem, d'aqui a pouco serás capaz de denuncial-os!

Disse-me Fernando Garrido que sua mãe só chorara ao vêl-o restituido á liberdade. Lagrimas de alegria, que as de mágua represara-as a mãe sublime, para não tirar alento á creança a converter-se em homem!

*

Comparem. E vejam aquella vida de batalhador, e vejam as vidas d'estes boletineiros da Inepcia! Fernando Garrido, governador das Filippinas, demitiu-se mais pobre do que no acto da sua nomeação e aos sessenta annos da vida, condemnado e desterrado politico, pintava quadrosinhos a oleo e escrevia pamphletos politicos, e eram esses os seus rendimentos. Só, calumniado na imprensa da restauração hespanhola, vegetando em terra extranha, velho e enfermo, nunca o desalento abalou a sua forte

alma. Foi a proposito do meu assombro em frente da sua heroicidade que elle me contou aquelle caso de sua mãe.

E estes bólas... Para ahi vão *admirando* as *advertencias finissimas* da infancia principesca e invejando a sorte dos infimos familiares do paço, a quem é licito beijar os pés do principe. Calculem o que pode fermentar na extagnação d'estas almas putridas! Digam-me se a bajulação levada a taes extremos, não admitte os accessorios da perversidade; se um *capacho voluntario* não abriga lamas de mil fétidos e não fornece monturo para mil javardos!

Que fontes de vida nobre encontrariam estes maraus janotas no seio materno, antes de resvalarem ás patas dos seus mentores? Que evangelhos soletraram, para n'elles verem as noções da inteireza, da firmeza, da resignação e da intrepidez, nas crises que assaltam o homem, como o obo faminto assalta o rebanho ?!

XXV

6 de Dezembro, 1891.

E' velha como a Sé a classificação de *creança*, applicada ao povo. E é justa, principalmente pela repugnancia das *duas creanças* em acceitar no primeiro momento um facto ou um argumento de lesa-logica. A mim me tem succedido castigar justamente com dois açoites uma creancinha e, arrastado por uma sensibilidade irreflectida, beijal-a cinco minutos depois. Immediatamente, a creancinha produz a seguinte observação :

— Tu bates-me e dás-me beijos ! ?

Está na logica; eu — na depravação sentimental.

*

A creança grande — o povo — tem d'estas reflexões inexoraveis. E' quando, por exemplo, assiste ás pugnas parlamentares, ou jornalisticas, e vê pouco depois em ameno convivio os luctadores embravecidos da penultima hora. Poder-se-hia talvez oppôr-lhe esta consideração: que a divergencia nos principios, por mais radical e profunda, não impõe uma quebra de amizade. Seria errada a objecção; entre nós meridionaes, a discussão de principios, involvendo naturalmente a discussão de factos, resvala á dos individuos. E da discussão da vida publica é rapida a transicção para a dos actos que dão a nota frisante do modo de ser de um caracter. D'ahi se origina o caso miserando de não haver n'esté canto da terra um unico homem que saia *limpo* da vida publica!

Estou *conversando*. Estas chronicas são apenas uma *palestra*, — palestra com os meus amigos do Porto e do resto d'esse norte onde eu

vivi os melhores dias da vida — os da illusão e da esperança... Na palestra são permittidas as divagações. Permittam-me que eu divague por vezes.

*

Vejo em gazetas conspicuas que, no parlamento, um pae da patria, chamado Elvino, trovejou — ricos trovões de lata! — contra os desperdicios e as immoralidades da situação. Os senhores acreditam? Nem eu. Esse Elvino é um dos faladores mais *elvinos* que eu tenho conhecido n'este mundo de Christo e dos seus vigarios. E' uma columna do templo de José Luciano e enfeita-se para ministro da corôa, como um catita. Póde ser o chefe da armada, ou o chefe das obras publicas — o que vossemecês entenderem. Ha poucos annos era um sargento aspirante, que não chegou a alferes; depois, d'aquella fardeta coçada irrompeu um collaborador da *Actualidade*, e d'ahi um conselheiro director geral, columna do tal templo. Os meus amigos já viram como se fórma *Sua Excellencia Eugenio Rougon?*

Tenho ideia de haver lido, n'um tempo em que me prendiam as leituras, uma pagina de Pelletan — o Eugenio, o pae do jornalista, — um Pelletan de 1.ª classe, — a qual pagina era o cathecismo dos *elvinos*, com muitas ironias e muita verdade. Tomara-as o sr. Ramalho Ortigão!

Alli, n'aquella pagina se referia o primoroso estylista do *Le Monde marche* á conveniencia, para os *elvinos*, em trovejar e gemer, alternadamente, sobre os desperdicios e os abusos, em citar a miseria do povo, appellando para o despertar d'esse leão; e concluia:—«Fazei isto com arte e tendes a pasta nas unhas!»

*

Deixo em paz o artista, columna do tal templo, e volto ao meu ponto de partida. Como é — reflecte o povo — que *estes diabos* se entendem, depois de se haverem descomposto? E' o caso da logica da creancinha: — Tu dás-me açoites e beijos?

E' que não ha discussão de caracteres, o que poderia offender a decencia, quando não offen-

desse os brios... de quem os tem. O espirito dos luctadores arripia carreira, depois da lucta, e chega a convencer-se de que só se tractou de *processos politicos* — e só d'isso se tractou. E o que são processos politicos? Em que divergem os dos diversos partidos? Dou um dôce, ou uma cédula de tostão, a quem me disser em que divergem os processos politicos dos partidos portuguezes. Mas ha discordias, assumpto para protestos, campo vasto para discussões e recriminações! Sem duvida alguma. A *questão* é, porém, pessoal, quero dizer: é de simples personalidades. Descubra-se o meio de contentar a todos e teremos o elixir de Althotas, realisação pratica d'um sonho que está fazendo época de ironias.

*

Contentar todos! A santa concordia! Estão vendo o ministro atassalhado por um grupo de fornecedores de feijão frade. Quem combate o ministro, em nome da mortalidade publica? E' o defensor intemerato dos feijões frades do outro grupo. Arranjem barrigas para todos os fei-

jões, e verão como se estabelece a concordia. Percebeu — a grande creança? Quando *os vê*, de braço dado, depois da lucta cruenta, é que *elles* vão discutindo em particular as vantagens de produzir menos feijões, de parte a parte, ou de arranjar mais barrigas.

E mais nada.

—

Estava eu resolvido a não lhes dizer, por hoje, mais cousa alguma, quando um informador de gazetas me communica:

—«Debaixo da arcada das obras publicas estão reunidos uns trezentos operarios, que pedem trabalho. Os taes sujeitos já estiveram em frente da casa do ministro das obras publicas, e d'ahi vieram ao Terreiro do Paço, com grande escandalo. E' de crêr que a policia tome precauções... Etc.»

Depois das festas, que os meus felizes amigos do Porto por ahi saborearam, é iniqua a pretensão dos operarios de Lisboa. E é tambem grotesca. Pedir trabalho, n'uma terra onde o ideal é a sinecura, coustitue uma grande *bisca*

pessoal. Hão de vêr que a cynica Lisboa vem a desmanchar os prazeres creados pela provincia. Mas que ella, a cynica, se compenetre d'esta verdade sublime :

— A cadeia não se fez para os cães !

*

A subida do cambio do Brazil, determinando a descida do agio das libras em Portugal, tem resuscitado esperanças de santa e velha pandega, na carunchosa alma do general Melchiades, aquelle velho progressista apavorado pela exclusão iniqua de José Luciano em coisas governativas.

Hontem á noite no Colyseu dos Recreios, me dizia elle, ao convidar-me para um copo de Bucellas :

— E' para fazer uma saude.

— Se lhe dá satisfação muito intima...

— E o meu amigo hade tel-a tambem !

— Eu ! ?

— E' como dia !

Fomos ao botequim. E de copo na dextra, Melchiades disse-me com voz sinistra :

— Ora, lá vae á Patria resurgida : ao equilibrio financeiro, á ordem, ao credito, á paz, aos poderes publicos, ás instituições... e áquelle cujo alto nome se não diz !

Passava a Pilar de Saragoça, arrebatadora e petulante. Encarámo-nos... *Caramba !* De copo em punho, bebi — pela patria de Palafox *!*

XXVI

10 de Dezembro, 1891.

Coisas nossas...

Vem muito a proposito do que vae por este mundo um sério estudo do sr. Ramalho Ortigão sobre a fabrica de louça das Caldas da Rainha. O estudo, publicado na *Gazeta de Noticias*, do Rio de Janeiro, foi reproduzido em opusculo. Não vejo no jornalismo importantes referencias a esse trabalho de justiça, formulado com eloquencia, profundamente sentido e de uma rara *actualidade.* Pelo ordinario, o espaço destinado a incidentes da vida social é absor-

vido pela celebração dos rasgos philantropicos alli do sr. marquez, e d'ahi se concebe que o simples *recebemos* — não era pressa! — constitua o unico tributo a uma demonstração de vigor intellectual e de vigor de honrado sentimento. Está correcto, em harmonia com o pensamento do outro que reputava o mundo insusceptivel de reforma nos respeitaveis dominios da velhacaria e da estupidez.

O trabalho do sr. Ramalho Ortigão é, como eu já lhes disse, de uma actualidade flagrante n'este periodo de «larga protecção ao trabalho nacional». Hão de ter ouvido. Nas bandeirolas dos diversos partidos, lá está bordado a retroz, ou a missanga, com os lemmas grandiosos de *economia* e *moralidade* — a *protecção ao trabalho nacional.* E' justamente pelas demonstrações constantes e, sem duvida em extremo ousadas, que os actuaes monarchas teem produzido na fecundação de tal pensamento: é em virtude d'essas demonstrações que elles teem conquistado aquella magica aureola que transforma em sol uma corôa ou um chapeu de côco... Vamos andando!

*

A louça artistica das Caldas da Rainha — refiro-me á de Bordallo Pinheiro — é tudo quanto diz o sr. Ramalho Ortigão: — é um documento superior do genio esthetico da nossa raça e a obra d'arte portugueza mais bella e genuina do nosso seculo. E' notorio o acolhimento caloroso que na exposição de Paris obtiveram os productos do genio artistico de Raphael Bordallo. Não é menos conhecido o enthusiasmo que elles despertaram d'um ao outro ponto do paiz. O estudo do sr. R. Ortigão registra a miseranda agonia da brilhante industria recemnascida. «Quasi todo o trabalho da fabrica está immobilisado desde muitos mezes. Fabricam-se apenas tijolos, e tira-se de mez a mez, ou ainda a mais longos intervallos, uma fornada da reproducção de louça artistica. Abandonados os tornos, as rodas, as prensas, as bancas de aprendizagem, a escola... as caldeiras sem lume, os tanques sem agua... deteriorando-se tudo... Os operarios dispersos, desaprendendo o que lhes fôra ensinado sem intervenção de um unico estrangeiro...»

*

Desolador, não é verdade? A falta de capitaes é a explicação d'essa agonia. Falta de auxilio dos particulares, que *patriotisam* em jogatina de Bolsa, e *pudor economico* dos governos que só se descáram quando lhes põe a faca aos pudibundos peitos um alto bandido da politica desavergonhada e vêsga! Quadro de miseria dupla: de miseria material e de miseria intellectual, e vae n'isto a moralidade dos ricos homens de ganhar e dos tristes rotineiros que para ahi *governam!*

A crise economica não é um motivo de corajoso arranque para estes particulares e para estes *publicos*. Pelo contrario: é um pretexto para se afundarem sem lucta. A reorganisação do trabalho é a vereda salvadora... indicada nas gazetas. O caminho seguido é o da *preguiça do Brazil* nos dominios da iniciativa particular e o dos expedientes de *au jour le jour* nos dominios da governação!

*

Ha outro facto, para vergonha completa do lastimoso quadro. O genial artista que vinculou o seu nome ao nascimento d'aquella industria tem de procurar nos desenhos do seu jornal de caricaturas os recursos da vida de cada dia. Frisa o sr. R. Ortigão, com muita lucidez e com igual vigor, a circumstancia, d'um burlesco lamentavel, de o artista haver conquistado, na opinião dos poderes publicos, a terrivel fama de haver consumido *grossas sommas de dinheiro*. Estão d'aqui vendo o tal pudor economico dos poderes publicos; e o sr. R. Ortigão poderia, sem injustiça, aggregar-lhes os particulares offendidos. Eu explico o meu pensamento.

Ha um ponto de critica, *muito bem assente*, que vincula as faculdades de governantes e governados, *na ditosa patria minha amada*. E' licito a um birbante sem escrupulos, a um farroupilha avelhacado, a um charlatão de feira politica, no jornalismo ou fóra d'elle, collar-se durante annos á arvore orçamental, sugar-lhe a

seiva, comer-lhe as folhas, esgarçar-lhe os ramos, apodrecer-lhe o tronco — e metter no proprio bojo toda aquella vida, toda aquella seiva. Avoluma-se-lhe o bandulho e cria-lhe lustro o pêllo. A voz adquire-lhe tom auctorisado. Do troca-tintas surgiu um conselheiro, mais ou menos director geral. O *troca* está no fundo do cavername.

Este bólas prospero é um animal tolerado. E' um finorio. Contra si apenas conta os invejosos menos habilidosos ou menos felizes; — são os inimigos evidentes. *Os homens que desprezam*, por direito de caracter e de conquista, não produzem graves perturbações. Refocila se, espoja-se, triumpha — o tolerado. E' do tempo; é historico.

As exigencias severas, sigam bem a tal critica, são applicadas ao *artista*, ao *homem de pensamento*, ao *homem de talento*, — vá o termo consagrado. Esses sim: precede-os e segue-os a reputação de *gente dissipadora*. Quanto custou ao paiz Latino Coelho, alcunhado de *preguiçoso* por todos os imbecis da sua terra? Menos do que um activo e sujo galopim. Quanto tem *de-*

vorado o grande artista que nas suas caricaturas tem olvidado, ou desprezado, a do *tribunal de honra constituido por gatunos?*... Ralé de estupidos miseraveis! O mais pittoresco assumpto para lhes distrair *as memorias* seria a historia da agonia dos superiores, mortos pela miseria! Depois — um sonoro concerto de lamentações hypocritas.

Pela Humanidade e pela Patria!

*

Chamo a attenção de todos os meus collegas para o assumpto superioamente discutido pelo sr. Ramalho Ortigão.

XXVII

13 de Dezembro, 1891.

A derrocada...

Com muitas reservas publicas e grandes expansões em particular, está sendo o assumpto do dia o *desastre* de mais de um principe da finança portugueza.

Faço os meus *descontos*, sem jogo de palavras, nem de fundos, e considero o *facto* realisado, ou em vespera de realisar-se, por mais que barafustem os *fieis*. O desastre é a *expiação*.

Não me regosijo com a desgraça alheia; bastará como signal da minha «perversidade» a abso-

luta indifferença com que eu acolho a noticia de certa ordem de *desgraças* e o despreso que certos *desgraçados* me inspiram...

A quéda de uns vultos, como os indicados pela chronica verbal lisboeta, é facto de alta moralidade. Não se trata de simples victimas d'um infortunio resultante da boa-fé explorada e victimada; trata-se de *expiação* publica, soffrida por insolentes aventureiros, que na corda bamba da trapaça, da jogatina e dos mysterios tenebrosos da *finança*, para ahi deram n'estes ultimos annos o espectaculo do engrandecimento vertiginoso. «Córta a tua mão, se d'ella vem o escandalo!...» E d'elles vinha o escandalo — dos seus palacios, das suas equipagens, da fama das suas devassidões, em que Gomorrha e Sodoma renasciam com o accrescimo das proezas da batota infame!

Olha-se para o esplendor d'essas *fortunas*, e a consciencia do trabalhador sobresalta-se. Pois que! Na formação d'uma modesta fortuna empenhavam-se até hoje duas gerações de industriaes, com toda a energia do trabalho sem descanço, com todos os recursos e com todos os

heroismos do tino administrativo e da economia mais severa — e durante duas vidas de probidade se prolongava esta lucta! E hoje uns troca-tintas, constituidos em *olho-vivo,* saem da pelintragem para a opulencia, pelos caminhos de atalho, onde se adivinha ratoeiras; organisam syndicatos phantasticos para a preparação de bifes sem carne, de açorda sem pão, de vinho sem uvas, de navegação sem agua, de bancos sem vintem — e prosperam, e caminham, e levam de vencida o calculo, o trabalho, o tino, a economia, todas as leis da moral?! E hão de assombrar-nos a todos, com as attitudes de fortes, de triumphadores, de superiores?! E hão-de os lacaios d'estes *parvenus* da alta malandrice salpicar com as suas chufas o burguez honrado que consome os melhores dias da existencia no arranjo do pão para a velhice e para os filhos?!

E havemos de lamentar a derrocada?!

*

E' de alta e urgente moral a quéda de *tudo isso,* e só vejo deploravel que algum dos illus-

tres *syndicateiros* vingue furtar-se á expiação. Não me refiro simplesmente aos seus crimes de ostentação escandalosa, que perturbam a consciencia publica. Refiro-me aos seus crimes que victimaram o paiz nos dominios do Credito. O geral instincto attribue a essa praga dos *syndicatos* a nossa desgraça economica, e com fundados motivos. Toda essa companhia do *olho-vivo* se congregou para engatar uns nos outros os cóios das suas trapaças. O banco A. prende-se á companhia C., tão solidamente como a companhia B. aos dois e aos seguintes. Tudo ligado — e essa locomotiva leva o pão e o credito de nós todos! Quando o cóio R. se sente abalado nos alicerces da lama, o pavor é geral. Não admira que convirjam em soccorro do miseravel cóio os esforços de todos os *cumplices*. A situação está definida...

Diz-me o honrado Tiberio, alludindo ás proezas d'um dos *heroes* :

— Ponha-lhe você a alcunha do *Comprachicos!*

— ? !

— Você não conhece aquella historia... ?

— Qual historia ?

(Tiberio falla-me ao ouvido. Faz-me impressão, cócegas. Peço-lhe que me conte em voz alta. Elle conta-me o caso, córando...)

Meus amigos. E' de primeira ordem; mas não posso dizel-a em publico. Entre nós não ha uma *justiça* para quem as faz ; mas ha uma *justiça* para quem as diz...

—

No coice da ultima medida salvadora apparece hoje o *Diario Popular*, com uma nova revisão das matrizes. Os meus amigos conhecem a operação ?

Péga-se nos tres mil e tantos kilos de papelada representativa dos oito mil e tantos contos de divida á fazenda publica — decimas relaxadas e syphiliticas ; — tem-se préviamente accendido um bom fogo de lenha ; *com toda a consciencia* vae-se revendo, e fazendo dois montões, um destinado ao fogo, o outro destinado ás reclamações. A fumarada attrae os contribuintes receiosos. Expõem as suas razões, coisas e tal... e o outro montão vae para o lume.

Gastou-se apenas a remuneração ao pessoa, revisor, e serviu se muito fiel de Christo.

Na ultima revisão das matrizes deram-se episodios reveladores da existencia do *espirito* nacional. Um politico illustre, dos tres ou quatro *vultos* da politica portugueza, devedor de cincoenta semestres de decimas foi classificado *desconhecido*. Um actor distincto, fallecido ha puuco, obteve a classificação de *mendigo*. Um frequentador permanente da Havaneza e de S. Carlos, elegante de primeira plana, foi declarado — *auzente em parte incerta*. O meu visinho conselheiro Figueiredo, muito bem relacionado, obteve a graduação de *fallido*. E lá foi tudo para a fogueira purificadora.

Observa me a proposito o impagavel Tiberio:

— Eu, em tempos, usava d'esse processo. Tinha uma lista de crédores — de tremer! Sonhava com aquelles diabos, e não comia, nem trabalhava socegado. Estava sempre a fazer contas de sommar; trinta mil réis, mais uma libra, mais meia libra, mais quinze testões... Um dia principiei a fazer contas de diminuir; ia-me á lista; estudava os motivos porque não devia

tal somma, e *zás* ! Cortava-a implacavelmente. Foram assim diminuindo os meus encargos e os meus cuidados, até ao dia em que puz termo ás afflicções, queimando a indecente lista, á luz da minha véla. Tomei n'esse dia a respiração !

— Você está um bom patife, Tiberio ! Você faz o contrario do que o governo põe em pratica, na revisão das matrizes. O governo queima os papeis dos devedores e você queima a lista dos...

— Ora adeus ! quem lhe diz a você que o governo queimando os recibos da decima, não se desembaraça dos crédores ?...

Tem visto mundo o Tiberio !

XXVIII

27 de Dezembro, 1891.

A esta hora andam aos tombos, de Caiphaz para Pilatos, uns 400 trabalhadores sem trabalho. E' em Lisboa. Estão vendo a manobra: Os homens dirigem-se ao ministro, este salvador envia-os ao governador civil; tres dias ganhos pela auctoridade, perdidos pelos famintos. Descem do *perfeito* ao chefe superior da policia, o qual lhes indica, para coisas e tal, a proxima quarta feira, — é hoje sabbado. Na quarta-feira, um manga d'alpaca policial pede-

lhes os nomes, e que vão buscar a coisa na sexta-feira...

Em casa, ha oito dias que não ha pão, nem que vender, nem que empenhar. Tambem não ha quem empreste: todo o colossal patife que tem a burra gravida, cobre-lhe a barriga com um cartaz, em que se lê: — «Em resultado da crise, sabe Deus como eu me vejo!» Coitadinha da burra!

*

Vão os miseraveis buscar a *coisa*, na sexta-feira. E' uma *guia*. Só falta escrever o destino. Querem ir para a Africa? Passagem gratuita, que o governo é pae, e á mercê de Deus no continente negro, onde o orangotango se espulga na natureza livre! Quer ir para Cantanhede, ou para Chão de Maçans? E' pedir por bocca. Leva a guia; apresenta-se ao bacharel Linguiça — boa pessoa! — e tem obra! E' carpinteiro? E' pedreiro? E' marceneiro? Tudo se arranja: um rabo de enxada, para variar, desenvolve aptidões, e o bello cruzado por dia, bem poupado, escorre na caixa economica, como um capital!

Ha objecções. Que o carpinteiro, carregado de familia e domiciliado em Lisboa, não sabe cavar com uma enxada, nem póde em Chão de Maçans, com os problematicos quatrocentos réis, sustentar aqui a familia... Muito justo, mas essas reflexões teem certo resaibo de revolta! Cuidado, que a *ordem publica* é a base da *coisa social* — e a cadeia não se fez para os cães!

*

Os operarios não acceitam as guias. Desorientados, giram por essas ruas, perturbando as digestões da gente séria — a que tem que perder, bem entendido. Os orgãos jornalisticos que pensam bem, e que digerem, accuzam n'os de preguiça e de intuitos subversivos, e no café Tavares, o philosopho Tiberio diz-m'as tezas, mettendo-me á cara o *Illustrado*, sem que eu possa, alli diante de gente, metter á cara d'elle coisa de igual cheiro e com differenças de formato...
Parece-me que estão brincando com a polvora: é phrase velha e consagrada; dispensa-me de esforços de imaginação. Se assistissem

como eu, ha dias, a uma reunião de famintos... Imagine-se que ao citar um d'elles o patriarcha Proudhon, levantaram-se gritos de *Fóra o burguez!* Queriam elles dizer, e esclareciam depois, que a questão não é de theorias, nem de demonstrações, que está tudo demonstrado — a miseria, as ironias, as indifferenças, os sophismas, os embustes, e que o terreno está preparado para o ajuste de contas entre as *agonias* e os *egoismos*!

*

Imagine-se o beiral d'um telhado. D'esse beiral está dependurado um homem, pelos dedos. Ao fundo cá em baixo, está a rua, á profundidade de cinco andares. Tudo cheio de gente, e emquanto o miseravel se estorce lá em cima, gritam lhe: — «Não se impaciente! Já foram buscar soccorros. Vae-se discutir agora se a escada Magirus é, ou não, superior á escada Fernandes. Que diabo! Roma não se fez n'um dia. Não esteja n'essas reviravoltas, que faz affiição á gente!»

Um minuto... dois minutos... dois seculos de agonia... O homem desprende-se...

Tiberio, que não falta a *festas*, assistiu á quéda. Assistiu aos commentarios, ás coleras. Condemna as impaciencias, os desfallecimentos; em geral é contra os que cahiram. Quer resignação — nos individuos e nas classes. Quer que se soffra com paciencia — para não lhe affligirem a alma sensivel. Umas coisas que o contrariam: os rostos sombrios, as phrases amargas, os artigos de revolta. Se elle pudesse, supprimia os queixumes. Supprimindo os aggravos? Não. Elle não tem nada com a fatalidade das coisas.

Quatro horas da tarde. Vae passando um magote de famintos. São dos que recuzaram *as guias*. Rostos macilentos, de expressões diversas: ha os colericos, os abatidos, os imbecilisados. Uma creada de servir de casa de conselheiro está comprando dois perús, á porta da rua. E' para o rico jantar da festa. Assusta-se com o espectaculo dos famintos, e fecha a porta, com sobresalto e força. O cão do palacete ladra-lhes de cima do muro, e os dois filhos do conselheiro, Tiberios de doze a treze annos, atiçam a furia do animal. Lá se entendem — todos tres.

XXIX

31 de Dezembro, 1891.

Acaba este anno, deixando-me impressão de regalorio. E' a proposito de uma tareia que n'este momento estou saboreando, como espectador, applicada por uma folha ministerial á Associação Commercial do Porto. Pelo visto, estabelece-se e firma-se desaccordo entre os *ricos homens* e os altos dirigentes. Que bellos matizes o do florido prado nacional! Que os aromas nada deixam a desejar, louvado seja o Senhor!

E' uma das boas curiosidades do nosso tempo

essa maravilhosa Associação Commercial — na sua parte politica e patriotica! A mim me faz lembrar aquelle ratão legitimista da *Brazileira do Prazins*, um que tem esta phrase rezolutiva dos problemas partidarios — «Ponto está em que a Russia se môva.» No Porto houve sempre quem olhasse para a tal collectividade de patriotas como o outro olhava para a Russia: *Ponto está que ella se môva!*

*

Móve-se, quando lhe dá geito. Por mim, quando lhe prevêjo movimentos adivinho facilmente uma tramoia em preparação, ou uma tramoia malograda. E engrossa a voz, isso que os senhores ouvem, por modo que se ouve na Arcada lisboeta e que o estadista Felix, muito cynico, ao apear-se da tipoia para o ministerio, diz ás vezes ao secretario privado: — «Você não ouve uns ruidos significativos? São os *andressens*, que querem milho!»

Um politico de muito espirito e copiosas anedoctas, o sr. Barjona de Freitas, foi uma e mui-

tas vezes procurado no seu ministerio — era elle ministro do reino — por um deputado provinciano, teimoso e malcreado como um burro. Instava o pae da patria por uma transferencia, ou o que quer que fosse, de administrador do concelho. O ministro tinha mais em que pensar; havia um mez que se esquecia.

Succedeu, uma vez, estar o ministro em conferencia com varios figurões. N'isto abre-se a porta do gabinete, entra o deputado, furioso, e pergunta:

— Aquillo já está arranjado?!

— Nada! Aquillo ainda não se arranjou.

— Pois veja v. ex.ª como se arranja; olhe que eu atiro com a albarda ao ar!

Sereno e sorridente, Barjona estendeu a mão para o homem e disse-lhe:

— Não faça tal, que eu não sei montar em pêllo!

*

Acontece aos *ricos homens* ameaçarem o poder com o tal movimento repulsivo da *casaca de Penafiel.* Falta ás vezes um homem de espirito,

que os contenha na ordem com a *casaca* e tudo. Quando esse homem apparece, em desaggravo do senso commum, os furibundos acalmam se, recolhem as furias, e se formam pulo é para a nova tramoia. Os admiradores d'aquella força e d'aquelles brios tiram o dedo do nariz e resmungam: — «Esperem-lhes pela pancada!» E' o ridiculo a frisar pelo idiotismo, o comico resvalando ao lamentavel!

«Cento e quarenta contos, ou a guerra!»—tal era o lemma sustentado pelo *rico homem* dominador da grey, em face do governo recalcitrante no accordo. Conhecem a historia: a sucata do *rico homem* comprada por 140 contos daria carta branca aos governantes para um e mil monopolios da ultima hora. Assim o impunham os patriotas! Chega se a parecer ministerial, ao termos de pronunciar-nos sobre a *lealdade*, o *desinteresse* e o *pudor* de taes fréguezes!

*

Essa corporação, que poderia ser uma força para poderosos embargos, tem attingido o cu-

mulo do descredito, pelos seus abusos de insolencia, pelas suas furias de ganancia, pelas suas artimanhas de traficante. Da petulancia desattendida deriva-se facilmente ás mais réles bajulações — são os bustos dos *grandes homens propicios*, são as festas á realeza impressionavel para a protecção. De que não seriam capazes, em cabriolas de saltimbanco ético esses suppostos hercules de feira? E e em nome do Porto que ameaçam, ou que bajulam, como se a generosa terra pudesse ser solidaria com a mercancia egoista e voraz que já entrou em proverbio n'um paiz inteiro!

Já não mettem medo com as embofias, nem já illudem com as contumelias. Para o duplo caso descobriu-se a phrase do cynico, applicavel ás trovoadas de lata e aos arrulhos dos pombos-abutres: — «São os *andressens* que querem milho!»

— Papão ao mar!

—

Um caso de capa d'asperges é a syndicancia

ordenada pelo ministerio da guerra sobre os manejos da Liga Liberal.

Conhecem os meus amigos este agrupamento de nabos de S. Cosme, rebentados nas freguezias de Lisboa. Elle preparava no seio da monarchia a evolução democratica imaginavel, com os respectivos Fuschinis e outros evolucionistas de truz, mais ou menos considerados em sua rua. Vinha da Esquerda Dynastica, de estapafurdia memoria, e dirigia-se á mais graciosa magica politica que os nossos olhos peccadores teem admirado n'este desfilar de entremezes.

Chegou a metter medo essa Liga! Aos conservadores afigurava-se muito vermelha; aos revolucionarios — muito em conserva de pepinos. Eu já lhes disse que eram nabos. Vozes indignadas ergueram-se contra a incuria dos governos. No parlamento deu o tom o velho Camara Leme, o das *incompatibilidades*, e na imprensa houve coisas escuras e intenções vesgas. Os senhores hão de ter visto.

Pois bem, á ultima hora, surge a syndicancia. Quem imagina que seja o director da acção severa? Não se cancem; é o sr. Cornelio, o co-

ronel Cornelio, o *Cornelio dos fornecimentos!* Votado ao ostracismo, para os casos de direcção de *negocios*, é chamado para inquirir de *conspirações!*

Eu obrigar-me-hia a produzir o livro mais comico do nosso tempo, a proposito de syndicancias e de syndicados, se não luctasse contra este obstaculo :

— A convicção, que me assoberba, de que n'este monumental *pagode* chega a ser indecente a seriedade !

XXX

2 de Janeiro, 1892.

Os céus são testemunhas de quanto eu respeito e acato a justiça no meu paiz, desde a que corta a direito nos *casos* do Banco Ultramarino, da Joanna Pereira e do Banco de Portugal, até á que hontem poz pedra e restabeleceu innocencias no caso da *fava Bensaude*. O que me assombra é a paciencia dos calumniados, que os não avoca da rehabilitação tardia para o estrondoso desforço da sua virtude aggravada. Anda-se aos tombos, durante annos, que são seculos, com a reputação de almas christans ;

giram essas almas entre a celebridade affrontosa assoprada pelas gazetas e os desgostos do processo, da prisão, ou da finança, e um bello dia, quando os martyres teem esprimido a têta do soffrimento, a justiça põe a tampa n'aquellas dôres — como se a tampa constituisse embargo á fermentação *do que está no vaso!* Cruel ironia a da equidade humana!

*

Já sabem o que a justiça resolveu ácerca da fava Bensaude. E' facil prevêr a sorte que está esperando tantissimos *cavalheiros* que a má sorte, n'estes ultimos tempos, entalou nas malhas da suspeição. Refiro-me aos implicados nos *casos* da Companhia Real dos Caminhos de Ferro, do Banco Lusitano, do Banco do Povo, das cédulas falsas — e do resto. A opinião publica já se pronunciou sobre os delictos — e principia a bordar conjecturas sobre a sorte que espera os delinquentes.

Se taes delictos existem...

Dizia-me hontem o philosopho, esse meu Cy-

renéu — salvo blasphemia ! — na Paixão da vida:

— Você hade vêr tudo abafado !

— Que pretende você insinuar ? !

— Digo-lhe que hade vêr tudo abafado. O jury hade annullar a obra da instrucção judicial. Não temos vigor para severidades prolongadas, meu amigo ! Soffremos de uma relaxação aguda !

— Chimeras ! Desconfianças, Tiberio amigo ! Você crê na culpablidade d'aquella gente ?

— Eu estou como o outro. «Todos são honrados ; mas falta-me o meu capote !»

— Você duvida da rectidão dos julgadores ?

— Não tenho a menor duvida.

— Ha ambiguidade no que você diz...

— Ora adeus ! Você tem tantas duvidas como eu !

— Talvez; mas tenho o pudor patriotico. Olhe que *isto* não está tão pôdre como se julga.

— Historias !

— E' o que lhe digo, Tiberio ! Você tem uma lingua perversissima !

— Pois sim; mas tenho um olfacto excellente.

— E então ?

— Tudo isto me cheira a podridão, como um goraz de oito dias.

— Conclusão ?

— Que vem *tudo* a ficar em *nada*. Ha a chicana, as influencias, os empenhos, as dependencias, a compaixão, o diabo do inferno! Você não conhece o seu paiz ? !

*

E' a molestia feroz que nos corróe: *um mixto de suspeita e de inercia.* Não se crê em boas intenções, menos ainda nos bons factos. Sobre a noticia de uma evolução honesta vem os commentarios impellidos pelos *precedentes.* — «Que diabo espera você depois d'isto ?» — tal é a phrase final das divagações crueis. As prisões dos *cavalheiros* causaram espanto. Hoje ninguem crê nos positivos resultados d'ellas. Ainda se se tratasse de pobres diabos sem recursos, sem relações, sem parentescos, sem empenhos... Mas accresce o *sentimentalismo* — a tal coisa ! Todos choram a sorte dos que de tão alto cairam — incluindo os que *elles* salpicaram !

*

Occuparam-se ultimamente, alguns jornaes, do *caso* da Junta do districto do Porto. Temos outra! Os clamores contra a impunidade do ladrão vão ser imputados á *manobra politica*, e não faltarão protestos contra a inconsciencia e a maldade dos que não hesitam em deslustrar as melhores familias.

Comico e sinistro; pois não é assim?

—

Das medidas financeiras do salvador da fazenda, registro apenas que estão sendo severamente annotadas, *como ineptas*, pelos ajudantes de guarda-livros. Os senhores que dizem? E' mais uma illusão desfolhada e mais um idolo que o paiz das reducções elevou aos quintos andares da Baixa, — para lhe tornar a quéda mais dura!

XXXI

10 de Janeiro, 1892.

O partido progressista declarou guerra ao governo. Eu não commungo nas egrejas politicas interessadas na contenda; mas se não falo rebento! A imprensa progressista deriva-se das biscas sornas, de dois gumes, ás ironias declaradas. Esta nova feição aggressiva provoca em uns o riso de lastima e o espanto nos mais simples. A mim... eu já lhes digo o que provoca!

Não sei se já lhes contei o caso d'aquelle velho progressista — um par do reino — que por

occasião do convenio inglez me dizia, dois dias antes da queda dos regeneradores: — «Não podemos, sem quebra de dignidade, nós, os Portuguezes, acceitar as modificações indecentes que os Inglezes concedem ao tratado!»

No dia da queda dos regeneradores dizia-me o sujeito: — «Teem obrigação os progressistas de acceitar as modificações. E' um dever patriotico!»

Acabada a crise, e nomeado o gabinete João Chrisostomo, Antonio Candido, Ennes, etc., volta o homem á carga: — «Veja você como ha gente assás desavergonhada para acceitar a herança dos regeneradores!»

Estão vendo e ouvindo o *partido*.

*

Oiçam agora outra historia:

Em meiados de setembro de 1890 estava ausente, em Africa, o sr. Marianno de Carvalho. Era um dos proprietarios do *Diario Popular* o sr. Antonio Centeno. Um bella dia, este cavalheiro chamou de parte um dos redactores

d'aquelle jornal, o jornalista Silva Pinto, e encarregou-o de escrever um artigo de fundo, em que se estabelecesse positivamente *a independencia absoluta do «Diario Popular» em frente de todos os partidos*, baseando esse rompimento na circumstancia de o sr. José Luciano de Castro haver abandonado o seu partido n'uma grave situação politica, indo curtir os seus ocios na praia da Figueira. O jornalista, que não tinha a seu cargo a secção politica do jornal, fez observar ao sr. Antonio Centeno que seria indispensavel um accordo dos outros proprietarios e dos outros redactores do jornal. O sr. Centeno respondeu terminantemente que já todos estavam prevenidos e de completo accordo.

Escreveu Silva Pinto o artigo. O effeito ainda hoje é lembrado. Adheriu á attitude do jornal a opinião publica, e diversos progressistas diziam ao jornalista : — «Tem você razão. Aquillo não é chefe ; não é nada.» Tres dias depois, o *Popular* penitenciava-se do seu artigo; dava o dito por não dito — e o auctor do artigo despedia-se da redacção.

Era o *bode expiatorio* da independencia ma-

lograda! O resto da redacção despedira-se sobre a publicação do artigo; os companheiros do sr. Centeno, na propriedade do jornal, bradaram aos céus pela sua innocente ignorancia. Um dos redactores corrêra aos pés do sr. José Luciano, a protestar pela sua fidelidade. O sr. Centeno assignou vencido. Tudo como d'antes — até vir o resto.

*

O qual resto foi o regresso do sr. Marianno de Carvalho. Com a chegada do mestre, acabou-se a submissão do *Popular*. Principiou a campanha, que conduziu á situação actual. E os proprietarios da folha? E os redactores? Protestaram? Despediram-se? E o tal, que arrastára a careca ás plantas do chefe progressista, voltou aos protestos de lealdade? Nada d'isso. A fé partidaria passára á Historia! O interesse pessoal de cada um estava ligado á independencia do mestre, á insubordinação partidaria! Vintensinhos, postas adquiridas, a incerteza d'uma situação progressista claramente defini-

da: tudo isto refervia na caldeira dos pensamentos uteis!

Commentar os factos, com todas as minudencias seria talvez invadir a deslealdade. Auctorisado a fazel-o estava aquelle a quem se disse: — «Damos-lhe a solemnissima palavra d'honra de que todos nós estamos d'accordo!» De accordo em que? Em renegar a submissão a um chefe declarado inepto pelos que vacillam entre duas fortunas: a da inepcia e a da finura; pelos *prudentes* que trazem sempre na luva dois cartões de visita — para os dois interesses oppostos!

*

Importam estes episodios réles ao desdobramento de uma politica? Sem duvida alguma. Que hade sair d'aquelle fermento de *lealdade* e de *confiança reciproca* de chefe e de subalternos — se exceptuamos uma velha guarda sebastianiata? Em redor do sr. José Luciano, chamado ámanhã ao poder, vêr-se-ha renovar os protestos de dedicação dos insubmissos, a quem

falte a esperança n'outro guia. E o guia, o sol, o inspirador, o salvador será o sr. José Luciano, declarado inepto, cem e mil vezes, publica e particularmente.

Acabrunhado espirito da patria! Ahi tens o teu homem! Refervem as suas impaciencias e as da sua *grey*. E' por salvar-te! E está com elle e com elles o coração do paiz — d'essa parte do paiz que já se manifesta elegendo commissões de recenseamento *com maioria progressista!* Perguntam-me se eu desejo *o contrario*: que se eleja commissões regeneradoras? Deus do céu! eu não tenho alma para desejos. Registro factos. Pergunto se estas impaciencias de poder não teem algo de sinistra mascarada e se não é exacta a critica dos simples, que prefere os leões de estomago replecto a uma alcatéa de lobos famintos! Vejo em toda a linha de uma tal opposição as transigencias e os accordos cedendo em breve o passo ás furias de quem se julga *comido*. Comido em que? Na soffregridão! Elles estão fartos de esperar! Accorda, espirito da patria! Põe os olhos no teu salvador! E' um sol, mas os raios não offendem: são de papel

dourado como os ornamentos das cazacas dos chéchés!

*

Faz dó tudo isto; mas é preciso que o dó não nos perturbe. Não sabe a gente por onde vae, nem para onde—e apparecem-nos guias d'aquelles! Esperamos um toque de clarim, poderoso e vasto, que alevante as almas, e surje-nos uma gaita de feira! Pede-se espiritos ousados e apparecem penhoristas do Bairro Alto! Condemna-se os grandes estroinas e saem a campo os *rapioqueiros!* Queremos que alma da patria se êrga n'um pensamento salvador, e vem d'alli o delegado dos *centros* de Alhos Vedros e de Castello de Vide! Que farçolada é esta com aprumos de redempção!? De que especie é o mél que hão de produzir estas varêjas?!

Parece me que nos temos rido demais... Eu concebo o carnaval, para expansão dos tolos; mas um carnaval perpetuo é talvez um grave abuso de tolerancia. Morrer do riso dos outros é a peior das mortes, e, vamos lá, — a mascarada está em delirio, mas já cheira, e muito, a sepultura!

XXXII

12 de Janeiro, 1892.

Ha vinte e quatro horas que um forte sopro de *moralidade revoltada* corre através de Lisboa. Em toda a linha, onde não é ferida a corda do terror, desfere notas graves a da indignação. E' a proposito da Companhia dos caminhos de ferro; pede-se abertura de fallencias e pede-se julgamento criminal. A opinião divide-se em um terço de *indignados*, outro de *indifferentes*, o terceiro... Eu faço parte do terceiro.

*

Tiberio tambem faz. Foi hontem á noite, no café Tavares, que elle me asseverou com gesto mysterioso que tudo isto é *uma cantiga*, — que ha alli nos Caminhos de ferro materia para trinta processos, mas que tudo iria em paz *até ao fim*, se não se tratasse, impura e simplesmente, de uma desavergonhada lucta de interesses particulares. E' a minha convicção, e não se trata apenas de fé. Tenho dados positivos.

Hão de ter notado, ha poucos annos a esta parte, que não ha arranjo graúdo, tranquibernia grossa, companhia transformada para perder-se, emfim — obra de ganhar — em que não figurem os mesmissimos homens de dois grupos que se alternam no pagode. Esses homens em evidencia são cinco ou seis, pés de baixo na finança, pés de cima na politica. A's tranquibernias financeiras prenderam os arames da politica. Fazem e desfazem ministerios e situações, e, se quizessem, desfariam systemas. Teem voz no parlamento e na imprensa. Não teem principios, nem opiniões politicas; tudo lhes serve, não prejudicando os

negocios. Mas como quer que uma situação haja de apoiar-se n'um dos grupos, é claro que o outro grupo constitue-se *opposição politica*. E é assim que um governo se vê em talas: não porque o apertem os adversarios politicos, mas porque o guerreia o grupo financeiro prejudicado pela sua conservação.

*

Ha dias, na Avenida, tive eu ensejo de conversar com um dos do grupo que está em baixo. E' um rapaz habil e instruido, que tem feito rapidamente a sua fortuna. Eu conheci-o pobre, como eu, ha vinte annos, e tenho observado, de então para cá, os progressos do sujeito, quando não tenho mais que fazer. Conversando, como lhes disse, com elle, achei-o fulo, revoltado contra *tudo isto*. Como eu fingisse defender *tudo isto*, elle muito amarello disse-me:— «Estás pôdre!»

Desfiz o engano, e cheguei a assombrar-me perante a ingenuidade com que o homem alcunhava de tratantes e de ladrões companheiros seus ha poucos mezes nos arranjos da bella vida.

Porque, é preciso notar-se, ha pouco produziu-se uma evolução que ligou o chefe do grupo B a um dos grandes vultos do grupo F. D'essa evolução resultaram grandes desgostos para este ultimo grupo. O tal meu amigo, que teve parte nos desgostos, chamava á evolução — uma traição, e pedia petroleo para toda esta canalha. Não o faz por menos.

*

Os senhores não acham divertidas as afflicções d'esta cambada? Pois é verdade, aquillo da companhia dos caminhos de ferro, — o grande estardalhaço e o grande escandalo, — representa um episodio da lucta dos dois grupos. Mas ha uma circumstancia curiosa: é que nenhum d'elles deseja ser *em demasia vencedor*. Perceberam? A derrota completa de um dos adversarios deixaria o outro na situação do Pyrrho, quando des baratou os Romanos. Dava-lhe parabens um amigo. Resposta do homem: — «Se ganho outra victoria assim, volto sósinho para o Epiro.» Uma vez esmagado um dos grupos e atirados os seus

membros ao vasadouro publico, que demonio faria o vencedor áquella embrulhada medonha?

E' na corrente d'estas considerações que eu espero ainda um santo accordo e bellos dias de felicidade, como até aqui temos fruido... Creio, como toda a gente, que á conservação d'aquella coisa da Companhia Real está vinculado *quasi tudo*, e é justamente porque tal creio, que eu prevêjo a união de tantissimos *interesses sagrados*, para resistencia tenacissima... A proposito mo occorre o seguinte:

*

Foi ha bons vinte annos. Estreiara-me eu no jornalismo, escrevendo grandes atrevimentos politicos n'uma pobre folha republicana — *O Trabalho.* Eu era um criançola, como suppõem, e como tal me tratavam uns velhos amigos de minha familia, a quem meu pae, legitimista ferrenho, contara o desaforo de seu filho.

Fez-me observar um d'elles, tambem legitimista, o seguinte:

—«Meu rapaz! Veio ahi uma gentalha que var-

reu tudo, e tão profundamente que nem um palmo de terra ficou estrumada e em condições de produzir. Perdes o trabalho e a semente. Dentro em cincoenta annos has-de ver coisas novas na Russia, mas em Portugal, se tu viveres a esse tempo — lembra-te de que eu hoje te digo — hade estar tudo na mesma!»

Volvidos vinte annos sobre a prophecia não dou plena razão ao vélhote legitimista. A semente vingou. Mas faz se mister grande resignação e grande esforço dos cultivadores, para verem o resultado do seu trabalho, antes que a Morte os liberte. Os interesses ameaçados hão de resistir com furia. Errados me parecem todos os vaticinios sobre a duração da agonia. Que o final será de ignominias — a todos é dado prevêl-o. Mas não se illudam os recem-chegados: os ultimos arrancos hão de prolongar-se, em virtude dos *sagrados interesses* vinculados á conservação de *tudo isto*.

XXXIII

18 de Janeiro, 1892.

Eu não sei como por esse paiz em fóra teem sido recebidas as noticias dos ultimos acontecimentos de Lisboa — prisão do tal marquez e consocios e o mais que se annuncia. A opinião publica na capital — essa tenho a eu observado: nojo e um certo allivio. Hontem á noite dizia-me, encontrando-me no Chiado, um homem de letras notabillissimo: — «Sabe bem o ser pobre, não é verdade?» Eu dei-lhe razão e fui seguindo o meu caminho.

Mas no largo de S. Roque senti-me abraçado.

Voltei-me. Era um velho progressista, um general reformado, que queria saber a minha opinião. Eu tambem queria saber a opinião do homem — para lh'a dizer, aos senhores. Imaginem: um politico furibundo !

*

— Pois muito estimo encontrar o meu amigo, porque desejava saber a sua opinião sobre tudo isto !

— Eu espero a do general, para me elucidar. Por emquanto sou do parecer do meu barbeiro. Diz elle que vamos a pique, mas o homem foi maritimo e abusa dos termos nauticos.

— Eu acho que o homem tem razão. Que diz o meu amigo á queda do Marianno ?

— Surprehendente. O general esperava d'elle alguma coisa ?

— Qual ! E' um mau homem ! Não viu como elle abandonou o *partido ?* Que esperava elle dos regeneradores ?

— Não sei. O que parece é que ao partido progressista cumpria desmascarar esse homem

que o hostilisava, alliando-se com a regeneração; cumpria-lhe divulgar ao paiz as intenções que o levavam ao poder. O general sabe quaes eram?

— Decerto. Toda a gente o sabe. Tratava de salvar o seu dinheiro e o dos seus amigos, entalado nos caminhos de ferro.

— E porque o não disse o partido progressista? Porque não esclareceu o paiz e o chefe do estado, escorraçando um politico funesto e castigando um correligionario traidor?

— Conveniencias politicas. O meu amigo é muito radical!

— Conheço-me. E não desconheço as *conveniencias politicas*. O que me parece é que os senhores teem graves responsabilidades nos actos do Marianno, tão graves que não lhes sobeja auctoridade para accusar o governo, muito menos para substituil-o.

— Essa não e má! Eu desejava saber a opinião do meu amigo...

— Julgando que era egual á sua?

— Não digo isso.

— Então?

— Quero dizer que o não julgava prevenido.

— Contra quem?

— Contra os progressistas.

— Meu caro general. Eu nunca estou prevenido contra, nem a favor. A triste pratica da vida ensinou me a fugir d'esses extremos, e tambem a não estar desprevenido. Se tenho de occupar-me, mais ou menos directamente, dos individuos, ou se julgo que virei um dia a occupar-me d'elles, presto attenção ás suas manobras na vida, e applico ao exame toda a consciencia. O Marianno é, para mim, uma grande força jornalistica e um talento robustissimo. Conhece muito os homens, mas supponho que não é tão forte na previsão dos acontecimentos. Quero eu dizer, na minha, que procedendo elle com superior habilidade em relação aos individuos e ás suas fraquezas, não lança em conta o Inesperado. O Destino, a Evolução procede por movimentos bruscos. Se o governante os prevê, ou conta com elles e *um homem de estado*, no caso contrario é apenas *um politico*. Lance em conta, para a historia da nossa queda *inevit vel*, os factos *providenciaes* de ha uns annos para cá,

em Portugal, e medite, se lhe não perturba a cabeça: é a morte do Fontes, é a do rei Luiz, é a questão ingleza, é o pavor succedendo ás inquietações; é a revolta no Porto; é a morte dos chefes republicanos obrigando o partido a unir fileiras; é o descaramento dos tratantes enriquecidos como o senhor sabe; é a desmoralisação nos espiritos... Esse homem que hoje cahiu era considerado uma esperança; cuido que era apenas um homem de *expedientes* — como o janota que vive *ao jour le jour*. Ainda assim, quem é que os senhores teem, para succeder lhe?

— Temos homens de muita respeitabilidade: o José Luciano, o Barros Gomes, o....

— Não diga mais. Metta o general a mão na consciencia, e diga-me se não estamos *promptos!*

— Qual. E' um partido de muitos recursos, o progressista. E ainda nós não vimos o que dá o Elvino!...

N'este ponto, como estivesse frio, despedi-me do velho partidario; e, a caminho de casa, senti um abatimento profundo. Não é verdade que

estamos condemnados? Agora, á ultima hora, quer o partido progressista *mostrar-nos quem é o Elvino*!...

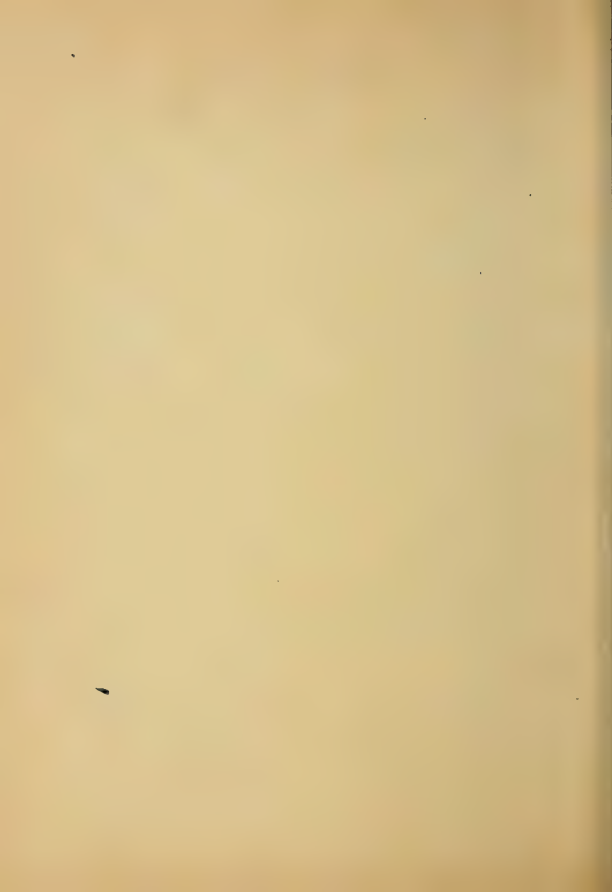
—

Emquanto *elles* desfilam para o tribunal, onde os afiançam em 200 ou 300 contos, vamos nós colligindo os elementos para a Historia que ha de escrever se amanhã. E' talvez como elaboração de documentos que mais importa trabalhar. O maximo numero de infelizes sabe apenas soffrer...

A minha visinha do lado é uma vededdeira de fructa. Tem cinco filhos menores. O marido está doente de cama, com rheumatismo. Ella vae de casa para o mercado ás tres da manhã e regressa ás sete, com as compras. Faz o almoço para os filhos e trata do homem. Depois parte para a venda. E' um dia inteiro, debaixo do frio, ou debaixo da chuva. A' noite comem, todos elles, umas sardinhas assadas á pressa. O rheumatico lá está gemendo as suas dôres... Hontem á noite, estava ella sentada á porta da rua, a pobresinha, e scismava. Perguntei-lhe: — «O

seu homem, tia Anna ! ? Os pequenitos ?» Ella, com um sorriso que fazia chorar : — «O que eu peço a Deus, senhor visinho, é que me conserve debaixo da carga. Emquanto eu viver, ha o bocadinho de pão !»

*

Foi o pensar na mulher e nas palavras d'ella que me privou de saborear durante a noite, acordado, ou em sonhos, aquella aspiração da ultima hora do partido progressista :—*mostrar-nos quem é o Elvino !...*

XXXIV

22 de Janeiro, 1892.

Os homens lidos em João Jacques Rousseau e nos discipulos do cidadão de Genebra devem prestar culto, como elles o prestavam, ás *almas sensiveis*. Eu, muito lido no philosopho immortal, presto esse culto ás citadas almas. Ha, todavia, momentos historicos em que a *sensibilidade* me apavora, como uma epidemia. Por exemplo :

*

Foi quando na memoravel sessão de 14 do

corrente, da camara dos deputados, o *nobre ministro da fazenda*, Marianno de Carvalho, proferiu aquelle seu discurso, que na opinião de uns he abriu as portas da immortalidade, e na de outros, as portas do Limoeiro. Querem crêr que se sentiram commovidos muitos sujeitos de principios sãos? Eu não assisti á festa, mas tive ensejo de conversar, no dia immediato, com um politico experimentado e honesto. Relêmos juntos o discurso e apurámos o seguinte :

*

Como obra litteraria é deploravel ; como trabalho de defeza, como obra de dialectica, é uma simples monstruosidade. O orador ufana-se de haver salvo o seu paiz, sacrificando-se-lhe. Entre a morte do *paiz* e a do homem, preferiu a do *homem*. Toda a gente sabe que ninguem morre n'este paiz — a não ser para os dominios do coveiro. Aqui, não ha ridiculo que ponha embargos a uma evolução de glorias e de venturas. Isto pelo que toca aos *homens*.

Quanto ao *paiz* — ninguem o salva !

Não houve, portanto, homem sacrificado, nem paiz conservado pelo sacrificio. Houve apenas *expedientes* de habilidoso, empregados na prolongação de uma agonia,—prolongação favoravel aos *entalados* :

*

Pelo que toca ao valor dos expedientes, está o leitor do discurso vendo nas entrelinhas das explicações gloriosas as seguintes palavras do *Popular* de 16 do corrente publicadas e lidas quarenta e oito horas depois da brilhante peça oratoria :

Leiam, pézem e meditem — os commovidos :

«Sabe-se pelo que declarou o sr. Marianno de Carvalho, as avultadas verbas que elle teve de pagar ; mas é claro que para a maior parte do pagamento d'essas verbas teve de levantar dinheiro no estrangeiro, e que esse dinheiro tem de se pagar.

«O ministro da fazenda que o substituir tem de envidar os mesmos esforços e proceder ás mesmas diligencias, para poder saldar na época dos vencimentos aquelles encargos ; e como o

nosso credito está abatido e o tempo caminha com enorme velocidade para o devedor, é indispensavel que se não perca tempo que póde ser, e é de certo, cada vez mais necessario, para procurar e conseguir os meios de solver os compromissos do thesouro.»

Todos nós temos conhecido individuos assoberbados por crise economica, resultante do desequilibrio do orçamento individual, e todos nós temos visto alguns d'esses individuos recorrerem ao execrando salvador a 6 p. c. ao mez. No cruel momento psychologico das urgencias, o agiota é um santo e a usura é sonho oriental. Colheu fructo o expediente. Serenou o espirito — até á data das tremendas responsabilidades.

E *como o nosso credito está abatido e o tempo caminha com enorme velocidade para o devedor*, e como sobre o descredito pésa a historia da Companhia Real protegida pelo ministro da fazenda demittido, imagine-se a sorte que espera o successor do sr. Marianno de Carvalho! Imagine-se, até, que farto assumpto para biscas e artigos do *Popular*, no genero dos que feriram o

governo de Augusto José da Cunha, e de Antonio Candido.

*

Dado, porém, que um vasto e poderoso plano financeiro, desejado e acreditado por grande parte da nação, houvesse medrado no espirito do sr. Marianno de Carvalho, não vejo razão salvadora que podesse fazer cahir esse estadista na circumstancia de elle o haver cuidadosamente occultado aos seus collegas do governo, ao pôl-o em execução. Previu a Lei esse abuso de confiança, e não o absolve, nem attenúa, a suspeita de que a divergencia dos ministros houvesse esmagado o plano e determinado uma crise. Crise e esmagamento soffreu-os a moralidade politica e soffreu-os a moralidade publica. O sr. Marianno de Carvalho, expulso do ministerio pela recusa dos seus collegas em annuir aos seus processos da salvação, teria o direito de arvorar-se accusador — o mais formidavel dos accusadores — por si e com procuração da patria. E o paiz e a corôa teriam de pronunciar entre o

salvador repellido e os refractarios aos processos de salvação.

A illegalidade monstruosa chega a desculpar-se com estas puerilidades: — «Não maguar os collegas no ministerio!» Eu confiei em tempos uma fortuna a um individuo que me deu cabo d'ella em tropelias industriaes. De quando em quando, eu perguntava ao homem como corriam os negocios. Resposta invariavel do sujeito: — «Vae tudo perfeitamente.» Ao cabo de alguns annos, eu estava arruinado. Explicação do cavalheiro: — «Que não me prevenira, afim de me não maguar!» Já se vê que o sr. Marianno de Carvalho nem sequer merece as honras da origininalidade.

*

Agora o cumulo a que chegaram as *almas sensiveis*: Deplorou-se com lagrimas o desastre soffrido por aquelle homem promettedor! O paiz, a lei, a moralidade, o decóro, a vergonha, o futuro da nação — tudo isso é para segundas leituras! Foram accusados os outros ministros de *haverem sacrificado* o seu collega, que os en-

ganára — para os não maguar! Produziu-se a idéa de um protesto publico, junto ao rei, tendente a reconduzir ao poder o ministro que em pleno parlamento reconhecêra (?) terminada a sua carreira e declarara *ter arriscado ainda mais alguma coisa.* Nada arrisca. Ha lagrimas de enternecimento do norte ao sul, e ainda hontem á noite eu ouvi a um cidadão, com estes que a terra ha de comer:

— «Não tenho confiança nos respeitadores da lei. O que se precisa é *expediente!*»

Phrase mais profunda do que parece. Arrasta o sentimento e a critica n'um turbilhão de torpissima intrujice. E' o ponto de vista em que se collocam os sentimentaes que não choram sobre a mulher honesta, boa mãe, trabalhadora, martyr da pobreza e do dever, e que concedem todas as sympathias e todas as misericordias á *horisontal* na sua vida *infeliz* de orgia e de devassidão!

XXXV

24 de Janeiro, 1892.

TENHO ME dado á critica do meu *sentimento*, a proposito das impressões que em mim produziram as investidas salvadoras governamentaes. Arrumadas as preoccupações pessoaes, as antipathias e as velhas desconfianças — eis o que se apura.

*

Ninguem, de boa fé, acredita no actual governo — na sua força, na sua harmonia, na sua superioridade, na realisação dos seus projectos e

na efficacia d'esses projectos. Conseguintemente, falta-lhe, além de tudo o mais, a confiança da nação, e suspeito que não possue a do rei.

Tiberio é d'essa opinião. Na chuvosa noite de hontem procurou-me em casa o philosopho, para o fim de carpir as suas maguas de patriota. Encontrou-me mal disposto do espirito: isto é, bem disposto a ouvil-o. Tiberio agarrou o boi pelos córnos; foi-se logo á questão financeira, que é hoje do conhecimento de todos. Não ha para instruir em finanças como ser roubado.

*

— Você acredita, perguntou-me o philosopho, na superioridade do Martins sobre o Marianno?

— Acredito positivamente no contrario. N'uma situação afflictiva, o Marianno tem os expedientes, a pratica, a *rônha*, o desprezo dos homens, a marcha do elephante, que esborracha obstaculos e que não soffre de calos, nem olha a prejuizos. O outro é *um critico* — quasi sempre um pessimo artista. Desconhece os processos do officio. Tem o culto da sua individualidade e

considera-se... o que lhe teem chamado; já não é pouco. Vacilla entre os cuidados que lhe dá o seu renome, as transigencias com os directores geraes e com os melros da politica e da finança e a responsabilidade de succeder ao padre-mestre. Tem calos, tem prejuizos, tem vaidades, tem medo, tem inexperiencias. Ha de cair *sentado*, fazendo rir toda a gente e deixando um capitulo para a historia galhofeira da nossa ruina: *Estenderête d'um philosopho.*

*

— Estou d'accordo com você, disse-me Tiberio. E que me diz aos projectos annunciados?

— Está você morto por fallar das reducções dos ordenados. Eu tenho sobre essa medida *salvadora* a seguinte opinião: se um *salvador* qualquer houvesse pensado sériamente em sangrar milhares de tristes funccionarios, para remediar os resultados da orgia dos altos tratantes, o tal *salvador* seria réu de uma monstruosidade que vincularia o seu nome á execração publica. E, se n'este momento historico, se trata de conser-

var a monarchia, sob pretexto de salvar a patria, o auctor d'essa monstruosidade seria o que umas rhetoricas chamaram em tempo ao Fontes, que Deus lá tenha : *o coveiro da monarchia.*

— Continúo a achar-lhe razão, disse-me o philosopho, pitadeando-se.

— Ora ainda bem. Está voeê vendo ou imaginando o bello orçamento do empregado publico — 30 mil réis mensaes, uma familia, e a obrigação de *andar decente.* Sobre tudo isto, de ha dois annos para cá, uns 30 % de augmento na despeza, resultando da elevação dos preços nos generos alimenticios. Não ha dono de casa que lh'o não affirme. Os homens das aldeias emigram para o matadouro do Brazil, mas a classe média não emigra : devora a sua mizeria. Quer você que se admitta a possibilidade de uma reducção de vencimentos sobre tudo isto ? E quando a imprensa jornalistica, a que não vae com as tramoias dos partidos, divulga a toda a hora as dissipações, os abusos, as combinações, para que o gaudio se perpétue, embora mascarando-se, é crivel que alguem se resigne a tirar o pão aos filhos, para que não corram perigo

os *menus* do alto ?! Você acredita, meu philosopho, na imposição do sacrificio aos felizes da terra? Não vê que no dia em que esses felizes sentissem nos hombros a albarda, que é patrimonio dos tristes, mandariam ao diabo a salvação e os salvadores?

— Resuma você!...

— Está resumido. A reducção da fome. Importa com a miseria de milhares de familias, a ruina do pequeno commercio. O expediente que se impõe é o da venda de colonias. Um deputado indicou o ha mezes; revoltarem-se os filhos de Tristão da Cunha, mais os de Diogo Cão, e berraram sandices e sentimentalismos. O mesmo deputado voltou hontem a indical-o; toda a gente o apoiou. Apenas lá apparece, de quando em quando, um *homem brioso* que prefere viver de calotes a vender as reliquias de familia, para pagar aos crédores. Em geral, o sentimentalismo foi-se, pois que chegou a hora em que a fome se impõe...

*

— Bello! bradou Tiberio. Vendamos colonias!

— Pois é claro. Mas ahi tem você para que serve um governo fóra da rotação dos partidos: é para esses transes patrioticos. Dou um dôce ao partido progressista, ou ao outro, se elle fôr capaz de realizar similhante facto, que mais tarde, depois de passados os terrores, ha de ser o desdouro de um governo. Vendidas as colonlas, haverá dinheiro. Poderá então cair este governo, — e voltaremos á *vida antiga*, á rica pandega!

— O que! Outra vez á pandega!?

— Pois já se vê, meu philosopho! A não ser que surja o Inesperado; mas não perturbemos o espirito com supposições gratuitas. Já salvámos o paiz — como o Marianno. A noite está chuvosa e fria. Vamos jogar uma partida!

E fomos jogar a partida.

XXXVI

31 de Janeiro, 1892.

Hontem á noite, na Avenida, Tiberio revelou-me dotes apreciaveis e que eu lhe desconhecia inteiramente: desconfiança e previsão. Disse-me assim o philosopho:

— Você reparou no applauso que por parte d'alguns politicos recebeu a ideia do Ferreira d'Almeida — a venda das colonias?

— Reparei bem.

— Parece-me que reparou mal. Que pensou você de taes applausos?

— Attribui-os ás circumstancias afflictivas.

— Não vae mal. A's circumstancias afflictivas do paiz?

— Certamente.

— Não vae bem. Eram as circumstancias afflictivas dos *partidos.*

— Conte-me isso!

— Está você vendo d'aqui as bellas colonias vendidas. Parece racional e parece honesto: e é o expediente de um homem de bem, que vende as reliquias de familia, para pagar aos crédores. Mas é preciso adoptar um systema especial *quando uma ideia apparentemente razoavel é defendida por certa gente. E' preciso viral-a do avêsso!*

— Vá dizendo...

— Virada do avêsso a tal ideia, que da parte de Ferreira d'Almeida é sem duvida sincera, encontramos a explicação dos applausos dos partidos. Está você vendo as bellas colonias vendidas...

— Estou vendo.

— Está você vendo os directores geraes e todos os grandes devoristas de sete empregos alliviados de graves pezadellos e uma consideravel

somma de *massa* tapando buracos ameaçadores. Toma-se a respiração; o *governo salvador* cae debaixo da execração sentimental — porque o homem livre de apertos começa a descobrir defeitos nos expedientes que o libertaram. Temos, pois, o governo em terra — e os partidos em cima.

— E' claro. Isso mesmo já eu disse em gazetas.

— Mas disse-o, attribuindo o *facto* a uma sequencia natural de factos e não a uma perfeita combinação. E é preciso que você veja a combinação habilmente preparada. O José Dias não caiu no laço. Póde cair do poder, mas para arvorar-se em critico justiceiro. A venda de colonias é o unico expediente salvador dos apertos de momento. Regeneradores e progressistas são condemnados a *executal-o* e a applaudil-o — para um d'elles o renegar depois, aproveitando-lhe as vantagens. Você vae assistir a um curioso espectaculo...

— Diga!

— Os dois partidos fazendo ceremonias para tomarem conta do poder! O que fôr chamado

e acceitar, tem de vender as colonias : isto é — tem de arranjar dinheiro... para o successor !

— E' interessante !

— Chega a ser divertido. Ainda ha uma consolação na desgraça : *é extrair-lhe a parte comica*...

Foi depois da palestra com o philosopho que me dei á nova leitura do *Manifesto dos emigrados*.

*

O *Seculo* é de parecer que se reduza á miseria centenas ou milhares de familias. Quer uma *razzia* nos empregados publicos. Saberá elle o que quer ?

Não ha commercio solido ; não ha industria ; não ha agricultura ; as profissões liberaes são o que os senhores vêem. Logicamente, a ideia de um pobre diabo é encafuar-se n'uma repartição. Cóme pouco, mas aprende a ruminar. Com elle ruminam os filhos e a mulher. Ha cincoenta annos que isto se estabeleceu. Deu-se cabo de *tudo*, dá-se cabo do *resto*, em patifarias de altos car-

gos acumulados, em festas e pagodes que levantam as pedras da rua, em arranjos com os *fornecedores*, em tratantadas abafadas e impunes... *Toca a massacrar os amanuenses!*

Saberá o *Seculo* o que diz?

*

Um traço caracteristico:

Foi hontem, á noite, no Rocio. Um grupo de rapazes das escolas discutia *tudo isto.*

Eu ouvi o seguinte:

— «E' uma questão de *amor proprio*, se não querem que seja de *moralidade!* E'-se forte para as luctas da vida, é-se intelligente e honesto. Vem d'alli aquelle sevandija, estupido, ignorante e sem escrupulos... Mette a cabeça, fura, trépa, firma-se no poleiro. O outro protesta? E' um invejoso, um inhabil, um sandeu. Isto já não é lucta entre os *fortes* e os *inhabeis;* é a corrente da infamia sem impedimentos. O que ha a fazer? Pôr embargos! Como? Agitando, precipitando o desfecho!...»

Em redor do revoltado, applaudia-se.

XXXVII

2 de Fevereiro, 1892.

Caso que me não fatiga, nem importuna : o de celebrar a *bondadc* caracteristica do nosso meio e da nossa época. Estão d'ahi vendo o conselheiro Mendonça Cortez protegido na camara dos pares, por uma voz indignada que não permitte que o suspendam ! De uma corda ? Não ; das funcções legislativas. Podia a opinião, sobre a pronuncia d'um juiz e sobre a *voz do povo*, indicar um falsificador e um amigo do alheio n'esse *par* ominoso e pantomineiro ; mas á bondosa correcção da camara alta cumpria aguardar um julgamento !

E o pobre Urbino de Freitas, suspenso das suas artes — antes do julgamento purificador? Já viram iniquidade mais crua? Felismente, não se acabaram as boas almas! Saibam-n'o os Cortezes... e os Urbinos!

Dizia o Alexandre Herculano, um patriota, nos ultimos tempos da sua vida:

— «Este paiz é um bacio tapado. Partil-o é mais simples do que vazal-o.»

Pois partam; mas não espalhem a *Bondade!*

*

A proposito:

Grande sensação com o caso *Peito de Carvalho!* Esta exoneração a *frio* apparece com diversas versões, que eu lhes apresento tambem *a frio* e que talvez sejam ineditas para muitas almas christans:

1.ª — Velha intriga contra o administrador geral das alfandegas. N'esse caso, seria o salvador Martins o agente de uma Providencia de furta-côres.

2.ª — Os impostos da Companhia Real cobrados em prestações pelo administrador supra, por

ordem do ex-salvador Marianno. E em tal caso, o salvador Martins dá muitas batatas nas suas iscas. Carregar no Peito de Carvalho, sem beliscar quem lhe ordenou o abuso, é comêr a justiça dos homens e abrir contas graves no tribunal do Altissimo.

3.ª — Necessidade de dar um exemplo de energia. O Peito é geralmente considerado a maior de todas as Barrigas. N'estas circunstancias, direi como a Catharina de Medicis ao Henrique III, quando elle fez morrer o Guise: — «O panno está cortado, meu filho. Agora é preciso cozêl-o!»

Vejam lá, não côzam o paiz — mais uma vez.

*

Um caso (outro!) que lhes não deve ser extranho, é o da *fava Bensaude*. Sabem da absolvição, pois não sabem? A' ultima hora, como quer que rugissem coleras populares e particulares sobre a cabeça do salvador Martins, saem-se as gazetas conspicuas com esta declaração:

«Foi o snr. Marianno de Carvalho quem homo-

logou a absolvição. O sr. Oliveira Martins achou o facto consumado.»

Já viram um diabo, Deus me perdôe! mais productivo, do que aquelle Marianno — em *factos consumados*? !

Nem deixa nada para os Mariannos do futuro!

*

A proposito dos partidos que, pelos seus orgãos, estão fazendo confissão dos seus *erros* (*factos consumados*), diz o philosopho Tiberio:

— «Mas, porque não se entregam elles á policia? !»

*

Talvez não reparassem ainda na solicitude, da ultima hora, dos politicos, em favor dos operarios sem trabalho. Pois teem publicado alvitres, louvado seja o Senhor! Qual opina que se prejudique um quasi nada a salvação economica, arranjando-se obra para os *infelizes*, — o que de certo modo colloca em apertos os salvadores; outro indica as colonias como centro propicio

ás aptidões dos *tristes proletarios*, — o que dá segurança aos barrigudos assustadiços, da metropole. E é precisamente esta historia dos famintos o que está sobresaltando Lisboa. Quer me acreditem, quer não, de bancarrota e de medidas financeiras já ninguem cuida. Nas medidas não ha quem acredite. Na bancarrota... será o que Deus quizer !

Bom povo !

Esta manhã dizia-me, alli na rua nova do Carmo, um mariola gordo, que se abotóa com dois contos e pico, por anno. — «Isto não póde continuar assim. E' preciso a rotação dos partidos!»

Não lhes cheira a *factos consumados* ?

*

A' ultima hora, sou informado do seguinte. Vae em estylo telegraphico :

Peito de Carvalho demittido porque, de accordo e por ordem do Marianno, acceitou illegalmente o pagamento, *em prestações*, de 93 contos que de imposto de transito devia a Companhia dos caminhos de ferro.

Por ordem do sr. Marianno...

XXXVIII

12 de Fevereiro, 1892.

Na minha precedente chronica, alguns erros de composição alteraram o sentido dos meus dizeres. Appello para a lucidez dos leitores, afim de que me libertem de responsabilidades.

E adiante:

*

Estou de cama ha quarenta e oito horas, com uma bronchite embryonaria. Esta reclusão valeu-me hontem á noite a visita do fiel Tiberio

muito preoccupado em decretos de accusação. Suava em bica o philosopho, o que eu lhe invejei d'entre os meus cobertores. Muito rouco, abstive-me de palestra. Felizmente, o philosopho estava bem disposto.

— Quer você saber?...

Fiz lhe signal — que sim. Elle proseguiu:

— Venho da Avenida. Estava lá toda a gente. Puz-me a observar physionomias, a começar pela do rei e a acabar nas dos amanuenses. Estava tudo contente! O rei ia a cavallo, e de todos os lados a janotada fazia cumprimentos. Algum descontente girava de longe, com cara de poucos amigos. Mas em geral, ar de pandega! Fallei com um rapaz amigo, que é todo do José Dias, mais do Martins; disse-me elle que os homens estão resolvidos, *pelo menos*, a cair bem...

— Nem isso!

— Tambem me parece que *nem isso*... Mas o grande assumpto, entre os politicos, é a accusação do Marianno. Sobre isto, ha coisas deliciosas.

— ?

— Eu lhe digo. Você já viu a attitudo *pimpona*

dos dois partidos monarchicos? Diz o regenerador que tudo isto tinha de ser aclarado e que o Arriaga apenas se antecipou. Diz o progressista que, pela sua parte, não téme *confrontações*. Repare você n'isto: já não se trata de estar innocente, ou criminoso; trata-se de haver feito *mais ou menos* do que *os outros!* O paiz não tem de absolver; tem de aquecer dois ferros em diversas temperaturas: um para cada criminoso!

— E' claro.

— Mas a opinião geral sobre o caso é que não passaremos de comedia. O Marianno está á capa e tem, segundo corre, elementos para afundar comsigo meio mundo. Quererá esse meio mundo afundar-se? O Marianno, homem pratico e muito conhecedor do seu paiz, espera que tudo se aplaque. A opinião, a do *odio aos inglezes, do dr. Urbino*, da *irmã Collecta* e do *marquez da Foz*, principia, d'aqui a nada, a aborrecer-se do assumpto Marianno. Quer novidade. Vem d'alli a historia d'um *crime hediondo*, que dá que fallar para oito dias. Ao cabo d'esse tempo, a accusação passou á Historia...

— Tem rasão.

— Está claro que tenho. Quer você saber? Ha muita gente que já barafusta e berra contra a *perseguição* ao Marianno. Diz essa gente — que aquelle homem está sendo o bode expiatorio, que ficou desacreditado e pobre, que *os outros* estão de cima, com a barriga cheia, tendo-o explorado e atraiçoado, e que se fazem pimpões — estando a tremer de medo. Está você vendo o reviramento da rica opinião publica... Quer você que lhe diga uma coisa?

— Sei o que é?

— Sei. E' que ainda havemos de ver o Marianno...

— Chamado como salvador! E' isso mesmo!

— Se *lhes* derem tempo para isso.

*

Dois assumptos, que ao Porto interessam:

O caso do tal freguez da Junta Geral do Districto. Esse é da competencia do bispo Ayres de Gouveia. Está em boas mãos.

O outro é a syndicancia ás *coisas de Salamanca*. Vejam lá como tudo esquecera, em har-

monia com os usos da nossa terra! Esquecera até que o salvador em chefe — o José Dias — era o presidente da syndicancia! E agora, faço-lhes uma prophecia: — Tudo ficará em nada.

Creiam-me os *Lumbrales* d'esse Porto, e não se esqueçam de pedir moralidade, por intermedio da sua camara municipal. E' uma nota que dá *chic*, -- parece da fabrica do Cortez...

A proposita de *notas*, ahi teem uma de perfeito comico:

Em toda a linha da imprensa de Lisboa ergueu-se feroz berrata contra a Companhia do Gaz e o contracto que se fizera entre essa companhia e a camara municipal.

O Supremo Tribunal Administrativo annulla o contracto, pelo qual a companhia perdoara ao municipio 100 contos em divida.

A camara põe as mãos na cabeça.

A companhia dá pulo, de satisfeita.

A imprensa...

Que até parece uma magica!

XXXIX

18 de Fevereiro, 1892.

Na feliz situação que os senhores estão vendo, é materia para distracção agradavel isto de colhêr impressões publicas. Ha tres ou quatro dias, que eu, farto das impressões particulares do philosopho Tiberio, evito a presença d'esse amigo, para que se não dê o caso de nos aborrecermos da amizade, e vou-me a auscultar os conhecidos, pela Avenida, pelos cafés e pelos theatros. Divertido planeta!

Hontem, no theatro da Avenida, chamou-me d'um camarote — estava eu na plateia — um ra-

tão meu conhecido de ha trinta annos, dos tempos do collegio dos Lazaristas. E' um ropaz rico, jovial, indifferente ao que vae pelo mundo, se os casos lhe não produzem sensações gratas. Mas é instruido e nada tolo o egoista. Conhece a vida e os homens — e d'ahi lhe provém segurança—e naturalmente longa vida com feliz morte.

Chamara-me elle, para conversarmos. Faltava-lhe a companhia aprazada para o espectaculo. Veiu a tempo o convite ao meu aborrecimento. Fui para o comarote do homem, e alli nos démos a cavaquear sobre *tudo isto.*

*

Fiz-lhe eu observar a alegria d'este bom povo justificativa de todas as *reducções* imaginaveis. Elle encolheu os hombros — movimento que tem o cunho nacional —já repararam?— e commentou :

— Essa extranheza provém de você não lançar em conta, para a sua ctitica, o factor es-

sencial do sentimento e do procedimento do nós todos.

— Conte lá isso!

— Em tempos, o Ramalho e o Eça, n'uma grande troça aos brazileiros, insistiram n'um factor similhante: o *brazileiro* dentro do individuo, a fornecer assumptos para a critica das *Farpas*. Nenhum dos dois homens de lettras pensava em que o Destino impiedoso teria de modificar aquella palavra, para nos definir com justiça. E' o *portuguez* que nós cá temos a conter-nos, a impellir-nos, a atordoar-nos, a relaxar-nos e a apodrecer-nos. Não sente mau gosto na bocca? Não tem mau halito, uma vez por outra? E' o *portuguez* que se decompõe e que para logo é substituido, meu patriota! Eu sinto cá dentro esse trambolho...

— Parece-me que tambem sinto, agora que você me fallou n'isso!

— Pois é claro. A gente vê o paiz tão perdido como um homem com familia, sem emprego, sem credito e sem vintem. N'estas condições, apparecem-nos, ha um anno, uns *salvadores* mais ou menos intrujões, ou patetas das luminarias.

Seria racional, como o instincto de conservação, que a gente se revoltasse contra as *experiencias* com rabo-leva de desenganos, e intimasse esta *malta* a mudar de vida, ou a pôr-se ao fresco. Vem-nos esse pensamento, como o desejo de tomar um banho, depois de uma noite de comboio. Mas de repente prende-nos uma indecisão. E' o *portuguez* que rabeia dentro de nós e que amassa, para nos entreter o organismo, um pastelão de mandria, scepticismo, caloteirice e pouca vergonha, salpicadinho de phrases como estas : *Ora adeus ! — Entre mortos e feridos... — Que diacho ganha a gente em se ralar ?!* Isto é a canella em pó, é a grangeia com que o *gajo* enfeita o pastelão. Você não sente uma coisa que se chama *azia ?*

— Estou sentindo.

— E' o *portuguez*. Tome você o sal de fructas especial : leituras sólidas, convivios escolhidos entre os intelligentes e honestos, isolamento regular. Como diabo se hade ser um homem forte, passando-se a vida na janella, a cuspir de nojo sobre o desfilar dos gatunos que vão para o mastro de *cocagne* e sobre as tipoias

que conduzem hanqueiros, syndicateiros, pantomineiros politicos e toda essa malandragem que tem fianças caras, no rosto uma chapa de estanho e na alma uma esterqueira? E não quer você que o *portuguez* nos arranje cá dentro o pastelão?!

*

— Acho rasoavel a theoria. Mas que sairá d'isto?

— Que diabo quer você que saia d'isto? Você lembra-se do *Portugal Contemporaneo* de Oliveira Martins e do *ponto de interrogação* que fecha a obra? O homem esperava pela traducção, em factos, de um pensamento ainda indefinido. Conviveu com o Anthero de Quental, o mais potente espirito que n'este arminho de estupidez nacional poz uma *nodoa* de Revolução. Conviveu com esse mestre, e não soube arrancar ao auctor do *Portugal perante a Revolução de Hespanha* um pensamento definido, de regeneração e de redempção! Que lhe parece a você que tem lá dentro esse philosopho, esse histo

riador, esse critico, esse financeiro, esse salvador? Tem ou não tem o *portuguez?*

— Acho que terá dois *portuguezes.*

Riu-se o homem. E como o espectaculo acabasse, accrescentou:

— Vamos nós ceiar ao *Leão.* O que tiver de ser hade ser...

Uma phrase que cheira ao *pastelão!*

XL

21 de Fevereiro, 1892.

REAGEM diversos orgãos jornalisticos, de feição conservadora, contra as demasias de linguagem da imprensa republicana, e pedem repressão de taes desmandos. Conheço pessoalmente um dos jornalistas empenhados na santa obra de repressão. E' um bom homem, illustrado, correcto observador dos seus deveres civicos e de familia, vaccinado, barbeado e escanhoado a tempo. Muito severo em pontos d'honra e em virgulas de probidade. Ai da creada de servir que lhe metter a unha no bacalhau

cazeiro! Não se livra da policia, nem da *prevenção* nas gazetas!

*

Este bom homem tem crises de relaxação e applica-as ás coisas publicas, em circumstancias de utilidade partidaria. Extrae do seu *mal* todo o *bem* relativo. Lembra-me um velho amigo meu, incapaz, por timidez, de pedir cinco tostões emprestados, e capaz de tudo quando estava bebado. Sciente do caso, *aproveitava a bebedeira* — para pedir duas libras. O meu jornalista aproveita as crises do caracter—para pedir uma rolha para os collegas que lhe prejudicam o *partido*.

*

Produz-me ás vezes uma especie de hesitação a segurança, o aprumo de certa gente. Esta confissão ingenua põe a mira na absolvição dos meus peccados. Vem a proposito da firmeza com que outro jornalista, o sr. Carrilho dos orçamentos, exhorta diariamente, na sua gazeta, os partidos e os jornalistas a que se abstenham de

accusações *n'esta occasião*. E' no coice d'este benemerito que vem o outro — o das crises relaxadas, — a pedir embargos ás reclamações da opinião publica. Pelo menos, *n'esta occasião*.

Parece que não é este o momento historico, approvado pela boa critica, para a liquidação de graves responsabilidades. Consiste a obra patriotica, na opinião d'estes varões, em assistir serenamente ao esphacelamento, em sorrir á crapula, em fechar os olhos aos *factos consumados*, em abrir caminho aos gordos traficantes que tropeçaram na rêde da justiça, em pôr as mãos nos ouvidos, como mulher honrada ao transitar pela viella infame, em evitar o escandalo prejudicial... aos meliantes: em collaborarem pelo silencio, nas impunidades, os que não collaboram nos roubos, no regabofe e nas devasidões.

Tal a obra patriotica indicada como sensata, apregoada como justa, imposta como urgente, pelos moralistas conservadores aos protestantes descomedidos! E um dos apotolos, sobresaltado pelas nuvens negras, que se acastellam no horisonte que nós sabemos, explana sem ro-

deios a base dos seus terrores, quando nos diz: — «Deus sabe aonde nos levariam as retaliações!»

Aonde? Parece que á Penitenciaria. Mau destino!

*

Ha vinte e dois annos que eu faço jornalismo. Principiei o fogo contra Teixeira de Vasconcellos; depois contra Camillo Castello Branco; — o primeiro foi mais tarde um bom collega meu; o segundo foi meu mestre e meu amigo. Tive por companheiros, ás vezes por adversarios, combatentes como Urbano Loureiro, como Guilherme Braga, como o velho Sousa Monteiro, — um rude athleta! — como Alfredo Carvalhaes e Agostinho Albano... Tenho atacado de frente os mais temidos; nunca voltei a face ás represalias. Tenho o dever de amar a profissão que me fez homem e tenho direito de morrer na brécha do baluarte que nunca deshonrei. Não falo dos sacrificios feitos, porque lhe devo tudo — e mais ainda. Quero dizer apenas que ao termo d'essa carreira, desilludido, fatigado, abatido antes da hora, eu seria um imbecil, se não co-

nhecesse os direitos da minha classe, e um miseravel se lhe discutisse a elevação. Não careço de manusear um codigo especial d'esses direitos; a noção d'elles está viva e palpitante no meu espirito, e sobre os *abusos* do jornalismo d'hoje, eis o que eu penso:

Não ha leis repressivas que possam pôr-lhes embargos. Derivam-se dos *factos* em discussão; acompanham-n'os fielmente. Destruidos ou atenuados os *factos*, a critica tombaria ao vacuo. Não é mais facil ao poder o destruir os suppostos *abusos* da critica, do que lhe seria mutilar a sombra d'um edificio, ou a sombra de um homem. Reclamar a suppressão ou repressão constitue para o *moralista* um desastre e uma deshonra: documentos de pobreza de espirito e de indignidade profissional!

*

Uma procuração grave dos habitantes de Lisboa — refiro-me aos burguezes conspicuos — está sendo a *revolução que se espera d'uma hora para a outra.* Quem faz a revolução? Uns dizem

— que o governo; outros dizem: o sr. Lopo Vaz. E o meu amigo conselheiro Figueiredo, receioso das perturbações publicas e pouco crente na efficacia dos policias, tomou uma resolução radical: metter a D. Violante em casa da familia — com as suas tres filhas — «Que sempre fazem companhia umas ás outras!»

Tiberio amontôa em casa provisões de bocca. E' incrivel o que o philosopho tem gasto em generos de mercearia. — «Se os tempos melhorarem e a revolução não vier, dizia-me elle ha dias, ainda venho a fazer negocio com os comestiveis!»

*

A tal revolução, dado que tenho o carimbo José Dias, á destinada a motivar uma dictadura e successivas medidas de repressão. Com a marca Lopo Vaz, tem por fim sacudir do poder os ultimos nephelibatas, em nome dos *direitos dos partidos*.

E tudo isto se annuncia, n'um tom entre pacovio e assustadiço, com seus laivos de troça; e tudo é possivel que aconteça. Os senhores não conhecem o seu paiz?

XLI

25 de Janeiro, 1892.

Um caso tocante, que me enterneceu a lagrima, foi o da resolução do patriarcha de Lisboa, — pedindo que o não livrassem de concorrer para as urgencias do thesouro, com o seu desconto de 20 por cento. A gente olha para cima e depois para baixo, e mal comprehende o como os grandes exemplos são entre nós tão custosamente aproveitados e tão incorrectamente seguidos! Vêde vós aquillo da familia real, a sangrar-se na lista civil como uma catita, e agora o prelado lisboeta a abrir o pé de meia com

uma generosidade que até lembra um batoteiro; e depois olhae-me para esses carteiros de má morte a carpirem suas miserias, recusando-se ao pagamento dos direitos de mercê, sob o réles *pretexto* de que os não devem e de que terão de recorrer á caridade publica — para si e para a familia — se os obrigarem ao pagamento de taes direitos!

E' o egoismo das classes baixas, a peior das lepras! Ainda hontem á noite, o *conselheiro especialista em unhas encravadas*, rigido marmello que embalsama a cópa do *Popular*, flatulejava á porta d'uma tabacaria:

— O organismo social está sendo corroído nas partes baixas por uma lepra assustadora, felizmente localisada. Em cima, ha saude e condições de reacção benefica. E' preciso esborrachar o que está em baixo, com podridões e tudo!

Ao que o Izidro, chefe de repartição muito bem conceituado, com o simples fraco da *dobrada*, accrescentou commovido:

— De que eu tenho medo é dos tomates!

*

As classes baixas não andam satisfeitas, e seu azedume é pouco patriotico. O orçamento d'um carteiro dá cinco mil réis mensaes para sustento e vestuario d'uma familia. E' pouco, se attendermos a que uma cavalgadura da casa real, sem encargos de familia, nem de roupas brancas e outras, cóme em palha e favas quantia muito superior. Mas nem todas as creaturas vieram a este mundo para cavallos reaes, ou mulas do patriarcha de Lisboa. São fados, condões da sorte, que é preciso acceitar com resignada philosophia. Ainda um dia d'estes o philosopho Tiberio me dizia, ao vêr passar a equipagem real:

— Bonito e invejavel destino!

— O do rei? Olé! Um destino catita!

E o philosopho, atalhando:

— Qual! o de cavallo do rei!

*

O que falta aos miseraveis famintos é quem

os leccione em philosophia conformada. Tudo n'este mundo é harmonico, desde a cabeça de Kant, á cabeça do burro, — vejam o poema de Victor Hugo. Perturbar protestando é trabalho de paixões ruins. A observação de Tiberio sobre a posição social do quadrupede não é esguicho afelcado de alma invejosa; é uma affirmação pacifica de honesta comprehensão. O cavallo de sua magestade está acima do carteiro e do operario, em regalos e em consideração *pessoal*. E' sustentado com bizarria, vigiado, tratado, lustrado e tolerado. Não quero gradual-o n'um quadro de funccionalismo; mas não hesito em reconhecer que a sua sorte é muito superior á do segundo official sem accumulações.

Não ha professor distincto vivendo do seu ordenado exclusivamente, nem escriptor illustre vivendo da sua penna, que não tenha o *direito* de invejar as regalias d'um lacaio do paço, ou as d'um familiar do prelado. A harmonia social estabeleceu as coisas d'este modo, e deixou aos loucos o recurso de se admirarem e aos espiritos sensatos o dever de esclarecerem tudo.

Esclarecer — como? Definindo, classificando. Um simples trabalho de nomenclatura.

Só ha *gordos* e *magros*.

*

Deus é o *grande gordo*. O diabo é o *grande magro*. Vejam bem o resultado da revolta: um lá está no ceu, a mandar-nos massa de conselheiros e a receber a adoração dos mortaes; o outro é a execração do bispo Americo e já era a quezilia de minha avó. Lá está na Penitenciaria dos abysmos!

Com o primeiro estão os papas e os reis, os prelados e os generaes, os ministros, os conegos, os banqueiros, os cavallos reaes e as mulas prelaticias e os lacaios do tom.

Com o *outro* estão os invejosos, que é preciso converter em conformados, — a não ser que se convertam em *gordos*...

Se depois de meditarem estas reflexões serenas, que me atrevo a julgar sizudas, os carteiros ainda não comprehenderam porque devem, elles

e a familia, agonisar na miseria, para cobrir os buracos abertos por infamissimos tratantes, eu desde já renuncio á tarefa de catechisal-os. Na qualidade de *magro*, tive de orientar-me sériamente, para não resvalar aos destinos de Lucifer. Quando uma velha colera ameaça invadir-me o espirito, ponho-me a quebrar pinhões com um martello e a recitar a *Doida d'Albano*. Se pensamentos de odio me impellem a projectos vingativos, dou-me a desenhar á penna a cabeça do *Pina* — esse jornalista! — e depois recorto á tesoura, orelhas de burro phantasticas... para lh'as collocar devidamente, no dia da justiça social.

E assim vou matando as paixões, — como outros, a comer tremoços, matam a fome.

XLII

26 de Fevereiro, 1892.

Dizia-me hontem á noite, no café Leão, um dos intimos dos actuaes governantes, — um bom e intelligente homem :

— A ideia que eu fórmo de *tudo isto* é a que formam os homens do governo. Os *partidos* — os taes — estão mortos. Nem o paiz acceitaria hoje a chamada d'um Serpa ou d'um José Luciano ao poder, nem o rei os chamaria ao paço, para formarem governo. Veja você como o instincto de conservação tem inspirado esse rapaz, levando-o a resolver as crises sem consultar os taes chefes ! Todavia, os espiritos mais finos da

regeneração e do *progresso* estão convencidos de que uma conbinação entre os dois partidos dará em terra com o governo actual, logo que a situação financeira torne possivel a restauração de folia,

— E' evidente.

— Sem duvida alguma. Mas o peior para os *calculistas* e para nós todos (é um monarchico quem fala), o peior e o irremediavel *é que já não somos nós quem governa!* As condescendencias da corôa e do poder executivo já não são condescendencias. Vamos na onda, meu amigo! Veja você os terrores originando fraquezas inesperadas: é a camara dos deputados acceitando, trémula e abatida, a proposta da accusação do Marianno; é o presidente da camara dos pares encafuando o Cortez no Limoeiro; é a appelação para o paiz — para a indulgencia e para a bondade do paiz, — afim de que os sugados addiem a liquidação dos seus aggravos; e a appellação é formulada no momento preciso dos extremos sacrificios!

«Pessimos symptomas! Na corrente historica das expiações, a resistencia dos altos accusados

reveste especial grandeza, embora opponha fracos embargos — embargos de momento—á obra purificadora. Mas isto que nós vemos lembra-me o *Jogo da pélla*, a apostrophe de Mirabeau e a decisão de Luiz XVI : — «Elles não querem sair ? Pois deixal-os ficar !» Um passo em retirada — com o abysmo por detraz de si !

— Tem razão. E se você *os* ouvisse !...

— Tenho-*os* ouvido. Ha por ahi muitissimos sujeitos que elaboram orçamentos particulares sobre operações do Marianno — *quando elle fôr chamado ao poder*. Ha quem se ria d'esses homens, menos dignos de riso do que o paiz. São os velhos costumes de tolerancia e de relaxação do povo portuguez que auctorisam e justificam aquellas esperanças. Ha alli *boa-fé*, se o termo é admissivel em taes monstruosidades

— Está admittido.

— Ha politicos, financeiros, homens de syndicatos, jornalistas e galopins, que esperam do Marianno, do José Luciano e dos regeneradores. Esperam... o quê ? A resurreição da vida pandega. Estes odeiam de morte o actual governo,

que tem para os monarchicos o inconveniente de *parecer* dirigido pela opinião republicana, e para os partidos avançados a desgraça de *parecer* o ultimo baluarte da monarchia...

*

Proseguiu :

— Vejo que estamos d'accordo. Pergunta-me você agora se eu considero em absoluto impossivel tal *resurreição*... Se o nosso paiz se rége ainda na Historia pelas leis d'uma evolução positiva, a resurreição é impossivel, o reinado dos devoristas acabou, e as transigencias do passado com as exigencias da opinião representam o primeiro passo d'um *viver novo*, cruzando-se com o derradeiro da *vida velha*. Mas, se eu me engano : se o paiz adormece, mais uma vez sobre os louros das suas conquistas, ao sabor dos embusteiros : se paga sem condições : se renuncia ao direito de fiscalisar e ao direito de julgar, é porque chegou a sua hora. Cahirá espapado em lama, e, sobre o cadaver e o lamaçal, os Mariannos e os outros serão mosquitos que a Civilisação nova porá em fuga — quando expropriar o monturo !

*

—Ha uma coisa que vocês devem temer *dentro do seu partido:* são as impaciencias. O peior trabalho dos republicanos está feito. Desbravaram. Mas os trabalhadores, os martyres d'essa obra pertenciam ainda a uma forte geração. Sabiam expôr-se ao perigo e occultar-se aos triumphos ephemeros. E souberam esperar, e muitos morreram esperando, classificados *lunaticos* e *visionarios* nos intervallos benevolos da investida calumniosa e infame, que os não poupou. O impulso está hoje dado, e o trabalho é de simples vigilancia: cuidar em que esse impulso não afrouxe. Já não ha propaganda a fazer, nem artigos de fé a formular. Agitem e mantenham a agitação. Conservem o culto dos seus heroes mortos; é o premio que teem a esperar os que se sacrificam. Mas não percam tempo em apotheoses do que passou. Notem que os *homens perdidos* são activos...

— Que diacho o prende, a você, a essa gente?

—Bagatellas! Sentimentalismo! As relações pessoaes, os costumes velhos, o culto do passa-

do! Você tem o *tabaco* — que lhe deteriora o estomago, que lhe enfraquece a vista, que lhe perturba o cerebro, que o emmagrece e o extenua... Sente-lhe os perigos e os inconvenientes, e não se desprende. Eu tenho em mim o *monarchista*... Sinto-lhe as injustiças, e vou ficando. Que seria da *harmonia geral*, sem as contradições?!...

XLIII

4 de Março, 1892.

Agora, que a loucura obrigatoria entrou nos dominios da expiação, vá lá um relancear d'olhos sobre os apontamentos colhidos n'estes tres dias :

O meu cubiculo de trabalho tem uma janella sobre uma das mais afamadas ruas do caracteristico Bairro Alto. E' a rua da Atalaya, no recanto que volta para a rua da Rosa, — bons petiscos, vinho de Torres, Imperias de saia engommada e fadistões de melena barjonacea, resmungando ao som da banza melancolica :

Seja esta a primeira cantiga
Que n'este *auditoiro* canto!

Bonito espectaculo de cada hora; mas no domingo foi muito divertido. Ellas vestiram-se de *faias*, e elles vestiram-se de *messalinas* -- e tudo bebado na rua, a pedir esmola!

*

Sáio do triste bairro e vou-me a fazer a Avenida. A meio caminho, alli no Rocio, toca-me no hombro um individuo conhecido. E' um velho democrata, muito intelligente, ex-conspirador, escriptor distincto e autor de livros notaveis, saboreados pelos entendidos. Diz-me elle que saíu de casa, *para vêr a cara do povo.* Eu tambem saíra para tal fim. Vamos lá a vêr *a cara d'elle!*

Cara que não é a mesma do anno passado. Não é porque se afigure mais velha, nem mais irritada, nem mais emparvecida. E' um mixto de fadiga, de relaxação e de apoquentações mysteriosas. Lembra um devasso intimado por uma

querida a pagar-lhe uma ceia e resignando se a pagal-a, sem ter vintem. A nota predominante das *festas* é uma pelintragem sinistra. Uma figura d'uma dança pede-me esmola :—Ainda que seja cinco réisinhos !...

Diz-me o velho democrata :

— E' ponto assente que lá em cima desconfiam do José Dias. Sempre desconfiaram d'elle· De modo que o paço de Belem destacou o Oliveira Martins para o vigiar, e o da Ajuda destacou-lhe o *bispo*...

E, fazendo-me parar :

— Li a sua ultima chronica. Não é nada do que lhe disse o tal amigo dos ministros. Não obedecem á opinião, a não ser apparentemente. Quem manda é o Lopo Vaz — e só elle ! Nada de confiar em palliativos !

*

Vamos subindo a Avenida, e o meu velho amigo pergunta-me :

— Você conhece um trabalho do Anthero do Quental sobre a *Revolução de Hespanha ?*

— Conheço. Quiz vulgarisal-o em jornaes, quando o Anthero morreu. Não tinham espaço; estava todo tomado pelo Grandella.

— E' natural. Pois esse trabalho do Anthero é um *guia*, não o temos melhor, para os republicanos portuguezes, a contar do dia em que triumphem. Diga-me: você gosta de Robespierre?

— Conforme. Como *nivelador*, continuando a obra de Luiz XI e do Richelieu, não ha que se lhe dizer. Como destruidor da *ideia federativa*, nas pessoas dos Girondinos, foi o algoz da republica. A culpa é do Rousseau. Não percebo porque é que o Michelet chama *bastardo de Rousseau* ao auctor dos *Direitos do homem*. Era filho legitimo!

— Estamos completamente d'accordo. Uma republica unitaria é um prato servido á primeira durindana ociosa. Você não onviu a berrata contra a *republica federal brazileira!* Eram as esperanças n'uma *restauração*, que se afundaram. Tudo isto é palpavel, evidente, logico, implacavel. E, todavia, é preciso repetil-o sem tréguas, sem descanço!

— Tem razão. E que me diz das medidas salvadoras?

— *Comedia! Não salvam coisa alguma. Vamcs indo á mercê do Destino!*

*

...Passou a terça-feira. A tarde, veiu animação. No Chiado, onde eu me installei na casa da *Florista Franceza*, sobreveiu delirio, ahi pelas 4 horas da tarde. Em tremoços, bisnagas, rebuçados, violetas e *cocottes* (balas de papel, com pós) gastaram-se muitas centenas de mil ráis. Ao anoitecer, os burguezes que passavam, olhando para os destroços da *lucta*, commentavam circumspectos:

— E tanta gente sem pão!

Era só phrase, mas de bom effeito!

*

Acabo de estar com um politico, um ex-ministro.

Diz-me elle:

— As medidas de fazenda... Já não creio n'ellas. *Não salvam coisa alguma* (parece o velho democrata). *Vamos indo á mercê do Destino* (como diz o velho democrata)...

E o velho general progressista, de quem lhes tenho fallado, disse-me esta manhã, satisfeito :

— Isto não vae mal. Arranja-se dinheiro para o coupon. As medidas de fazenda são uma historia ; mas sempre resultam umas verbasinhas. *Aquelles diabos* vão á terra, e depois — temos o José Luciano !

*

Vou procurar o Tiberio...

XLIV

10 de março, 1892.

Um dos homens mais honrados que eu tenho conhecido, o Rosalino Candido de Sampaio e Brito, contava-me um dia o seguinte caso:

— Eu sou na Beira Alta o legitimo proprietario de uns bens de que se me apoderaram uns parentes afastados. Teem-se-me offerecido varios amigos meus, jurisconsultos distinctos de Coimbra, para me fazerem entrar na posse d'esses bens, mediante um processo em que eu não dispenderia coisa alguma. Os bens convinham-me, porque eu vivo sómente das minhas publi-

cações; mas ha um inconveniente: é que os taes individuos, que me lançaram mão d'elles, não teem mais nada, para viver. N'estas circumstancias tenho-me recusado a proceder contra elles. Você decerto fazia o mesmo, hein?

— Eu... conforme! Se elles me houvessem despojado...

— Pois sim; mas o facto de elles me haverem despojado não me auctorisa a ser deshumano!

Homem *pouco pratico*, como eu sou, não pensei em acolchetar a palavra *tolo* no philosopho: antes me dei, commovido, a admirar aquella grandeza, reconhecendo, uma vez ainda, que não ha primores de espirito capazes de maravilhas como os que sôe produzir um coração generoso.

*

É a proposito do espectaculo que me tem n'estes ultimos dias deliciado em Lisboa. O espectaculo vae acabar — o da generosidade dos humildes e dos anonymos. Principia o da caridade official e das manifestações dos altos philantropos. Na terça feira de Carnaval, principal-

mente, viu-se de quanto era capaz este povo: sem garantia de trabalho, sem pão para o dia seguinte e a despojar-se dos seus tristes cobres, em favor dos infelizes desconhecidos, — que o não espoliaram é certo, como no caso do philosopho, — mas em todo o caso desconhecidos, vivendo a longa distancia e de quem não teria a receber agradecimentos. Todos davam: operarios, varinos dos jornaes, vendilhões ambulantes, cocheiros de praça, soldados, policias civis, mulheres perdidas... e todos elles vexados *por só poderem dar tão pouco!*

E emquanto *elles* davam a sua esmola, pagava-lhes eu o meu tributo. Era aquelle tributo que nos põe frio na raiz dos cabellos, pallidez nas faces e vermelhidão nos olhos, até que se despedace n'um soluço a repreza das lagrimas — as lagrimas nobres, puras e consoladoras!

*

E é ainda a pedra de toque d'uma existencia: ser-se capaz de tal commoção. Em dado ponto da vida julga-se o homem *morto*. Julga-se e

deseja-se. Morreram lhe familia e amigos, fenecem as illusões, tombam as esperanças e vão-se-lhe resequidos os desejos á voragem da suprema indifferença. Ha coração, ainda? Não ha já coração, nem para a amisade, nem para o amor, nem para as esperanças, nem para as ambições... Subitamente, tudo se reanima: sangue que aquece e referve, cerebro que se exalta, olhos que readquirem fixidez! É o *grande quadro humano* que se desvenda — as dores dos humildes, que choram e se entrelaçam, n'uma resistencia e n'um protesto, contra a fatalidade do Destino!

*

Recordam-se decerto de um poeta que ha pouco perdemos, ahi no Porto,— um dos maiores entre os primeiros de Portugal. Refiro-me a Alfredo Carvalhaes, considerado *um cynico* por alentados e circumspectos mariolas da nossa geração. Amámo-nos muito, e admirei-o muito. Mas não é do poeta da *Beatrice* que eu pretendo falar-lhes hoje; é d'um episodio em que *o cynico* figurou. Abram as orelhas os circumpectos!

Uma noite na Praça Nova, Carvalhaes dirigia-se do café Suisso a sua casa. Uma mulher noctivaga abeirou-se-lhe, a formular convite. Carvalhaes olhou para a mulher; viu-a esqualida, e seguiu caminho. A tres ou quatro passos de distancia, ouviu fallar a creatura. Olhou de novo e reparou então n'uma creancita que ella trazia pela mão. A mulher dirigia-se á creança e dizia lhe:

— Não chores, filho! Havemos de ceiar hoje!

Carvalhaes retrocedeu, entrou no café, pediu um dinheiro emprestado, — o que lhe valeu gracejos, a proposito da hora, — e entregou o dinheiro á triste mãe.

Não foi para casa. Sabia que me encontraria n'outro café, a *Aguia d'Ouro*. Subiu a rua de Santo Antonio e lá foi procurar-me á Batalha, para me contar aquillo.

— O que eu precisava de dizer-lhe a você, explicava-me elle, não era a historia da minha generosidade (e sorria com aquelle sorriso inimitavel). O que eu queria dizer-lhe era esta coisa diabolica, que me acontece. Estou ha meia hora dominado por um sentimento completa-

mente novo para mim. É um composto de alegria por ter valido á mulher e ao filho, de odio a toda esta corja a quem são indifferentes estas miserias, de duvidas sobre essas coisas de Deus e da Providencia, e de remorso por ter gasto em porcarlas, no café, um dinheiro que chegaria para outras afflicções. Emfim, estou incommodado com a vida; parece-me que ha n'ella *coisas fóra da ordem* !

Parados no largo da Batalha, conversámos muito tempo, a proposito das taes coisas, sem repararmos nos commendadores Antunes e Felgueiras, que regressavam dos seus bordeis particulares, e que um ao outro diziam, olhando para nós:

— Que farão alli aquellas firmas ?!

*

Haverá tres semanas, recolhia-me eu a casa, uma noite, e alli em S. Pedro d'Alcantara uma rapariga da vida airada, muito conhecida em Lisboa, dirigiu se a mim, para me segredar que sahira de casa em busca de um conhecido que lhe désse dinheiro para comer — porque a fom

lhe não permittia pegar no somno. Eu ia com pressa e fadiga; liquidei o assumpto, dando á esfaimada o que se lhe tornava urgente, e segui caminho — a pensar n'outra coisa.

Duas noites depois, encontrei-a quasi no mesmo ponto. Ia vestida com luxo e muito alegre. Fez-me parar, para me contar as suas felicidades recentes de aventureira e para me agradecer o soccorro da ante-vespera. Rindo, accrescentou:

— Que afinal não foi a mim que v. soccorreu...

— ?

— Eu fui direitinha a uma taberna do Bairro Alto, comprar pão e um bocado de peixe frito; mas ao chegar á taberna havia ajuntamento. Era um operario sem trabalho, que tinha ceiado e que não tinha dinheiro para pagar. O taberneiro tinha chamado um policia. Coitado do homem! tive pena d'aquillo tudo e paguei a conta d'elle com o dinheiro que v. me tinha dado. Fui para casa muito satisfeita e dormi bem. Tinha-me passado a fome. Fiz bem ou não fiz?...

Beijei-lhe a mão, e seguiu seu caminho cada um de nós.

XLV

13 de Março, 1892.

Estão na berlinda o ministro da fazenda e os banqueiros do Porto. Marianno de Carvalhe, ou antes o *Diario Popular*, consagra-lhes medonhas troças, cuja auctoridade ninguem já discute, mas emfim troças justificadas pelas imposições da moralidade enviadas pelos benemeritos de Salamanca aos governantes e pelas afflições de ultima hora. Ha, sobretudo, um bote de mestre que produz seguro effeito: é quando o trocista convida o sr. Oliveira Monteiro, no caso de o governo accudir aos bancos, a apre-

sentar a *folha corrida* das direcções. A Companhia Real dos Caminhos de ferro, o Banco Lusitano e os outros protegidos do ex-ministro Marianno dão-se ares de vingados. Estarão realmente vingados? Questão que o Porto resolverá e que em Lisboa se discute *por palpite*.

*

Estão d'alli os estrangeiros recemchegados a Lisboa — os *nossos crédores* — a assistirem aos pormenores da derrocada. Causa orgulho ser portuguez! O meu caro philosopho Tiberio, que eu hontem á noite encontrei no Aterro, a contemplar o Tejo embravecido, disse-me com muita convicção:

— Quer você acreditar? Quando encontro estrangeiros na rua, sinto-me córar, como se eu houvesse feito um roubo e se me deparasse na rua a victima d'esse roubo.

— Acredito. São modos de *sentir*... Quanto a mim, dá se o caso contrario: quando encontro um sujeito que me roubou, sinto que elle se ri lá por dentro, e quem se sente véxado sou eu.

Mas deixemos isso, e vamos ao que importa: Que diz você ao espirito publico?

— Está agora em phase curiosa. Fecha os olhos, para não vêr coisas feias. E' como os amantes desconfiados e que não se attrevem a espionar as suas bellas — justamente porque não crêem na fidelidade, e como o sujeito com o orçamento escangalhado, que não ousa pôr os olhos nas verbas, e se deixa ir, á espera do inesperado. Todos nós sentimos a aproximação do *terrivel*, mas ninguem se põe em guarda; ninguem crê na proficuidade da resistencia. A gente *sente-se* condemnada por uma lei mysteriosa. Damos ideia de macacos que se afundam, com as mãos apertadas nas orelhas!

*

Ha verdade nas palavras do philosopho. Lavra um desanimo e uma desorientação que fazem olhar o *desfecho* com um allivio,—o *desfecho* temido e amado, desejado e repellido! Quem fez monopolio de fé e esperança foi o orçamentologo Carrilho, director do *Economista* e olhei-

ro das boas obras de ha vinte annos, ou quantos sejam, dos nossos governos conspicuos.

Aquelle homem justo diz na sua gazeta — que mal vae aos jornalistas republicanos em semear o descredito «e que seria mais nobre e fraternal *(boa familia !)* dissimular as faltas commettidas, como se faz em todos os paizes, menos entre nós.» Ao lado n'esta theoria de perdão põe a affirmação solemne de que nem tudo está perdido aqui, e de — que muitos dos apregoados crimes seriam lá fóra considerados simples bagatellas. Vejam se um diabo d'estes não tranquillisa !

A denuncia dos culpados, segundo a theoria d'este original marmello, importa o descredito do paiz. A cumplicidade com as ladroeiras, dissimulando-as, seria nobre e fraternal. O perfeitirsimo *Codigo da Falperra !*

*

O projecto das incompatibilidades, ha quatro annos sustentado com uma honrosa pertinacia pelo velho Camara Leme, naufragou, como era

de prevêr, nos escolhos das *justas susceptibilidades.* Tenho nos ouvidos as palavras do illustre Antonio de Serpa, esse reliquia regeneradora, accusaado o auctor do projecto — de apresentar uma lei de *suspeição.* Faz rir e chorar, este cynismo! Lembra aquella vélhota que se me queixava, um dia, de que alguem lhe chamara *alcoviteira.* E dizia me ella, protestando: — «O que! Só porque eu recebo um dinheirinho d'um senhor, para convidar uma dama a ir estar com elle em minha casa um bocadinho, chamarem-me similhante coisa! Já viram um desafôro assim?!»

Mas a velha dizia-o por innocencia...

*

Fatigado e doente, hoie. Dêem licença que ponha ponto.

XLVI

18 de Março, 1892.

Em Lisboa, como em tempos no Porto, abre-se de quando em quando na imprensa jornalistica uma campanha contra as casas de jogo. Essas campanhas são improficuas, porque os alvitres são impraticaveis. Ponho de parte a falta de confiança da opinião publica na sinceridade absoluta de alguns dos *combatentes*. Entre elles póde realmente ter fallado, uma vez ou outra, a voz do despeito de um jogador infeliz, ou a voz d'um especulador. D'ahi, a québra de ampla confiança nas vozes desinteressadas que se façam ouvir sobre o assumpto.

*

O qual assumpto me parece de facil e prompta discussão. E direi : de urgente solução, pois que em problema o converteram.

E' sobre as exigencias da Moralidade que se requer a acção, violentamente repressiva, dos poderes publicos contra o jogo. A exigencia é iniqua e é insensata. E' iniqua, porque atropella o direito, que assiste a cada um de nós, de dispender o seu dinheiro como lhe aprouver. E' insensata, porque não ha meio acceitavel de impedir que um jogador jogue, como o não ha para obstar a que um fumador fume.

Desde que as leis da Moralidade não delegam na acção do Estado o direito de supprimir a prostituição com os seus abusos, pois que é dado a um cidadão gastar, sem impedimentos legaes, os seus haveres, — a sua fortuna, ou os seus vencimentos — com uma ou com dez *cocottes*, a acção impeditiva contra o uso e o abuso da *batota* converte-se n'um absurdo. Afóra a ruina pela prostituição, ha a ruina pelos cavallos, pelos comes e bebes, pelo jogo de Bolsa,

pela *boa fé* em contractos, pela confiança nos *amigos*, — tudo isto sem garantia do poder, sem acção impeditiva, sem fiscalisação official — e sem razão que taes medidas justificasse.

Está-me lembrando o leitor o *jogo das loterias*. E' a pedra de escandalo. Pois que o Estado protege, fiscalisa e explora essa *immoralidade*, achamo-nos no resvalo das conclusões praticas substituindo a inutil declamação.

*

Ha tempos, tive ensejo de falar sobre este assumpto com uma auctoridade superior, de Lisboa, um homem intelligente e esclarecido. Disse-me esse homem que nunca perseguiria, na esphera das suas atribuições, os jogadores — de qualquer ordem que fossem, e justificou a sua resolução, por uma série de considerações que estavam já no meu espirito e das quaes se deriva naturalmente uma solução pratica. Tenho summo gosto em offerecel-a, em horas afflictivas, aos financeiros do paiz.

Por decreto especial, as casas de jogo passa-

riam a ser *matriculadas* e *fiscalisadas*. Essa fiscalisação teria por fins — a rigorosa exclusão dos menores e das mulheres, a manutenção da ordem e a verificação das receitas.

Sobre essas receitas, no seu resultado *mensal*, estabelecer-se-hia a taxa de 20 o/o d'imposto. No caso de prejuizo, ou de falta de receita, o Estado receberia apenas o imposto especial de *licença*, — addicional, em todo o caso, á *taxa* a que alludi. Os fiscaes das cazas de jogo seriam empregados de confiança da auctoridade civil, remunerados pelo ministerio da fazenda. A *escripturação* da casa de jogo estaria subjeita a exame extraordinario por parte da auctoridade respectica.

*

A amplissima liberdade concedida ao publico jogador do *monte* e da *roleta*, etc., liberdade egual á que disfructa o publico jogador de loterias, provocaria sem duvida resistencia e protestos, *em nome das casas de beneficencia* — por parte dos cambistas e dos cautelleiros. Creio mesmo que existe um syndicato de loterias, as-

sáz poderoso pelas suas relações e pelas suas influencias, para fazer vacillar um ministro bem intencionado. Mas a esse argumento responderiam os legisladores e o ministro—distribuindo uma parte do imposto sobre as casas de jogo, em beneficio dos taes estabelecimentos. Supponho, de resto, que os emprezarios das loterias não soffreriam graves abalos na sua costumada clientella.

Mas, para o fim de completar a *reforma* em nome da *moralidade*, do *bom senso* e da *economia do paiz*, as loterias estrangeiras, que arrancam annualmente a Portugal milhares de contos, sem a desculpa de protegerem a beneficencia portugueza, seriam immediatamente supprimidas. No caso em que tal medida de suppressão se tornasse vantajosa para as loterias nacionaes, a ponto de as não prejudicarem as casas de jogo, e por conseguinte sem que as casas de beneficencia houvessem de soffrer por tal motivo — a parte do *imposto sobre as casas de jogo* destinada ás casas de beneficencia, reverteria em proveito do thesouro.

*

Parece-me tudo isto realisavel sem grande esforço. O que me afigura inutil são as campanhas de rhetorica abertas contra o jogo e os jagadores. Inutil — com o aggravamento de suspeições da opinião publica.

XLVII

25 de Março, 1892.

Um facto que obteve um exito de sorriso velhacaz foi a subita transformação das coleras do *Diario Popular*, e das suas prophecias de horror, em palavras de esperança e de alento e de conforto, dirigidas a governados e a governantes. E' no seu artigo de ante hontem (sexta-feira). Foram-se os toques pavorosos do sombrio quadro: a perspectiva da fome, da miseria, da anarchia, da perda da independencia. Temos grandes recursos. O governo já não é imbecil, e a todos cumpre ajudal-o. Cuspo nas mãos, e á obra!

E abril á porta (*por signal, faço annos no dia 14: declaração que leva agua no bico*)! E' o abril florido do coupon tenebroso, das reducções nos vencimentos, do novo augmento de preços nos generos de primeira necessidade; é o varrer de feira, com intimações de silencio do festejado Karrilho dos orçamentos aos esfaimados e a todos que protestem, e com a nomeação de governadores civis d'uma cana, com a divisa *Ou cova ou dente!*

Ha vinte annos e coisa que eu oiço exclamar, a proposito das situações tempestuosas: *Estamos no principio do fim*! Do meu ponto de vista especial, tendo visto muito mundo *portuguez*, a mim me quer parecer que esta agonia ha de prolongar-se, com muitos lances e phases de pantominice, de gatunagem e de phantastico descaramento. Ha, superior aos episodios, aos calculos e ás previsões, aos desanimos e aos phrenesis, a solução inevitavel — o facto historico, que não pode ser illudido, mas que pode ser adiado pela relaxação. E' essa relaxação que cumpre combater. *Agitar*, conservar o alarme — eis a obra urgente e a obra de cada dia. Tudo o mais

que é lucta de interesses, constitue a immundicie que o oceano varre...

*

Estaes lembrados d'uma individualidade celebre na historia das conquistas liberaes de Portugal: refiro-me ao marechal Saldanha. Este eminente soldado possuia limitados recursos monetarios e um coração generoso. Uma legião de velhos companheiros d'armas do marechal appellava a toda a hora para a sua bolsa, allegando as ingratidões da patria. Elle soccorria todos, e como o soldo não bastasse á sua prodigalidade sympathica, lançava-se nos expedientes: saccava sobre a Patria constantes remunerações dos seus antigos serviços. Conta-se que nas embaixadas devorou milhões, ameaçando os governos com o seu prestigio militar.

Foi discutido, acremente commentado e vituperado o insaciavel e turbulento soldado. Morreu pobre, na embaixada de Londres, se justamente me recordo. Fechou-se o *terrivel sorvedouro*, mas não avultaram as riquezas publicas.

Foi o ultimo homem dos tempos épicos. Depois d'elle, surgiram os *Saldanhas* sem espada,

sem tradições gloriosas, sem prestigio e sem grandeza nas loucuras: — os que ameaçam com a intriga e com as injurias, e não com uma espada gloriosa.

Vem a proposito, estas considerações, dos boatos de revolução, por alguem forjados e sobre os quaes uma folha de Lisboa derrama a seguinte luz, descrevendo o curioso especulador:

«A sua residencia é em Paris, e o seu disfarce é o de representante do governo portuguez junto ao governo francez.

«Como não ha dinheiro que o farte, improvisa pavorosas na Hespanha e em Portugal, para apanhar grosso estipendio.

«Ahi está a explicação dos boatos, que teem corrido em toda a peninsula, de manejos revolucionarios.

«*Cahirá* o governo em gratificar com algumas dezenas de contos o *serviço extraordinario* que o seu agente acaba de prestar ás duas corôas da peninsula?

«Se *cahe*, estamos perdidos, porque vamos ter repetidas tentativas revolucionarias, e repetidos assaltos ao thesouro.»

XLVIII

27 de Março, 1892.

Sobre o caso, muito controvertido, do projecto d'accusação do sr. Marianno de Carvalho, e sobre o procedimento da commissão d'infracções, devem ter notado que «não havia motivo para a accusação e que não havia lei para o julgamento». O motivo para a accusação está na mente do paiz, incluindo o philosopho Tiberio, que ha um mez não me falla n'outra coisa. Sobre a falta de lei falla o sr. Dias Ferreira, um jurisconsulto de truz, respondendo no parlamento, em sessão de 19 do corrente, ao sr. Ca-

mara Leme, sobre a lei de responsabilidade ministerial;

«Com relação á lei de responsabilidade ministerial eu devo dizer a v. ex.ª que sempre foi para mim desnecessaria, porque, com a Carta Constitucional e com a lei de 15 de fevereiro de 1849, os desejos do digno par ficam completamente satisfeitos.

«Como v. ex.ª sabe, a carta determina positivamente quaes os crimes pelos quaes são responsaveis os ministros de Estado, assim como qual o tribunal que os ha de julgar, que é a camara dos dignos pares, e, *para que nada falte*, até declara que o decretamento de accusação é uma attribuição privativa da camara dos senhores deputados, e que o procurador geral da corôa é quem accusa

«Portanto, aqui temos o direito, temos a competencia do tribunal, a competencia do tribunal, a competencia da pessoa e os tramites do processo.

«Por isso julgo desnecessaria a lei a que o digno par se referiu.»

...Mais não disse. Devemos notar que por essa

occasião suspendeu o *Diario Popular* os seus ataques ao sr. Dias Ferreira — a quem chamára *idiota*.

Juntae aos autos!

*

Continúa pelas ruas de Lisboa a procissão dos operarios sem trabalho. Do facto já o egoismo indigena extrahiu assumpto para uma phrase commoda: — «Ha muitos vadios á mistura.» E para não se deixar illudir, o finorio não soccorre ninguem.

Este processo tem um cunho nacional. O nosso burguez é eminente em fabricar phrases de grande ntilidade pratica. Vem a crise financeira, e o sujeito explora-a immediamente em face de um faminto que lhe pede 10 reis: — «Se você soubesse o que por cá vae!...» Bons patifes!

Pois é verdade: continúa a procissão lamentavel. Centenares de homens andrajosos, lividos, com o aspecto pungentissimo do soffrimento, giram das unhas molles do nobre ministro do reino, para as do chefe do districto de Lisboa,

com guias ou sem ellas — como se diz das iscas. E' lastimoso, e pelos modos os srs. dos partidos acham que é perigoso, visto que no parlamento e nas gazetas dizem e escrevem coisas circumspectas. Falla se muito nos *deploraveis excessos* a que a fome póde levar os famintos, a canalha sem pão e sem freio, e o conselheiro Figueiredo lê todas as noites á familia os artigos do *Popular* sobre os anarchistas e não se esquece de recommendar á creada muito cuidado com alguma bomba de dynamite. E anima a a que namore os policias.

Tiberio é de parecer que não ha perigo com *esta gente*. Acha-a pacifica e resignada até ao ponto em que se pactúa com a morte pela miseria. Eu não digo nada, mas penso nos filhos e nas mulheres d'esses infelizes e no horror da especial amargura que deve inspirar a fome d'esses innocentes a quem tem por dever protegel-os. Não me castigue o Destino; mas soffreria eu resignado a fome dos que me são caros? Não, conselheiro Figueiredo ! não, amigo Tiberio ! Eu não teria resignação!...

*

A Moral accordou um dia d'estes no governo civil de Lisboa, como acontece ás pequerruchas do Bairro Alto quando lhe carregam—no de Torres, e sahiu-se com a suspensão de uma peça dramatica, *Os Vencidos da Vida*, de Abel Botelho, o irmão d'esse bello espirito e bello coração que no jornalismo do Porto é conhecido por Luiz Botelho. A peça é muito bem escripta — tomaram *elles!* — mas escalavra um tanto alguns meninos bonitos do nosso rico meio social. D'ahi resultou avolumarem-se as cruezas do dramaturgo aos olhos da censura policial e berrarem alguns criticos e *outros*, como araras no Jardim Zoologico — uma hora antes da refeição.

Céus! tantas moraes! Eu concebo a que nos vem do juiz Veiga, mais do Trindade Coelho. Essa é orvalho em resequido canteiro de indignações e de coleras, sedentas de justiça. Mas a tal que se dá a despiques dos janotas faz-me rir e traz-me um tanto á memoria aquella moral que os da Salamancada vem impingir aos gover-

nos, em phrase de antigos portuguezes. Bem sabeis d'onde vem.

Ai! Os hypocritas!

*

Falla se n'um projecto de syndicato, do Burnay, que tem por alvo o porto de Lisboa. Vae uma grande indignação... entre os *outros*. Diz-se que aquillo pertencia ao grupo d'amigos do sr. Marianno de Carvalho — a ideia e suas *consequencias*. Mas o «illustre financeiro» está cavando batatas e os amigos não dão signaes de vida. Portanto...

Attribue-se ao Burnay uma phrase elucidativa!

—«Não comem, nem deixam comer os outros!»

E' uma pagina de Historia!

XLIX

1 de Maio, 1892.

Já sabem das sentenças proferidas contra os tres pobres diabos que em Lisboa falsificaram notas: 8 annos, 6 annos e 2 annos de Penitenciaria.

Estas sentenças constituem, a esta hora, o grande assumpto da capital — e devo dizer que os commentarios populares, vehementes e inflammados, fariam pensar sériamente as classes elevadas — se ellas, por fatalidade do seu destino, não estivessem privadas de reflexão.

*

A opinião popular confronta os rigores da lei, applicados aos miseraveis, com as branduras que nos tribunaes acolhem os criminosos protegidos da fortuna. Lembra-se de processos celebres — como o do Banco Ultramarino, da Joanna Pereira, do Banco de Portugal (no Porto). Vê os recentes falsificadores de cédulas e os das notas de 20 mil reis, em absoluta impunidade. Prevê sentenças escandalosas em casos de altissimos traficantes que os tribunaes julgarão brevemente. Sabe que no Porto, um ladrão de dezenas de contos acoberta-se com o parentesco de um ministro — e que ministro? o chefe das justiças! — e a coberto do parentesco se conserva impune. D'estas confrontações resulta uma critica amarga: — «Todas as severidades para os criminosos pobres e desprotegidos, e a justiça ao serviço dos altos miseraveis!» E' claro que sempre foi *um tanto* assim; mas a quadra não vae propicia á conservação e á ostentação de taes processos...

*

Coincide com estas miserias e leitura, que eu acabo de fazer, de um telegramma de Paris. Vejo n'esse documento valioso que o chefe do gabinete francez, M. Loubet, resolve pôr em pratica as suas ideias de repressão applicadas á imprensa, como estorvo ás ideias revolucionarias. Lembrei-me do portuguez Lopo Vaz, e devo dizer que elle considerava a sua lei repressiva da imprensa o maior erro da sua vida publica.

Elle sentia, decerto, que o seu palliativo se tornava inutil quando as ideias de revolta encontravam diariamente farto alento na accumulação de iniquidades. A que eu lhes indiquei como sendo a esta hora o assumpto magno em discussão é de molde e pezo para reflexões gravissimas. A sociedade conservadora multiplica os erros, e n'um delirio da estupidez, faz propaganda revolucionaria irrealisavel por parte dos seus inimigos mais activos e mais ardentes. E' o suicidio lôrpa!

*

Não me dóe a agonia a queassisto. Lamento

que em sua prolongação possa ainda, pelos abusos e pela ostentação cynica d'esses abusos produzir enchentes de amarguras, e que a obra de generosos espiritos tenha de ser ainda obra destruidora, dando logar a deserções pela fadiga. A velha figura de *Moisés que morre sem vêr a terra promettida* é hoje e terá de ser, não sei até quando, de uma actualidade cruel... Deus nos ajude a todos!

*

O preclaro salvador das finanças portuguezas, que do caminho de ferro da Povoa, desceu ás arcadas do Terreiro do Paço, achou meio de tornar possivel á resurreição de Marianno de Carvalho! N'uma série de *tours de force* surprehendentes, este curioso Oliveira Martins tem accumulado para pedestal da sua estatua materiaes especialissimos, com a marca do seu antecessor e a contra-marca de um ridiculo pessoal.

Assim, temos nós, com a segunda Salamancada, com o auxilio á Mala Real e com a reforma das alfandegas, o auxilio de ultma hora

— uns 80 contos — á Companhia do Gaz de Lisboa. Este caso tem distrahido um tanto as attenções — do processo das notas falsas.

A gente procura no decurso d'estes ultimos trinta annos outro *salvador* assim; e, arripiando carreira, só encontra um typo, esquecido já na chronica politica do paiz: é o illustre Samodães. Como o salvador de hoje, esse varão illustre veiu d'algures, em hora amarga, a suster nos sobre o abysmo, Trazia um programma: *Economias!* e com o programma, dois pares de meias n'um alcobaça pouco limpo.

Chegou, tomou posse, os fundos desceram pavorosamente — o que não acontecia com as calças do homem, — sempre a meia perna, como as do Carrelhas. E tão habilmente manobrou o salvador, que se o não correm do ministerio, pregava com a gente no outro mundo!

O philosopho do Caminho de Ferro da Povoa tem lá dentro um Samodães e diz-se que um palhaço de feira. Predestinado para coveiro o consideram, mas a nota hilariante ha-de produzil-a o saltimbanco. Ja sabeis que morreremos a rir... e ahi temos *o nosso homem!*

L

5 de Maio, 1892.

Espalhou-se o boato de que o digno par Mendonça Cortez, ao presente na cadeia do Limoeiro, vae querellar dos jornaes que se referiram ás cedulas fabricadas *para experiencias*.

Estes casos de reacção dos accusados perturbam sempre os editores responsaveis... e os donos de typographias,—graças ao finado Lopo. Não creio que perturbem os jornalistas, pelo menos os *jornalistas do meu tempo*.

Está-me lembrando, com saudade, o chuveiro de querellas, que sobre mim, peccador, caiu ha

bons quinze annos ahi pelas alturas de S. João Novo... Creio que as molhadellas de então constituiram para mim um tirocinio, e d'ahi resulta que a perspectiva d'um processo me alegrou sempre a alma, desde essa época até hoje, como se alegra em vespera de batalha a alma d'um combatente veterano!

E já que de justiça se trata, pensemos n'isto:

*

Tem sido entre nós caso para reflexões amargas um *caso do Porto*, que não vejo algures muito discutido -- o que denota péssimismo em esperanças de justiça. Quero referir-me a essa historia dos 80 contos, ou quanto seja, que um qualquer thesoureiro empolgou á Junta Geral do Districto. Sabe se, entre nós, que o criminoso não se deu ao incommodo de uma evasão; apenas se affastou do convivio em plena cidade, como succede com os desgostosos por doença de pessoa de familia. E não se ignora que um dos membros da Junta se offereceu para capturar o criminoso, dado que o aucto-

risassem a fazel-o. Passou-se isto em quadra de governação anodyna, com escorrencias de velhos escandalos, empenhocas e atarantações. Era *regular* a irregularidade; eram *pão nosso de cada dia* os residuos excrementicios da impunidade infame.

*

Apparece no poder, e á testa das justiças, o homem que se elevara a tal poder, mercê de um discurso do moralista, eloquente e ousado, proferido na camara dos pares. Não houve macula, nem germen de maroteiras publicas que o orador não frizasse, com applauso de espiritos sinceros. Alguns jornaes republicanos acreditaram na boa-fé severa e rude do *bispo de Bethsaida*, esquecendo os reviramentos, as abjurações e tudo quanto *simulado* havia na vida publica d'esse individuo. Conheceis o effeito, *á vista*, do discurso: louvores, adhesões e alguns protestos de politicos aggravados e de homens que não temem porque não devem e que o *bispo* envolvera na oração. O effeito *a prazo* foi a chamada do moralista aos conselhos da corôa

Para a chefatura das justiças — o varão justo que flagellara os corruptos, com a auctoridade da sua eloquencia e da sua posição especialissima. Era natural e era justo. Ahi o temos...

*

Confrontae agora os rigores e a austeridade do discursador com a attitude do ministro! Ahi está de pé o torpissimo escandalo que macula e avilta uma cidade de trabalhadores e uma situação *reformadora*: ahi está o criminoso impune, e mais do que impune — affrontando pelo cynismo da sua tranquillidade olympica as severidades ou a acção da justiça! O vulto do flagellador de hontem apavora a Lei e põe embargos, supremos e temiveis, á sua applicação! A actividade d'áquella consciencia move se na esphera das intrigas subalternas, das politiquices, das perseguições, e da *vigilancia* sobre os actos e as intenções do chefe do gabinete. De passagem, solicita avenidas para opulencia e regalo das suas vivendas. A avenida do Dever — essa perdeu-a de vista o implacavel censor de crimes

e de abusos. E' que ao fundo está criminoso de vulto, que seria *naturalmente* estorvo a durezas de coração, se não soubessemos que só existe em scena um coração empedernido!

*

Córta a tua mão, se d'ella vem o escandalo! Termos nós, pobres seculares, de citar isto a um principe da Egreja! Citamol-o ao coração ingrato, que, para formar as bases da sua elevação ao poder, não hesitou em cuspir affrontas, á face do paiz, em nome da Moral, sobre os seus bemfeitores, a quem pedira os beneficios! Homem para taes desprendimentos, animo que se desobriga da gratidão, em homenagem á Patria, tem de seguir impavido o caminho da inflexivel justiça. Não prevalecem razões *naturaes* dimanadas de quem affrontou a Natureza para empolgar o mando, as honrarias e as grandezas da terra conciliadas com a abnegação do pastor! Cumpra esse ministro o seu dever, dictado na camara dos pares pelo discursador, — que a derrocada da Moral está imminente e o criminoso da Junta continúa impune!

LI

7 de Maio, 1892.

Um jornal de Lisboa, muito preoccupado no assumpto *emigração*, pede, com as mãos na cabeça, um remedio urgente, um salutar embargo a essa desgraçada corrente. A complexidade e, ao mesmo tempo, a simplicidade das das causas determinantes d'esse symptoma de desespero estão no animo de nós todos. Um suicida está dispensado de explicações, e foi tolo. se as forneceu. *Parte, porque não está bem aqui.* Bem sabemos nós como na sua patria está o emigrante portuguez...

Mas, emfim, pois que um alvitre é pedido por um jornal, em favor de uma causa de tal ordem, não regateêmos o esforço da nossa imaginação, nem a nossa concorrencia ao julgamento.

*

O emigrante do Minho e d'outros pontos do norte é alheio á leitura de jornaes. Tudo quanto em propaganda se realize, n'este campo, afigura se-nos d'uma inefficacia absoluta e d'uma ingenuidade pueril. E pois que não lê jornaes aquelle homem, nem folhetos, nem livros de propaganda ; pois que elle cérra obstinadamente os ouvidos aos conselhos praticos e salutares dos seus compatriotas repatriados, sobre a situação que hoje no Brazil espera as levas de trabalhadores famintos, — que muito seria appellar, na alma d'esse desventurado, para o cantinho que lá existe aberto ás palavras do seu *pastor* ?

*

Não é ao jornalista, não é ao critico, nem á

auctoridade, nem ao pratico da vida, que assiste junto ao nosso aldeão o direito de o suster no resvalo de uma especial desventura. E' ao *padre*; é ao *sr. abbade*, — ao menos para legitimar lhe a congrua! Só elle tem influencia para dizer a um: — «Não saias de á beira de tua mãe, que perdes a tua alma!» e ao outro: — «Não abandones a tua terra, que Deus vê-te com maus olhos, alma ruim!» E o refractario a conselhos, a supplicas, a exhortações da auctoridade e da familia, ha de submetter-se á imposição do *padre.*

Pois não será correcto este processo, tanto quanto é simples? E que ordem de escrupulos póde oppôr-se, em animo de governantes, a appellação para aquelle auxiliar? Dado que um profundo rancor *jacobino* turve o pensamento dirigente em face de um tal proposito, não é certo que á vibora e á planta venenosa pede a sciencia medica recursos para salvar a vida? E não os pediria ao *padre* o mais intransigente inimigo da roupeta, para salvar d'uma situação miseravel o seu irmão ameaçado e no pendôr dos perigos, pela ingnorancia d'elles?

*

Mas, *jacobinismo* á parte, a questão não se debate na esphera das paixões grutescas, nem a imbecilidade tem a palavra em assumptos d'urgencia. Estudem embora os governantes o problema da emigração, que empobrece o estado e o individuo; mas nos simples dominios do expediente, sem a necessidade de commissões para estudo com a respectiva ajuda de custo, reclame-se immediatamente a intervenção do *padre d'aldeia* junto ao homem do campo, como unico influente junto á vontade teimosa d'aquelle allucinado em via de perdição!

*

Tiberio procurou-me hoje, para dizer-me — que estamos salvos e que a coisa indireita-se!

— Conte-me você isso!

— Vem dinheirama de Londres. Não sabia?! E ahi tem você como a *salvação* nos vem *ainda d'esta vez* d'Inglaterra!

— Meu caro Tiberio. Mal imagina você como foi profundo!...

— Eu!

— Sim, com a historia de sermos *ainda mais uma vez* salvos pela Inglaterra...

— Você tem um defeito terrivel. E' de intenções reservadas!

— Oh, philosopho!

— E' o que eu lhe digo. E attribue essas intenções aos outros.

— Pelo contrario. Eu tive o cuidado de lhe dizer que você fôra *profundo, involuntariamente.*

— ?

— Está você vendo os effeitos da salvação ingleza. Dezoito mil contos para a prolongação do regabofe. Garantias — mysteriosas! Você sabe que ha rendimentos hypothecados ao Monte-pio Geral, e que foi precisa uma assembleia geral do Monte-pio, para que o paiz soubesse d'essa belleza. Mais dois annos, ou quantos sejam, de *experiencias* — sem allusão ao Cortez. E o *Zé das colchas*, que e brando e esquecido e accommodaticio, cairá n'uma especie de estu-

pôr, de que só poderá sair pela applicação do ferro quente. E graças á salvação ingleza!

— Você talvez tenha razão...

— Eu tenho quasi sempre razão. Não é por especial discernimento; é por instincto. Nos meus casos pessoaes, quando me atiram um coice, agarro sempre no ar a pata que m'o dirige. Já viu uma coisa assim? Accrescente a esse *instincto* o *sentimento patriotico* — e ahi tem a explicação do enygma...

— Emfim, veremos!

— D'isso é que eu duvido. Talvez nos comam os olhos!

LII

12 de Maio, 1892

Há quem confunda — Tiberio é um d'elles — o legitimo interesse que todos os cidadãos devem experimentar pela causa publica e a tendencia, muito generalisada, entre nós, á exploração do mexerico politico.

Distingamos...

*

Recordo-me, e a proposito vem a recordação d'um caso risonho á superficie, mas gravido de

symptomas perturbadores, do que ha dez ou doze annos me contou, um dia, o nosso grande poeta e meu grande amigo João de Deus.

Era a proposito de uns terrenos cedidos pelo governo ao sr. Paiva d'Andrada. Os jornaes opposicionistas haviam frisado o *escandalo*. Que eu não me lembra se de escandalo se tratava, mas corria em lettras redondas a condemnação.

— Imagine você, me disse João de Deus, que esta manhã, estava eu á janella, ouvi á porta da rua um grande fallatorio de mulheres. Dei attenção, e notei que fallavam de politica. Era a minha creada, mais a mulher do *logar*, a mulher do leite e uma vélhota de capote e lenço. Tratavam dos perigos da patria, citando minudencias divulgadas pelas gazetas, e a mulhersinha de capote e lenço, com uns modos de quem faz syntheses, para resumir a discussão, disse com ar sentencioso:

— Como ha de isto correr direito, se *elles dão tudo?!*

Referia-se aos terrenos do Paiva d'Andrada.»

*

Não me hade esquecer que ha perto de um mez, um domingo, achei-me pela manhã cedo, a tres leguas de Lisboa, proximo a Bellas, olhando para um pedaço de terra cultivada, metade jardim, metade horta. Os frios da noite tinham *queimado* tudo, hortaliças e flores, e eu experimentava um sentimento de mágua ao ver aquelle attentado da Natureza contra si propria e contra o trabalho do homem. De uma casita, a breve distancia, saiu uma especie de hortelão, que se dirigiu a mim, saudando-me e pedindo-me lume. Que lá os garotos tinham-se divertido a dar-lhe cabo dos phosphoros — explicou. Os garotos vinham a ser os filhos.

— Vossa senhoria a vêr esse bonito arranjo, hein?

— Faz pena, é verdade, meu amigo!

— Pois faz pena, faz; mas que diabo de volta se lhe ha de dar? Vossa senhoria, ainda que eu seja confiado, é de Lisboa?

— Sou de Lisboa.

— Pois sim, senhor. Isto vae bem... Pelo que

dizem os papeis, não admira que o inverno *arranche* para dar cabo de tudo. Que eu cá não sei ler, mas o meu mais velho é quem traz, todos os dias, quando vem da escola, a papelada, e põe-se para alli a desembrulhar. E' cada maroteira de a gente arrebentar com riso! E diz que são pessoas finas que chamam aquillo umas ás outras, e que depois ficam amigos como d'antes!

— Que idade tem seu filho?

— Saberá vossa senhoria que tem doze annos.

— E elle percebe o que lê?

— Se entende?

— Sim. Se entende essas coisas dos papeis?

— Pois é elle quem me dá as explicações de tudo aquillo, o diabo do rapaz! Aquillo ouve por lá dizer ao mestre e aos outros mais graúdos...

— E que tenciona o senhor fazer de seu filho? Hortelão, como o senhor?

— Pois está claro. Mas quero que o rapaz saiba d'essas coisas de politicas.

Despedi-me do homem e regressei, caminho de Lisboa, pensando muito no pequeno *que aos doze annos já dá as explicações de tudo aquillo.*

*

Estas manifestações do espirito critico são extremamente lisongeiras para o meu paiz. Vejo, porém, dois processos, para discutil-as. E' claro que desde as mulhersinhas preoccupadas nas *generosidades* dos politicos, e desde o trabalhador do campo, que se faz explicar as *politicas* pelo pequeno e que o deseja versado em tal assumpto, — desde esses pobres de espirito até ás espheras superiores, a epidemia da critica traz em desequilibrio nervoso todas as entidades mais ou menos pensantes; e n'esta parte colloca-se fatalmente um ponto de interrogação:

Aonde nos conduz tudo isto?

A' luz da moral revolucionaria, no impulso generoso que deseja phreneticamente a emancipação de *todos* os espiritos e em *todas* as consciencias uma qualquer orientação, é claro que só vemos motivos para jubilos n'essa corrente que desvia dos trabalhos praticos, dos estudos sérios e dos deveres profissionaes a quasi totalidade dos habitantes d'um paiz, mas não ficará isolado o philosopho Tiberio, que considera *inopportuna e*

impolitica essa corrente impetuosa. Terá, d'esta vez, pelo seu lado os que desejariam vêr o lavrador occupar se principalmente dos processos rotineiros da sua industria—n'uma ideia de libertação pelo aperfeiçoamento—e os que não confundem o sagrado interesse do cidadão pela acção governativa do seu paiz com a tendencia ao mexerico, — que arrasta um grande numero ao desejo de provar á larga dos *fructos de maldição*...

Que sahirá d'aquelle filho do lavrador, tão pequenino e já tão versado em politica? — Um galopim eleitoral, um forjador de *piadas* politicas para uma gazeta progressista, ou regeneradora, um intrigante e um pretendente... Adeus, flores e hortaliças! Homem ao mar!...

LIII

16 de Agosto, 1892.

Tenho uma ideia dos calores do Rio de Janeiro e tambem conservo dos do Equador uma recordação penosa. Estes tres ultimos dias lisboetas avivaram-me essa recordação. Abafadiço, plumbeo, torradiço! E varios casos de allucinação mental teem-se produzido, determinados pelos calores ardentes.

Um caso grave foi o de maluqueira que rebentou, com muito estampido e algum fétido, do ôdre cerebral do *Pinoia* — o do *Popular*. Deu-lhe, a este demonio, para dar cabo de mim, sob

pretexto de que o irritam, e aos macacos das suas relações, os assomos da minha vaidade petulante.

E todos os dias, no *Popular*, Pinoia *simia troglodytes* desata a berrar como um possesso:

«Toma tento, não caias! Desce do poleiro, ó Pinta Silgo!...«

Eu, muito impressionado por estes arrojos de phantasia, não deixo de, todas as tardes, do alto do meu poleiro na *Folha do Povo*, catar as lendeas d'aquella cabeça perdida. E é por isso que, tambem, todas as tardes no largo de S. Roque, os cautelleiros, os moços de recados e os vendedores do *Pimpão* desatam a berrar, ao vêrem-n'o, n'uma confusão carnavalesca:

— *Larga o rabo, orangotango! Pinoia maluco!...*

*

Esta ideia ominosa de me fazer entupir, é mania velha de muitos *Pinoias* de creditos laxativos, mas nunca nenhum d'elles me deu assim a impressão da investida de um palhaço de feira a desmanchar-se em corcovas e cabriolas, suado'

pingado e semsaborão. Faz-me dó, bem que os deveres profissionaes me obriguem á applicação de carôlo.

Ora, é em virtude d'estes carôlos, que diariamente tenho de applicar ao *simia troglodytes*, que todas as tardes no largo de S. Roque, os cautelleiros, os cocheiros, os moços de recados e os vendedores do *Pimpão* desatam a berrar, ao verem-n'o, n'uma confusão carnavalesca:

— *Larga o rabo, orangotango! Pincia maluco!...*

*

Pinoia tem-se referido, no perverso intuito de me reduzir á expressão mais simples, ás minhas chronicas na *Voz Publica*. E' por isso que lhe dou hoje esta simples menção cá no jornal. Contesta-me *Pinoia* dotes de escriptor e apenas me concede vaidade. Vaidoso — eu! Esta iniquidade do *simia troglodytes* é a ultima expressão dos rancores bispoteados pela macacada letrada do meu obnoxio paiz. Que emfim, os meus *meritos de escriptor* é coisa que eu não defendo. Limito-me a appellar do *Pinoia* para

o *Sergio*, — e os dois que se governem na contenda!

Todavia, não sou insensivel ao chuveiro de babozeiras, dispauterios, sandices e iniquidades que o *simia troglodytes* esvurma contra mim na tal gazeta, e é por isso que diariamente, do alto do tal poleiro, lhe vou catando as lendeas do escandecido toutiço.

E é por essas e por outras que, todas as tardes, no largo de S. Roque, os cautelleiros, os cocheiros, os moços de recados e os vendedores do *Pimpão* desatam a berrar, ao vêrem-n'o, n'uma confusão carnavalesca:

— *Larga o rabo, orangotango! Pinoia maluco!...*

LIV

25 de Agosto, 1892.

Estão á *porta* os theatros. Está-se tornando grave, para os espiritos serios, o caso dos commettimentos dramaticos, de tres a cinco actos; ha porém mais sombria perspectiva, para as almas bem formadas: é fazer a critica d'esses trabalhos. Em noite de primeira representação — saibam-n'o os profanos! — não ha no palco verdadeiros martyres; a angustia está nas primeiras filas da platéa e manifesta-se nos intervallos, quando a peça nova desatrema do senso commum e o galan dramatico lança os pés como os

de um dançarino e a amante do Vestris rebola os velhos olhos contra os espectadores achacados de fundos pigarros trocistas. — Que diabo se ha-de dizer d'uma peça d'estas?!

*

— Que diabo se ha-de dizer d'uma peça d'estas? perguntam *elles*, entre o riso da classe, com seu chôro de innocencia afflicta. A coisa é junto á grade da orchestra, e, do lado, um machacaz, que é empregado na Misericordia e que frequenta no *Martinho* as mezas dos jornalistas, introduz uma nota severa: — «Os senhores devem dizer o que entendem...»

Mas a classe sente-se consternada. — Talvez isto se levante no quinto acto. — Como os bonecos de sabugo! — Aqui está este que chama á coisa um documento humano. — E' uma novidade! Não ha burrice dramatica que não seja documento humano, comtanto que o *burro* em scena ande com as mãos no ar. — Tudo isso é muito bem pensado, mas...

(*Entre-olham se consternados*).

— Você chega-lhe, hein? — E' conforme. Se o trabalho do homem me reproduz correctamente a sua individualidade, farei apenas umas annotações á contextura dramatica. — Mas a *peça* não tem pés nem cabeça! — E' uma atenuante: prova que o auctor é consequente, harmonico. Não se lhe mexe n'isso. Discute-se apenas a contextura. Por exemplo, é *natural* que os caracteres sejam phantasticos e absurdos; mas que diabo vem alli fazer, a Sacavem, uma *desfolhada* minhota? E porque é que o Felisberto chama *lumes prompt.s* aos phosphoros, á moda do Porto, sendo elle um puro lisboeta que nunca passou além dos Olivaes? A parte *cerebral* da peça é consequente, sob o ponto de vista relativo. Os *moldes* são disparatados em absoluto. Vamos lhe aos moldes!

*

— Este veio agora da caixa. — Conte você para ahi! O auctor está fulo, hein? — Diz que é um publico de cavalgaduras e que só lhe falta vêr se os criticos pertencem ás coudelarias. —

E os artistas? — Os homens estão succumbidos; o mulherio finge não dar pela coisa. Só a Bonifacia é que dá urro. Quando eu cheguei berrava ella — que bem sabia o que havia de fazer aos jornaes; e logo que me viu: — «Como está o illustre critico? Seja meu amiguinho sim?...»

*

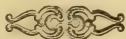
— Quem faz bem é este diabo, que vive mal com toda a gente. — Você é immnodesto: diz-me isso, pondo-me a mão no hombro! — Olhem a Faustina, acolá no 23, a dizer adeus á gente! — E' para animar as féras, contra a Bonifacia. — Eu não a cumprimento; parece uma empada de polvo, enfeitada com os olhos. Os tentaculos foram cortados por meu avô. Por signal, o velho, que tinha fumaças, deixou declarações por escripto. — O' meninos! e o que se diz da peça? — E' verdade, filhos, que diabo se diz d'esta maldita peça?...

*

— Eu vou atacal-a pelos anachronismos de linguagem, mas o homemsinho fica mal com-

migo: accusa-me de deslealdade, porque ainda hontem me cortejou na Avenida. — Que direi eu, que sou vizinho do sujeito? Quando eu saio, pela manhã, pergunta-me elle, da janella, se eu quero subir. — Olha lá! aqui está este com uma ideia! — A minha ideia é que cada um diga tudo quanto tem vontade de dizer, *em harmonia com o seu temperamento.* Se o rico temperamento fére notas graves, tenham paciencia — o homemsinho, mais a *troupesinha.* — E o publico? — E o publico? a pergunta é de saltimbanco: falta-lhe apenas o adjectivo *respeitavel* — Que diz cá este macambuzio com uma penna d'abutre sobre o coração? — Que estamos representando uns papeis tristes.

— ?!...

— Os de sete alfaiates para matar uma aranha!...

LV

1 de Setembro, 1892.

Esta semana que passou viu perder-se um homem em especiaes circumstancias de escandalo. Foi um tal Lino José Rodrigues, empregado barato, a 36$000 réis por mez, que frequentava muito as *caixas* dos theatros e que por alli, alardeando riquezas, emprestava dinheiro a toda a gente e *amava* as actrizes.

Homem de perto de 50 annos, feio, sem espirito, nem coisa que o parecesse, o Lino viu ultimamente, no theatro da rua dos Condes uma artista que tem escriptura no Porto para meia-

dos de setembro, rapariga de muita *telha*, muita desenvoltura, muito *chic* e muito talento — tambem. Vêl-a e desejal-a foi obra de prompta resolução.

Esquivara-se a catita ao doce encargo de fazer a ventura do pobre Lino; mas o homem appellou para o supremo argumento. Para os pés gentis da formosa arranjou um tapete de lytographias do Banco de Portugal — tão grosso, tão macio, tão de molde a *can-cans* e cabriolas, que *Troya ardeu*, como diria o classico!

*

Era muito de ver e de annotar a chegada do Líno ao café-salão do theatro. Jesus! Como elle era festejado! E como elle, generosissimo crédor, protegia aquella gente — uns *habitués* da *caixa* e do café-salão!

Nunca vi senão uns olhos desdenhosos sobre aquelle homem :— os da actriz...

Um dia d'estes, o patrão do Lino descobre *pela segunda vez em dois annos* um desfalque terrivel na caixa confiada ao homem. Ha dois

annos, o primeiro desfalque — fôra lançado á conta de *falhas*, etc. D'esta vez, o patrão pediu esclarecimentos, e o Lino em vez de lh'os dar, ou de pedir misericordia, abandonou o escriptorio e foi para o theatro da Avenida *assistir a um ensaio.*

E alli o prendeu a policia.

*

Immediatamente, duas ondas de indignação se ergueram em toda a linha da Moral, — uma sobre a artista. Todos os que haviam quinhoado das generosidades do homem — em dinheiro ou em cómes e bebes, desataram a chamar-lhe *ladrão*, e todas as damas aspirantes infelizes á posse de um *Lino* fulminaram com os ultimos doestos a auctora da *perdição do infeliz*.

E' claro que o homem *roubou* e que o substantivo infamante fez-se para aquelle verbo. Mas, que diabo! nem a lembrança dos cómes e bebes, mais das notas e cedulas do generoso amigo, amollece as durezas da austeridade! Quando elle se dava ares de ricaço, para encher bandulhos de homens honestos, nenhum d'esses ho-

mens honestos pensou em averiguar as origens da apregoada riqueza!

Pelo que toca á artista, que queriam as boas damas que ella fizesse? Não existe no theatro uma unica mulher que do seu *ordenado* possa viver, sem auxilio do seu marido, ou do seu amante: do *seu homem*. Os encargos do officio são pezados e o *ordenado* é reles. Ora aquelle Lino, quasi velho, feio, sem espirito, homem do commercio — sem influencia na vida dos theatros — dava bem *um homem de actriz*. Como? Pagando cara a aventura.

Pagou caro. Mas apura-se que essas despezas são uma pequena verba na *perdição*. Ha tres mezes que elle viu a actriz e ha uns poucos annos que roubava. Para que? Não o sabe. Não tomou nota. Aquillo foi-se, *a fazer de rico*, a dar-se ares, a encher a barriga a patifes, a soccorrer afflictos. Que tal esta o *ladrão!*—berram os indignados convivas...

*

Nota cruel. Tem filhos menores — o desventurado. Os innocentes ainda não podem *apreciar* a lama que lhes cobre o luto.

LVI

18 de Setembro, 1892.

Um jornal progressista preoccupa-se em extremo n'uma idéa que traz realmente agitados numerosos cidadãos conspicuos. É o caso que, em presença dos bòatos de crise que um dia por outro introduzem uma nota alegre no melancolico viver portuguez, a tal idéa assalta os cerebros provaveis dos cidadãos supra, revestida da seguinte fórmula tocante:—«Crise! E quem ha de vir depois d'elles?!»

O regenerador amóla e o progressista insurge-se. Quem ha de vir?! Essa é de primeira

agua! Vimos nós! Pois que é a rotação dos partidos? Acaso perderam elles a confiança da corôa e a do paiz? Acaso não conservam elles toda a pureza das suas tradições? Pela parte que nos toca, alli temos o José Luciano, o ilustre chefe, mais o Barros Gomes, mais o Ressano Garcia, mais o S. Januario, e, á bica, temos o Elvino!

E teem-nos alli realmente,—que até parecem vivos! D'um lado a confiança do paiz e do outro lado a confiança do corôa. A confiança do paiz, conquistada pelos processos que vós sabeis, desde os *mil contos para festas e o mais de que V. M. fôr servido*, até aos que nos produziram o ultimatum. A confiança da corôa, pelos apontamentos biographicos que legitimaram a campanha da *albarda*. As duas confianças estão na mala, com a respectiva capa de ladrões...

Vae-se a gente no revolutear das ondas, sentindo que se abysma, ao choque de oppostas correntes — a colera, a troça, o asco, o desalento! Que diabo sairá de tudo isto, tão espapado, réles, odioso, vil e sórdidamente desorientado?!

Quem virá depois d'elles?

*

José Dias suspende o subsidio aos deputados, e na arcada *a indignação é geral*—como se diz nas correspondencias de Goes, a proposito de se empiteirar o sacristão.

Um idéa:—Se se varrêsse a Arcada, por uma vez?

*

A proposito de varreduras...

O jornalista Sergio de Castro faz no *Illustrado* um estudo sobre os *abortos sociaes*, e d'esses abortos diz:

«Parecem cães damnados, na furia cega com que avançam, com que abocanham, com que mordem, com que espumam em presa babada de rancores as suas idéas, as suas sentimentalidades, os seus fanatismos, expandindo-se na brutalidade dos instinctos, fóra das regras sociaes, fóra dos factos, fóra da historia, fóra do raciocinio!»

É uma sensibilidade que se expande — este Sergio. Ide ouvindo:

«Sempre que não digam com elles, sempre que os contrariem, que lhes difficultem a acção dissolvente, elles teem apenas um conceito, nas diversas variantes do seu estylo apopletico: *sucia de canalhas, sucia de idiotas!*»

E pede leis de excepção — este Sergio:

«São caricaturas repellentes d'esses direitos, e que é necessario considerar no seu proprio valor e no mal que produzem na sociedade. Vivendo fóra de todas as leis, fóra de todas as previsões e hypotheses da legislação, estão pedindo leis excepcionaes, desde que tambem constituem excepções.»

Talvez não acrediteis que este Sergio dará flôr — no dia em que o estrumarem em cheio!

*

Agora meditae bem estas judiciosas palavras do *Correio da Noite*, o interessante orgão do delicioso partido progressista, sobre o que talvez vae pelo Porto:

«Compenetre-se o governo das responsabilidades que tem. Se realmente se tramava algu-

ma cousa no Porto, é preciso que a repressão seja energica, rigorosa até. As revoluções para sustentar principios teem o quer que seja de grandioso que inspira respeito. Mas os attentados como o de 31 de janeiro são delictos de lesa nação, para os quaes a benevolencia é mais do que um erro, é um crime.»

Estaes percebendo o que seja uma revolução com algo de grandioso: por exemplo, uma chinfrinada que expulsasse o José Dias, ou o Serpa, para fazer chamar o José Luciano. *Attentados*, de que pudesse resultar a collocação do illustre chefe em perpetua dispensibilidade de *pagode*, são mais do que erros, são crimes. *Elles* o dizem na travessa da Espera e *elle* o crê na Anadia.

Zut !

LVII

6 de Outubro, 1892.

O julgamento e a consequente absolvição do *par* Mendonça Cordez produziram uma impressão *original.* Ninguem esperava outra coisa; mas havia no ar uma interrogação:—«Mais esta?» Mais essa, amigos meus! E não vale irritar —que tudo isto é *lenha para a fogueira* !

Tenho vivido muito e visto muito, mas pouca vergonha, como n'este periodo abençoado, ainda a não gozaram, assim, os meus olhos peccadores ! Dei-me a observar a lista dos julgadores— dos que absolveram, e depois soube que a ab-

solvição resultara do *pudor de classe*. Mas não intimaria, mais correctamente, esse pudor a mais correcta justiça ?

E no entanto, pondera a opinião publica, — espesinhada e emporcalhada por *tudo*, — no entanto: isto é, emquanto estes julgamentos se arranjam, as severidades caem a fundo sobre os homens honrados que protestam. Mas, pobre opinião! Sobre quem querias tu que ellas caissem ?

Ha *duvidas* e *revoltas* que eu não vingo comprehender. Entre ellas está a *abstenção eleitoral* — como resultante e como demonstração. Luctar sem contar *com tudo*, em embustes, em torpezas, em traições do inimigo—não se me afigura luctar com alma e com séria esperança de triumpho. Pedir coherencia, correcção, levantados ideaes e energicas affirmações de justiça, de hombridade e dignidade a quem vive da negação de *tudo isso*—e esmorecer e amuar porque *tudo isso* é pelos adversarios banido : eis o que constitue o cumulo da creancice sobre o *edificio* da fraqueza !

*

Foi ha vinte e quatro horas que eu tive ensejo de conversar pela primeira vez com um dos mais illustres jornalistas da nossa terra. Não é popular. E' um *legitimista*—muito illustrado, muito honrado, e abrigando na sua alma toda a indignação de um homem de bem, que sente e pensa, em frente d'essa miseria que por ahi se alastra e avassalla tudo. Fallámos d'esse *tudo* — e do resto, e a proposito veiu a ultima publicação do chefe do partido progressista, José Luciano de Castro. Já viram? O publicista desvenda a podridão da sua terra e do seu tempo, faz votos pela regeneração (sem jogo de palavras!) do triste e derrancado paiz, e termina por alludir ao *glorioso partido progressista* — a quem nós devemos boa metade do que nós sabemos.

E dizia-me o honrado legitimista:

— Faz a gente doida; pois não faz?

E eu — que sim; que faz a gente maluca!

*

Symptoma:

Um rapaz, meu amigo, de austera vida, dizia-me um dia d'estes—«Você não acha que a *honradez* foi inventada pelos tratantes — para nos *comerem?*... Já lá o Bruto, o que ajudou a espatifar o Julio Cesar, tinha esta suspeita sobre a Virtude, o que vem a ser o mesmo. Eu, entre o romano e o meu compatriota, encolho os hombros. Não sei o que fará a geração que vem chegando; mas Deus lhe dê vigor e resignação!...

E para nos ajudar a viver firmes e dignos — vem o julgamento, com a absolvição, do Cortez... Não sei se é do tempo, mas sinto-me sombrio! Diz a minha creada—*que é do tempo!*

LVIII

10 de Outubro, 1892.

N'ESTES ultimos annos — não sei quantos — tem-se operado em Lisboa uma extraordinaria *reforma* de costumes. Lembro-me de eu haver privado com alguns dos insignes *pandegos* de ha vinte annos, — hoje mortos, ou peior do que isso. Bons e solidos frascarios, muito dados a femeaço e a noitadas de comes e bebes, com seu episodio de pancadaria doida. Os sobreviventes, eu entre elles, conservam cicatrizes na cabeça; no coração é que ha feridas de perpetua escorrencia rubra. Pois bem, nem uma

unica das aventuras, mais ou menos ruidosas, d'essa mocidade, de ha vinte annos, tem de ser renegada perante a severa Moral. O mais que se apura são peccados veniaes; não ha podridões de consciencia.

Depois, *reformou-se* tudo.

*

Vemos uma camada novissima, de *janotas*, uns de cabeça bicuda, estomago refractario ao vinho, coração refractario á lucta, cerebro ausente. Uns herdaram fortunas; outros encostam-se aos que as herdaram e são *souteneurs*, vadios, insultadores de mulheres, alcoviteiros e bestas. Os que são ricaços lidam com quadrupedes, fazem casamentos ricos, levam ás esposas o perfume e as manhas das cavallariças e apresentam-se com meretrizes nos camarotes. Estaes vendo os filhos do matrimonio...

Alguns conservam se solteirões. Deus nos acuda! São esses os que dão á indifferente e glacial Lisboa a nota explorada em Londres pela *Pall Mall*. Teem alcovetos especiaes e especialissi-

mos retiros — para os gozos d'esta vida, *que é de tres dias*. De quando em quando borbulha á flor d'agua maroteira de arripiar os cabellos (vejam o caso do capitalista com as velhas da rua de S. Bento: a questão do dia!); a imprensa faz um alarido de *Mathilde* ingenua a quem levantam a saia, e a Moral parece um pavão, — pela berrata; não pelas pennas do rabo.

*

E põe-se a gente a scismar...

Aonde diabo vae *isto* dar comsigo?! Que sairá d'este amalgama de devassidão, de estupidez, de cynismo, de relaxação e de hypocrisia?! Acaso não sabemos nós que a *impunidade* é certa para os *dinheirosos*, porque são dinheirosos... e porque a maioria é cumplice?! Cumplice, justamente! Que o espadanar de lama que vem do alto, dos que estão em evidencia, não nos cégue para a contemplação da gafaria subalterna, anonyma, que se atreve a pruridos de moralista! A crápula tem raizes fundas que se alargam medonhamente! Ao fundo das indignações ha a

troça, e a *noticia* dos permenores obscenos é, para o maior numero, *suggestiva !*

A immoralidade mais atroz invadiu consideravel numero de lares, e não é raro que um *modus vivendi* se estabeleça entre marido e mulher, entre mãe e filhas. Uns e outros fecham os olhos ás infamias da collectividade. Vae o pae com as meretrizes, a mãe com os *souteneurs*, as filhas com quem Deus é servido. A's vezes, ha discordia : mãe e filhas requestam iguaes amantes !

E' vulgar que um verniz de devoção cubra todas essas miserias. A' entrada das missas de luxo aponta-se o que vae entrando com a fé no olhar contricto e na alma um cano de esgoto... E' urgente registrar esta *mystica* circumstancia, — que não vá o moralista lançar as responsabilidades da crápula á conta dos *jacobinos !*

*

Desalenta e amargura — tudo isto ! Póde-se luctar, com fé, contra a perversidade activa dos malvados ; mas ha o direito de suspeitar que é já incuravel o estado morbido que assim apresenta os symptomas de uma infamia estupida e inconsciente.

LIX

12 de Outubro, 1892.

PRODUZIRAM *effeito* estas palavras, ahi publicadas:

«A contribuição predial da cidade do Porto rende **130** contos. Pois bem: existe um funccionario considerado e profundamente conhecedor das circumstancias em que são realisados os serviços da fazenda, que está prompto a arrematar esta contribuição por **300** contos — mais do dobro do seu rendimento actual — e tem a certeza de ganhar n'essa operação. Ahi está o

que é necessario conseguir: fazer entrar nos cofres publicos todos os rendimentos que se furtam á fiscalisação.»

O *effeito* é relativo. Transcreveu-se; commentou-se; mas não produzirá *effeito positivo.* Não póde ser.

Não póde ser, — *porque seria a salvação* do que me parece condemnado. O *effeito positivo* a que alludo, não consistiria, é claro, em ceder a cobrança a um funccionario pratico, ou a um dos *Ricardos* da cidade invicta, mas em arrastar, pelas orelhas, ou pelo mais, ao pagamento, os devedores da Fazenda Publica. E não póde ser — *porque não seria leal.* Eu lhes conto uma noção de *lealdade*...

Certo jornalista, que ahi conhecem no Porto, e que vive aqui, era ha dias discutido por alguns dos seus fraternaes collegas. Não o accusavam de traficancias, nem de abusos de estupidez; mas accusavam-n'o de *deslealdade.* Deu-se um dos circumstantes á tarefa de apurar o porque da accusação, e obteve os seguintes esclarecimentos:

—«Um de nós tem uma peça em ensaios, e todas as noites tóma café no Marrare, ou no Suisso, os *cafés* frequentados por *aquelle sujeito.* A's vezes toma o café á mesma meza. Chega o ensaio geral, e *aquelle sujeito* assiste a elle, vê o auctor, dá-lhe as boas noites; vae á primeira representação, dá as boas noites ao auctor e aos artistas, — e no dia seguinte dá uma tareia na peça! Isto é leal? Isto é decente?»

Concordou-se em que não era decente, nem leal.

*

Como diabo quereis vós que não seja *deslealdade*, n'um paiz onde, todos nós, damos as boas noites uns aos outros, ir agora um ministro da fazenda, com a solidariedade de seis collegas, exigir das camadas superiores, que frequentam o Gremio e S. Carlos e as secretarias, ou que dão a lei nos centros politicos da provincia — que paguem o que devem á fazenda? Concebe-se que o escrivão de fazenda do meu bairro me remetta um aviso ameaçador, *a 5 dias de execução*, se eu deixei relaxar a minha decima. Eu

não conheço o escrivão, nem me parece que venha a conhecel o, nem elle tem poderes para me servir; mas *se eu quizer* — não pago. Tenho relações lá pelo alto, apesar de humilde da terra. E' só eu pedir ao conselheiro Honorio, e o Honorio, que é *leal*, não me faz partida: liberta-me do pagamento.

*

Tenho ideia de um ministro haver ordenado uma revisão de matrizes — para dar trabalho a algumas dezenas de galopins e para *satisfazer as reclamações da opinião*. Sabem o que d'ahi saiu? Eu lhes dou duas amostras:

— Augusto Cesar Barjona de Freitas — *desconhecido.*

— Cesar Polla — *mendigo.*

Não vale rir! Isto é a *base* da nossa vergonhosa desgraça! Não sou um politico, não sou um philosopho: sou um *transeunte*, *aborrecido, e com pressa*... Mas, tenho sobre o advento de um *novo ministerio*, n'este paiz, este modo de prêver: — Nada feito, se não resolve ser *desleal*;

se não resolve esmagar debaixo dos joelhos a franzina e porca barregan que se chama *Condescendencia* : se não resolve pegar no boi pelos cornos : — Supprima o *calote legalisado*, e falaremos de *vida nova !*

Até lá... vamos festejando a **independencia nacional !**

LX

15 de Outubro, 1892.

Tiberio veiu hontem ver-me, para o fim de me dizer — que está de accordo commigo. E' sobre os meus processos de administração.

Tiberio está d'accordo, como já lhes disse, sobre estes pensamentos resolutivos: — *fazer pagar a grande propriedade tudo quanto deve pagar*, — *tornar effectivas, urgente e implacavelmente, as responsabilidades dos grandes devedores da Fazenda Publica*. E eu repito, assás elucidado e convencido — que o resto são historias: que o reformador sem audacia para taes

commettimentos ha de afundar-se entre as risadas dos cynicos e o desespero do paiz: que as sangrias no funccionario pobre mais aggravam o mal-estar geral: que as reducções deixando escancarado o *periodo transitorio* representam o mesmo que construir uma escada — para salvar um homem dependurado pelos dedos, do beiral d'um telhado, a pedir soccorro em meio minuto!

*

Esta approvação de Tiberio é ainda uma das raras coisas que eu tómo a serio n'este mundo. Tenho visto naufragar a boa-fé, a boa amisade, os ideaes nobres, as honradas crenças, os projectos cavalheirosos — tudo a safanões da velhacaria, da mediocridade e do baixo atrevimento sem escrupulos. D'ahi teria de originar-se *morte d'homem*, ou *reforma de espirito*. Não me vou abaixo com duas razões: sou do numero dos que reagem por indole, por orgulho e para dar exemplo. Não houve homem morto. Mas, desconfiado do meu espirito *mosqueteiro*, chamei

Tiberio em meu auxilio, para as occasiões difficeis. Foi um bom achado!

Tiberio é a razão experimentada. E' calmante e é emoliente. Destróe exaltações e irritações. Dá me ás vezes para sacrificios, e o philosopho diz-me do lado: -- «Olhe que é comido». Retiro os sacrificios, e, a breve trecho, noto que teria sido *comido*. Outras vezes, dá me para irritarme; promedito e precipito desforços de maroteiras que esperam liquidação: e o philosopho: — «Converse você com o travesseiro, mais tres ou quatro noites. Olhe que os saldos de contas comem-se frios e fumados!» Comer-se ha frio e fumado...

O enthusiasmo é bella coisa: basta dizer-se que n'elle collabora em muito o coração. Guarde me Deus de uma *geração nova* que não erre uma e muitas vezes — pelo enthusiasmo! Livre-me Deus da sizuda precocidade que aos oito annos já pensa em vir a ser *minito*, como o Fialho d'Almeida conta, nos seus *Gatos*, da infancia de Carlos Valbom! Mas parece me que é tempo de annular aquelle velho dictado que tem sido a base de mil e uma desventuras: —

«Se a mocidade soubesse... se a velhice pudesse...»

Parece determinado que a mocidade só venha a saber conter-se quando já não póde exaltar-se. E' triste coisa, rapazes! mas, porque não chamaes vós, á vossa beira, o *philosopho Tiberio*, antes que vos alveje a gloriosa trunfa?!

LXI

1 de Novembro, 1892.

Tiberio, cauto e arguto — ás vezes,— appareceu-me hoje com um bello masso de notas do rico banco de Portugal.

— Vê você isto?

— Vejo e admiro; mas não invejo.

— Vou reduzir tudo a cobre!

— ?!

— Tudo a cobre. Ando com um medo dos diabos!

— !?

— Você admira-se?!

— Está claro. De que diabo tem você medo?

— Tenho medo... não sei de quê, mas tenho medo d'alguma coisa!

— Agora comprehendo. O seu medo é de primeira ordem, visto você *nãe saber porque é que o tem.*

— ?!

— E' claro. Não ha quem tenha mais medo do que uma creança, por exemplo, ao ficar só n'um quarto. — «Medo de ficar só — porque? Não vem aqui ninguem... — Não sei. Tenho medo de estar aqui!» Você é creança, Tiberio!

— Pois serei. Tem você notas para trocar?

— Tenho *notas* para dar e vender, mas na occasião devida...

Lá se foi o Tiberio.

*

O tal sentimento de pavor não é exclusivo do philosopho. Anda no ar o que quer que seja oppressôr de corações e de espiritos. E' a incerteza do que se espera e é a convicção de que alguma coisa tem de vir. Estes ultimos dias

teem visto suppurar noticias e mexericos de que *um chronista só* não assume a responsabilidade, sequer para a simples narrativa... E eu sinto vagamente quão justa era a alegria do Alves da pharmacia, ao dizer-me hontem á noite, no *Marrare*: — «Graças a Deus, sou só no mundo, e não tenho nada!»

Que bello! *Ser só na vida*: não ter de occultar-se para chorar; nem de occultar desastres, para não despertar tristezas; nem de tremer em frente do infortunio — que póde ferir os bemamados! Se o *encargo* consistisse apenas em trabalhar dia e noite pelo bem estar *d'elles!*... Mas o horrivel é tremer por *elles!*

Tem razão o Alves da pharmacia. Aquillo é que é *balsamo tranquillo!*

*

Mas, emfim, arrumêmos o sentimento; sejamos homens! Alli está o supra-citado Tiberio, que tem nos jesuitas de Campolide o sobrinho, que elle adora, e a quem ha dias, em minha presença, dava lições de moral pratica, nos seguintes termos:

—«Ha só dois caminhos, Domiciano! (o pequeno esteve para se chamar Caligula) — Por um d'elles chega-se ao respeito proprio e ao de outros: pela estrada dos sacrificios e da miseria; pelo outro chega-se á fortuna invejavel: pelo caminho das patifarias. Mas é preciso que este caminho seja trilhado com cuidado. Ha n'elle barrancos mencionados pelo Codigo Penal. A sabedoria do homem consiste em se livrar dos barrancos.»

O joven Domiciano esgazeava uns olhos proprios da comprehensão e da assimilação. Por aquelle escusa Tiberio de ter pavôres!

*

Dizia um dia d'estes, em terras de Hespanha, um dos caudilhos do nosso partido republicano — «que o espirito jacobino é fanatico, sectario, estreito, egoista e gerador de politica pessoal, com perigo de morte para os apostolos.» E' velho, mas tem algo de exactidão; e, todavia, não tem menos de indispensavel na obra de transformação politica. Em logar d'esse espirito *estreito*, que tem a pôr o critico? Um espirito tão

largo que se presta á manobra de todas as especulações de pessoaes interesses — sem o tal perigo de morte para os *apostolos*. E' estreito, mas é sincero. Mata-se *e morre-se*, por elle: — destruida a accusação de egoismo.

E n'esse terreno de sinceridade se lançam espiritos de menos largas vistas, — menos largas e mais firmes. E contando com as taes coisas *que põem medo* — vão arrostando com ellas.

LXII

11 de novembro, 1892.

Está-me a lembrar, era eu pequeno e foi na minha egreja parochial — Santa Izabel: — depois da missa, eu approximei-me da meza eleitoral, para vêr *aquella ratice:* — «Antonio José da Silva! Antonio José dos Santos! Antonio José Tavares!...» E eu, de bocca aberta, sentindo no ar um mixto de solemne e de grutesco e lamentando não ser ainda homem, — para metter um papel na urna!

Houve um episodio que me impressionou cruelmente. Foi quando *Nosso Pae* ia a sair da

egreja e o regedor, muito esbaforido a remexer papelada, não se voltou para *Nosso Pae*. Um dos homens perto da meza puxou-lhe pela sobrecasaca, a chamar-lhe a attenção e o respeito. E o regedor, com ar sacudido, olhando de revez para o prestito :

— Deixe-me ! Importa-me cá !...

Fui para casa, onde escandalisei com a narrativa do caso a santa mulhersinha que me foi mãe, — muito devota e muito amiga de *Nosso Senhor*, que na sua opinião, me salvara de um garrotilho.

A santinha não podia comprehender a *fé civica* do regedor — um ardente pantomineiro.

*

Volvidos trinta annos, estou quasi tão *ignorante* como elle, tendo já sabido muito... Mais uma vez repito ao meu amigo Tiberio, sequioso das minhas opiniões, que *é conveniente votar* — mais uma vez. Todavia, os mysterios da urna, condensam em meu espirito cerrada noite de pavor. Lembra-me a batota do *Bucha*, onde uma

noite o Augusto Feio, rapioqueiro emerito, disse esta phrase memoravel a um parceiro que lhe perguntava pela sua honra: — Entreguei-a alli ao porteiro, mais o guarda chuva.»

Não é bem assim, mas ás vezes parece-o tanto!

*

No caldeirão civico — que de mixordia! Parece o barril do lixo d'um especial inferno. Concorreram á *obra* os sete peccados mortaes. Sobre as minhas illusões desfilaram, em rijo escouceamento, o borrachão Malaquias, o batoteiro Desiderio, o Macario *souteneur* e o fajardo Antunes Borromeu. Dinheirama suada do povo correu, de mistura com a da burra do banqueiro Ricardo, esse alentado maroto. E a fidalga e a ama do padre e a *cocotte* levaram rasca na assadura. Tudo que se chama veniaga, traição, descaro, deslealdade, apetites hediondos e legitima fome, servilismo infame e dependencia cruel: tudo concorre, precipita-se tudo e tumultúa e referve no singular e monstruoso cadinho d'onde sae — *a vontade popular!*

*

Escorias da natureza humana ! Todos os protestos de colera são inuteis ; como os protestos de emenda. A crença inabalavel nos principios, a fé nos ideaes — nos velhos e nos novos — lá estão, sem duvida, no caldeirão sinistro. Obra inutil a de tentar apural-os no resultado final. Obra de dever o registrar serenamente, implacavelmente, as *materias* que entraram na fusão...

Tarefa difficil e grave a dos historiadores d'este periodo ! Nunca se deturpou assim, como hoje, os acontecimentos : e da diffamação arvorada em processo resulta o avolumar do cynismo. Os criminosos chamam calumnia ás accusções, abrigando se por detraz dos justos, a seu turno calumniados. A confusão estabelece-se no espirito das multidões — e os homens dignos parecem, a espaços, montões de lama, porque não faltou quem lh'a despejasse por cima !

O futuro tem de laval-os e de liquidar tudo.

LXIII

12 de Novembro, 1892.

Foi entre um salmonete e uma costelleta de vitella, que a noite passada, no café Tavares, assim me abriu seu coração apertado o preclaro commendador Francisco :

— Estou velho ; tenho passado coisas de mil diabos ; acho que a coisa social não vae direita ; mas desejaria que não houvesse mudança antes de eu morrer. O amigo ri-se ?

— Foi uma ideia risonha que me assaltou.

— Diga lá !

— É que talvez a evolução historica demore

os acontecimentos, á espera de que você morra. Para não lhe perturbar a digestão.

— Você está caçoando comigo ? !

— Seria a primeira vez na minha vida que eu teria caçoado com alguem. O meu caro commendador está enganado com as minhas maneiras. Eu não faço troças : tomo apontamentos e faço classificações. O meu amigo é *um egoista em atarantação.* Ordinariamente, *pensa* bem ; mas principia a *sentir* mal. Tem o coração fraco, e d'essa fraqueza vem a resentir-se a cabeça. Não creio que venha a ser um maroto, mas ha de vir a parecel-o.

— Não entendo. Você hoje está magico !

— Pois que é este mundo senão arte magica? O amigo nem parece um pratico ! Mas voltemos á historia dos seus terrores...

— Os meus terrores ? Pois não acha motivo para isso, vendo tudo a desabar e a fome á porta ? !

— Mande vir batatas, com a costelleta !

— Tem razão. *(Francisco recommenda batatas).* Tudo a desabar e a gente sem saber o que ha de vir ! Veja o meu amigo o Wenceslau bra-

zileiro : tinha mandado fazer um predio na Avenida ; veiu essa crise do Brazil ; o homem interrompeu as obras e lá se foi para o Rio. Pelos Jacinthos de Grandola não vem mal ao mundo : tomaram elles socego ! Mas ainda hontem á noite, estava eu alli ao pé da porta, a tomar café e rhum — um bello rhum que elles aqui teem, a tostão o copinho ! — e parou um homem no passeio, a olhar para mim, um homem esfarrapado, que mettia medo. Eu ia a chamar o creado, para o affastar d'alli ; e, que pensa você que me disse o mariola ?

— Mandou-o á fava ?

— Qual ! Arreganhou a dentuça ; parecia um gorilla do jardim Zoologico, e disse-me : — «Eu te darei o cafésinho, grande patife de burguez!»

— E dá lh'o, póde você crêr. Mais dia, menos dia, temos surprezas sociaes ..

— Ora, pois ahi tem ! Que culpa tenho eu de que haja fome e miseria ? Pois eu hei de deixar de comer, porque o meu vizinho não tem pão ? Esta não consta a ninguem !

— São accordos a estabelecer de futuro.

— Qual ! Accordos ? Eu não concordo senão

com a necessidade de pôr um freio a tudo isto. Você tambem tem dado um contingente menos mau, ha perto de trinta annos a trabalhar para escangalhar tudo! Ha meia duzia d'annos ia tudo tão direito: ricas fortunas, homens de expediente! O Brazil foi a origem da desgraça. O amigo bem sabe: temos lá uns vinte mil contos para vir, e estamos aqui sem vintem. Que diz a isto?

*

— Eu digo que o commendador mette os pés pelas mãos. Está em ponto de rebuçado! Se o tal gorilla o ouvisse...

— Qual gorilla?

— O esfarrapado de hontem á noite, um que não tem dinheiro no Brazil. O commendador já pensou n'uma coisa importantissima?

— Diga!

— Na porção de *freios* que é preciso para todos os esfarrapados como aquelle... E outra coisa: já notou que elles deram cabo do freio da religião, que era o mais forte de todos, e que tinha serrilha, por signal?

— Você ajudou! Ha vinte e tantos annos que você trabalha!

— Para *escangalhar tudo*, já se sabe. Ora, deixe-me contar lhe o que me succedeu em casa, ultimamente. Tinha rebentado um cano, debaixo do sobrado, e o cheiro, de dia e de noite, era de tombar. Preveni o senhorio. O homem veiu, e fez-me notar que seria preciso *escangalhar tudo*, para concertar o cano, e que eu não poderia supportar o acrescimo de fedor, resultante da obra. Eu respondi-lhe que supportaria tudo, menos a conservação da tal historia. *Escangalhou-se tudo*; fez-se a obra, e hoje está a casa habitavel. Entendeu?

— Perfeitamente.

— Perfeitamente o quê?

— Digo que entendi.

— O amigo faria o mesmo que eu fiz?

— Pois decerto. Escangalhava, para fazer a obra.

— E se lhe puzessem um freio?

— E' boa comparação! Você tem coisas!

— Todos nós temos coisas. As suas coisas consistem em você querer o cano da sua casa

em bom estado e o do edificio social — rôto
No tal *accordo*, que ha de vir a estabelecer-se
depois das obras, haverá discussão sobre outro
pontos importantes : entre elles, o tal rhum a
tostão o copinho. Você já pensou em que com
um tostão póde matar a fome a uma familia ?

—Então eu heide privar me do rhum, porque
os outros não teem pão ? Essa não lembra ao
diabo !

— Não lembra ao diabo, porque elle negocei
em fundos ; mas lembra aos que não teem pão
ao tal gorilla e aos outros. Você verá que aind
tem desgostos, por causa dos seus abusos d
barriga. Que lhe parece ?

— Que o amigo vem a acabar mal !

— E' um prophecia que me fez o meu mestre
primario, um dia em que lhe quebrei os oculo
e lhe escondi a palmatoria. Mas é uma tolice
Acabar é um bem ; o grande mal é ter princi
piado. Emfim, sempre espero assistir a uma
scena curiosa n'este mundo...

— Qual scena ?

— Aquella em que os *gorillas* ajustarem com
você.

LXIV

25 de Novembro, 1892.

Conheci em tempos, no Porto, um rapaz com o seguinte *systema:* no principio de cada anno mudava radicalmente de costumes, de relações, de amizades, de botequim, de jornal, de amante, de vestuario e de principios politicos. Era curioso!

Em 1874 conheci-o frequentando a *Baviera*, um excellente restaurante junto ao café Suisso. Dava se com os Arrochellas, — o Heitor e o Lourenço, — com o Agostinho Albano e o Lourenço de Magalhães e o Eduardo de Magalhães. Lia o

Diario da Tarde; vivia com uma actriz, vestia
se de preto e era republicano moderado. No di
1 de janeiro de 75 despediu se de *tudo:* passo
a frequentar o café do Carmo, relacionando-s
com a clientella respectiva; trocou a actriz po
uma costureira e a fateota preta por outra, d
flanella azul; abandonou os principios democra
ticos: assignou a *Palavra* e fez-se ultramontan
furioso. E todos os annos era assim!

Ignoro de que morreu esse excentrico, ahi
volta de 1879 — estava eu no Brazil. Lembro
me d'elle a proposito de uma que me acontec
á ultima hora com o meu amigo commendado
Francisco.

*

O qual commendador se affastara de mim
havia dois dias, á conta de umas divergencia
em materia de socialismo. Hontem procurou-m
em casa, para o fim de se reconciliar commig
e de me dar conta da sua evolução espiritua
Querem crêr que se fez reaccionario?! E as ra
zões determinantes da conversão? Muito curio

sas. Eu exponho de memoria o arrazoado do sujeito.

— Meu caro amigo, tenho pensado muito estes ultimos dias e acho que o espirito do homem não deve ficar estacionario e que deve ter uns periodos certos de evolução de reforma, — por exemplo, no principio de cada anno Ora, a coisa social não vem direita. Tem as raizes pôdres, muitos troncos partidos e um cheiro muito suspeito. Em baixo toupeiras, em cima aves de rapina: o diabo! Tomei uma resolução. Que diz você a isto?

— Acho melhor uma hespanhola guapa; mas sempre é bom tomar alguma coisa. Coitado do que não toma nada!

— Você é homem de bom conselho, apesar dos seus modos exquisitos.

— D'accordo. Disponha das minhas exquisitices.

— Eu puz-me a olhar para *tudo isto* e cheguei ao convencimento de que ha um grande vazio.

— Um que?

— Um grande vazio!

— Conforme... Ha barriga que quanto mais

se vaza tanto mais se enche. O amigo não reparou n'esse phenomeno!

— Ahi está você com as materialidades!

— Pois bem, subtilisemos! Sejamos afuroadores do Vago, para variar!

— Quero eu dizer na minha que ha um grande vazio de crenças e que não ha principios solidos que as substituam. A gente já não tem fé religiosa e não tem nada a que se acolha em occasião de crise.

— Esse ponto de vista é de uma orthodoxia *actual*. Quer dizer na sua que já não ha santos da nossa devoção, a quem a gente se agarre?

— E' isso, pouco mais ou menos. Mas deixeme seguir o meu raciocinio. Pareceu-me que o homem seria mais feliz, se se inclinasse á crença religiosa. Li, pela parte que me tóca, diversos livros especiaes; falei com pessoas *crentes* e senti me attrahido pela Fé. Acho que seria uma grande obra introduzir no espirito do povo a alliança das idéas democraticas com as crenças na Bemaventurança.

— Está você tocando nos ossos de Leão XIII. Olhe que o Papa vae-se chegando á Revolução,

como um catita. O amigo diverge apenas no processos: quer que a Revolução se chegue ao Papa.

— Justo! A Egreja não póde depositar confiança no inimigo.

— E' uma fórmula que você fornece aos homens d'hoje suspeitosos das intenções da Egreja. Como quer o meu amigo confundir n'um interesse igual os interesses que só existem pelo esterminio reciproco? Você, amigo commendador, homem da ordem, capitalista, com medo *que se pélla*, imagina, como o vizinho conselheiro, uma transacção com os desesperados. Boa ideia! A pavorosa familia do Proletariado abre a bocca, e não tem alimentos; é isso o que a torna pavorosa — porque o problema da miseria tem de resolver-se á dentada. O que imagina você? Metter os artigos da Fé e as Bemaventuranças por aquella bocca dentro. São os rudimentos do Socialismo catholico isso que o commendador descobriu nas suas meditações do fim do anno. *Bemaventurados os que soffrem, porque elles serão consolados:* é isto que você traz á cidade?!

*

— E não é bello ?

— Meu caro amigo. Não confundamos o bello com o justo. A Lola é uma expressão do bello; mas como quer que seja immoral, não é uma expressão do justo; só tem cotação na orgia. Consolar os que soffrem,—com a promessa de consolação no outro mundo, é bonita coisa, mas o que nós queremos é a extincção do soffrimento. Deve ser encantador o quadro de uma familia resignada, como você a deseja: o pae sem trabalho, a mãe e os filhos sem pão, e o pensamento na recompensa divina. Ora, o que nós pretendemos — nós os descontentes — é que o pae tenha trabalho, a familia tenha pão e a recompensa divina se restrinja aos dominios da phantasia devota. Em conclusão, que deliberou o amigo ?

— Frequentar S. Luiz, ajudar a propaganda religiosa, concorrer para supprimir esse vacuo de crenças e de principios... Porque afinal, a Miseria, de que você fala, não é um principio ; não enche o espirito do homem !

— Concordo em que tem falta de programma. N'esse ponto, está muito abaixo do partido Progressista, sendo aliás muito mais idosa e tendo tido defensores de mais valia, desde Jesus Christo até Marat. Não tem senão um artigo : *Soffrer;* isto, dezenove seculos depois do Nazareno e um seculo depois da Revolução Franceza. E quando aos seus *defensores* — bem remunerados — perguntamos se preferem o Marat, ou o Christo, a resposta é infallivel : — Preferem o Christo. Pois não é assim ?

— Forte duvida !

— D'accordo : nem sombra d'ella. Para a exploração mais desaforada e preferivel esse justo. As voltas que vocês lhe teem dado são a prova mais completa da sua pureza. Nas garras de milhões de salafrarios, durante dezenove seculos, só por uma superioridade *divina* tem escapado aquella reputação. O Marat não lhes deixa nada para despezas de culto...

— Você tem um modo especial de ser impio!

— Meu caro amigo, ambos nós somos especialistas, um no amor á pelle, outro no desprezo d'ella. Em 93, quando o Luiz XVI foi enviado á

guilhotina, um velho fidalgo seu amigo, chamado Malesherbes, deu se á liberdade de manifestar a sua magua, em presença dos officiaes de justiça. Um d'elles, extranhando o caso, perguntou ao velho: — Em que te fias tu, com esse atrevimento? — No desprezo da vida, respondeu-lhe o outro. A verdade, amigo commendador, é que o homem aferrado á carcassa tem de supprimir a lingua, para não ser um patife...

— Um que?!

Não repliquei.

EM 1899

1 a 30 de novembro

1 a 30 de Novembro, 1899.

TODA a cautella é pouca em não alentar os aneurismas — pelo abuso de sensações violentas. O chuveiro de telegrammas que a todo o momento nos communicam victorias, marchas e contra-marchas, estonteia e desorienta muitos espiritos e póde, se muito nos preoccupamos nos casos, arrastar nos ao horror da lesão-cardiaca. O mais prudente é joeirar as imformações e pôr de molho as que se apurarem como verosimeis, pois que no actual estado de coisas se torna acceitavel aquelle processo do conselheiro Encravadissimo:

— «Um jornal prudente e sagaz não dá uma noticia sem que todos os outros a tenham dado.»
Chamem-lhe tolo!

*

Pois é verdade: victorias dos inglezes sobre os boers e os orangistas, logo consideradas definitivas, como quem diz — resolutivas, e 24 horas depois os boers a derrotarem os outros, e os enthusiastas da vespera a engulirem em secco, e os acabrunhados n'um delirio patusco, e em toda a linha os commentarios de quem não pensa n'outra coisa, — sem saber coisa alguma: tal é o espectaculo em scena.

Pôr de quarentena é o mais acertado, e não perder de vista o seguinte: — que o *resultado final* está previsto, — que esse *final* subordina-se a uma lucta encarniçada, — que é preciso deixar de parte exaggerações, quer dos dotes extraordinarios de um adversario, quer da inferioridade do outro: o que ao soldado inglez falta em *furia* sobeja-lhe em vigor e em firmeza. Contestar similhante coisa é desauctorisar-se para a critica.

Vem a proposito uma historia :

*

Ahi por 1876-77, quando foi da ultima guerra entre a Turquia e a Russia, aconteceu intervir a Inglaterra n'um momento critico para os Turcos, enviando aos Russos um ultimatum apoiado por uma formidavel esquadra que singrou para os Dardenellos. Cederam os Russos, que marchavam sobre Constantinopla, — retrocedendo; mas antes d'isso considerou-se a guerra imminente entre a Inglaterra e a Russia, e a proposito dirigiu-se um jornalista do *Figaro* ao marechal Canrobert, a pedir-lhe informações sobre o *soldado inglez*.

Canrobert commandara em chefe o exercito francez na Criméa, quando os alliados Francezes, Inglezes e Turcos alli se bateram, em 1854, contra os Russos. Conhecia, pois, muito de perto as qualidades militares dos seus antigos companheiros de campanha. Assim respondeu elle ao jornalista :

— «Para lhe dar, concisamente, uma ideia do

assumpto, limitar-me-hei a contar-lhe um facto. Sahira eu, uma manhã, cedo, o meu acampamento, para umas observações, quando encontrei, vindo do acampamento inglez e dirigindo-se a umas posições dos Russos, um regimento de infanteria ingleza. Chamei de parte o coronel e interroguei-o sobre o objectivo da sua marcha. Respondeu-me que ia tomar á bayoneta um reducto, cuja artilheria incommodava os inglezes em determinadas operações. Ponderei-lhe que a situação e construcção do reducto permittiriam aos Russos fulminar-lhe o regimento a cem passos de distancia, durante a carga. Replicou-me :

— «Foi a ordem do general : tomar á bayoneta o reducto.

— «Ou morrer ?

— «Isso não entra na questão. O general não pezou tal hypothese, porque a achou naturalissima, e nós nem pensámos em tal.

«E poz-se em marcha, e atacou o reducto, e poz o Russos em fuga, depois de perder 200 homens.

«Taes são *elles*...»

Até que emfim, o espirito bellicoso dos *Manuel João* tem, para satisfazer-se, noticias de muito sangue derramado ! Morticinio e desordem economica e social, por determinação de raros que nada arriscam — a não ser a *gloria do seu paiz*, e sem que as massas espatifadas comprehendam coisa alguma, ou sequer tratem de comprehender : eis a situação, ao termo do seculo XIX (aliás XVIII ?), como na Edade-Média, como na Antiguidade, salvo especial hypochrisia dos actuaes *senhores* !

Especial hypochrisia, pois que outr'ora não havia explicações e hoje os dominadores de homens *explicam-lhes* que está em jogo o *prestigio de uma nação*, ou a *unidade de uma raça*, e tanto basta aos mais exigentes para que, sacrificando mulher e filhos e abandonando patria, vão exterminar outros homens — que nunca viram, e de quem jámais receberam aggravo, ou ser exterminados por elles.

E' este desvairamento incorrigivel, esta deso-

rientação da besta humana, através dos seculos, que entenebrece o espirito dos Pensadores... e justifica os que se absteem de pensar.

*

A guerra iniciada na Africa Oriental não offerece duvidas, pelo que toca aos resultados, a quem se dispensar de facciosismos, *para formar conjecturas*. Distingamos: uma coisa é odiarmos o que consideramos nosso inimigo e desejarmos a sua derrota, e coisa differente é phantasiar-lhe fraquezas e desgraças. Ha gente que sonha, acordada, com um poderio invencivel dos boers e com allianças europeias destinadas a combater a Inglaterra e com derrotas imminentes das forças d'esta ultima; quando menas, imaginam a Inglaterra a fazer de *Hespanha em Cuba*, até que a intervenção de terceiro a precipite no mar e lhe metta os navios no fundo. Deploravel puerilidade dos sonhos!

A Inglaterra ha de ir *até ao fim*, e o fim ha de precipitar-se, logo que entrem em scena as orças consideraveis que a esta hora ella tem a

caminho d'Africa. A superioridade do boer sôbre o inglez, como combatente, está longe de ser absoluta: o soldado inglez é talvez o mais firme da Europa, e a historia militar da Inglaterra, se não anda em folhinhas e almanachs de Paris, prejudica um tanto os creditos de outras historias — e não lhes falo da sua marinha, que está fóra da discussão: falo-lhes do seu exercito. Que o diga a França da Edade-Media, vencida pelo Principe Negro, a do seculo de Luiz XIV, vencida por Marlborough, e a de Napoleão, vencida por Wellington! Nada de phantasias puerís, em assumptos sérios!

Quanto ás allianças europeias, deixemo nos de frioleiras! E' lêr a *Gazeta da Allemanha do Norte*, orgão do governo allemão, que reproduz, approvando, um artigo da *Correspondencia de Hamburgo*, o qual assim termina:

«Por maiores que sejam as nossas sympathias pelos boers, não se póde desejar que a Allemanha saia da reserva observada e se empenhe no conflicto, mais fortemente que as outras nações.»

A *Gazeta de Francfort*, combatendo a politica de Chamberlain, diz, todavia, que a Allema-

nha guardará a maisabsoluta neutralidade, porque as relações entre os governos allemão e inglez são as mais amigaveis.

«Quanto á França e á Russia, diz o mesmo jornal, não poderiam intervir senão intervindo o governo allemão, o que decerto não acontecerá.»

... Apenas nos cumpre ter em vista — a nós, Portuguezes — que teremos de pagar caro... a nossa fraqueza.

—

A agua a potes, e os péssimistas a conjecturar que segundo os melhores auctores, a peste folga com a chuva, como as avencas, e que, *portanto*, é crivel que avance até Lisboa, como os *boers* sobre o Natal. Por mim, embora dos mais crédulos na protecção divina, já arranjei aposentos na aldeia de D. Maria, e á primeira voz ás portas da capital, cá me vou na diligencia de Caneças!

Muito a proposito de conjecturas sobre a peste: acabava eu de ouvir diversos pareceres, ha-

verá meia hora — ás 4 da tarde — á porta d'uma livraria do Chiado, quando, ao subir a tal rua, encontrei á porta da Havaneza o dr. Ricardo Jorge. Conversava elle com pessoas minhas conhecidas, ás quaes dirigi a palavra, olhando fixo para o illustre medico, que não deu mostras de reconhecer-me.

— Sr. doutor!

— Senhor...?

— Sou o Silva Pinto.

— Ora, valha-me Deus! como v. está velho!

Eu estou realmente muito velho, mas não gósto de que os outros o reconheçam, gostando eu, aliaz, de apregoal-o. E' ratão! E ao doutor Ricardo Jorge disse eu logo, como me cumpria:

— N'uma phrase, e nada mais: a peste tem augmentado no Porto?

— «Augmentou ha 15 dias, e ahi estacou.»

Eu assim o communiquei a Tiberio, que anda horrivelmente preoccupado: — Olhe você que augmentou ha quinze dias e ahi estacou.

E o philosopho:

— E virá a Lisboa?

— Talvez venha no *Hamlet* pela Sarah Ber-

nhardt, o que lhe será funesto... á epidemia pois que a immortal artista traz intenções *pesticidas*. Ella o disse ao emprezario do D. Amelia:
— *Nous all ns iuer la pesie !*

...Talvez julguem que estou brincando. E' feitio meu. Não por mim, mas pelos que me são caros. tenho muito e muito medo da peste, como o tenho dos tremores de terra. De trovões é que nunca tive, nem de ladrões — e, todavia, fui victima d'esse *duro* flagello. Um castigo!

*

Agora um trecho do livro do dr. Ricardo Jorge sobre a epidemia, e um commentario de hoje, do sr. Marianno de Carvalho. Falla o medico:

«O que via, confrontando com o que lia de novo ou de antigo sobre a peste asiatica, não me deixou ao cabo de tres dias a minima duvida. Assim o communiquei aos collegas intimos, e nomeadamente ao director clinico do hospital, o meu amigo Guilherme Gonçalves Nogueira, assistente dos isolados no hospital.

«*Foi tão imperiosa a minha crença* que, tendo iniciado a observação a 6 de julho, a 9 de julho a affirmava áquelles a quem devia conta dos meus actos. A responsabilidade que d'isso pendia sobre a minha consciencie medica e profissional, sentia-a tamanha que pedi auctorisação aos srs. vereador do pelouro e presidente da camara para, sob plena confidencia, communicar a minha opinião á autoridade superior do districto, o que fiz verbalmnnte no dia 11 de julho e por escripto no dia *12 de julho, em officio que foi transmittido ao ministerio do reino.*»

Falla o jornalista do *Popular*:

«A 7 ou a 8 de julho era imperiosa a crença do dr. Ricardo Jorge, tão imperiosa como elle proprio diz. Pois o sr. Lnciano de Castro, em documento official e no seu jornal, deu-o como em duvida. Que amor pela verdade! Que zelo pelo bem publico! A 12 de julho o sr. Luciano de Castro estava officialmente informado não de duvidas, mas da *crença imperiosa* do sr. Ricardo Jorge de que a doença era peste buboni-

ca. E o sr. Luciano de Castro repousava no Ramalhão e só em 17 de agosto se resolveu emfim a providenciar. Um mez e cinco dias dedicados á incuria e offerecidos á peste para bem se firmar nos seus fócos.

«Agora, que ouse outra vez desculpar-se com o sr. Ricardo Jorge, que procure mais artes para escapar a tremendas responsabilidades. Tudo será inutil, porque sentença ahi a tem lavrada. Deixou crescer e firmar-se a doença, e para tentar defender-se occultou a verdade dos factos, como procurou por politica occultar a epidemia. Ainda é capaz de negar!«

Ainda!

—

Mesmo assim, tem seu interesse a noticia que nos chega da Guiné : refiro me áquillo de *alguns habitantes* pedirem ao governo da metropole que faça guerra a um determinado chefe indigena. Extranham alguns jornaes de Lisboa que sejam os *taes habitantes* e não as auctoridades da Guiné quem deseje a guerra e a solicite; mas

creio que a extranheza cederá terreno, logo que assentarmos n'este ponto: em que talvez *esses habitantes* tenham em seus armazens generos avariados, em grandissima porção, e assim desejem a guerra, para os *impingirem* ás expedições. E' dos livros.. na Guiné, segundo corre sem contestação.

De resto, é tambem dos livros em muitas nações civilisadas. A *dèbâcle* não tem origem no continente negro.

E adeante!

*

Não deve parecer mal que os Portuguezes na mãe-patria só tenham, muitas vezes, conhecimento do que diz respeito ás colonias, quando se me deparam cartas vindas de Lourenço Marques, ha dois dias, nas quaes se pergunta com o maximo empenho e respectiva ignorancia — que ha de novo no Transvaal. Este facto deve ser agradavel aos que receiam vêr a nossa afamada possessão empolgada, de um momento para outro, pelos atiradores boers. Vê se que estão muito mais distantes, entre si, Lourenço Mar-

ques e a republica sul-africana, do que consta dos respectivos mappas.

Pelo que, teremos de informar os habitantes de Lourenço Marques do que se passa no Transvaal, emquanto, a seu turno, os estrangeiros, pelos orgãos jornalisticos europeus, nos dão noticia do que se passa em relação a Portugal. Por exemplo: o *Économiste Européen* de 20 de corrente dá-nos as seguintes informações:

«Devemos ainda mencionar um contra-tempo para a Inglaterra. De diversas origens se tinha ultimamente annunciado que o famoso convenio anglo-allemão a respeito de Lourenço Marques não podia produzia effeito durante a guerra do Transvaal. E' certo que esse tratado prevê a partilha da costa sul-oriental da Africa, entre a Allemanha e a Inglaterra, mas unicamente em circumstancias que não se deram ainda.

«Ora, conforme informações auctorisadas, o governo inglez tentou segurar durante a guerra, por negociações directas e isoladas com Portugal, as vantagens, que por outro modo não podia obter. A 30 de setembro preterito foi com-

binado oralmente um convenio entre lord Salisbury e o ministro de Portugal em Londres. Segurava á Inglaterra a exclusiva fiscalisação do porto de Lourenço Marques e do caminho de ferro, durante as hostilidades, e a Portugal a protecção efficaz da Inglaterra contra qualquer ataque do Transvaal. Mas este projecto falhou, affirmam, por causa d'uma opposição europeia. Não se concluiu, pois o accordo.»

Assim seja — e que a Divina Providencia affaste as *circumstancias que ainda se não deram!*

*

... Pelo que respeita á guerra, o sangue já corre a jórros e os amadores principiam a aquecer. Os que a determinaram estão bons de saude, e não ha mal que lhes chegue. Coisas para a Humanidade dar em doida... se tivesse juizo!

—

Que me dizem á intervenção das potencias?

Já o facto (?) me valeu uma biscata do philosopho Tiberio contra os meus vaticinios: — «Diz então você que não haverá allianças a favor dos boers?!» E eu digo ao philosopho que repare bem n'isto:

Se o *facto* vem a consumar-se não será uma alliança a favor dos boers, mas uma tentativa, arriscada de duas potencias para se apoderarem de territorios alheios, emquanto vêem a Inglaterra *entretida*. O Russo quer a Persia, o Francez quer Marrocos; a Inglaterra, porém, que não permitte jogatina sem occupar o seu logar á banca do panno verde, não deixará de defender os povos ameaçados. Para tal fim, já os couraçados — tantos como praga! — se concentram em Gibraltar, e lá vão uns para o golpho Persico, a zelar os interesses do Shah, e outros no Mediterraneo farão sentinella vigilante ao grotesco imperio que nos deu cabo de D. Sebastião, mais do seu exercito. Uma collisão entre as esquadras inglezas e as da Russia e da França combinadas seria um lindo espectaculo a fechar o seculo, hein? mas não creio *que a Russio se mova*, como dizia o da *Brazileira de Prazins*, e,

quanto á França, tem na Exposição á porta um bello pretexto para reflectir com prudencia.

A guerra continuará pois, salvo erro, entre a Inglaterra e as duas republicas da Africa Oriental. Em 15 dias devem principiar as *grandes operações* inglezas, mas a verdade é que as operações dos boers e dos orangistas já não são pequenas.

Agora vejo eu, como todos podem vêr em folhas estrangeiras, a seguinte mensagem, dirigida pela rainha Victoria ao seu ministro da guerra, a proposito das *operações* dos boers:

«*Balmoral*, 22.— As terriveis perdas que tem experimentado o exercito britannico torturam o meu coração. Mais um grande successo hoje, mas receio que a victoria tenha custado cara. Rogo-vos que expresseis ás familias dos mortos o testemunho da minha sincera sympathia e o da minha admiração por aquelles que perdemos.»

... Se depois d'isto as familias dos mortos não ficam, além de consoladas, radiantes, é porque são ingratas. Interromper Sua Graciosa Magestade a *prova* das velhas marcas de Port wine, para assim manifestar as ulceras do coração, é

para a Humanidade, enthusiasmada, perder o juizo... se o tivesse!

—

Toda a gente a escrever e a publicar hypotheses, simples commentarios e prophecias de arromba, ácerca do conflicto entre inglezes e boers, e, afinal, a *ultima palavra* tinha de vir alli de Queluz, perto do hotel Ladislau, proferida por aquelle que, a *50 mil reis por dia*, foi Scipião sem Annibal e assim continúa a ser a mais original das nossas glorias!

Corrêra a atoarda, em duas tabacarias, de que na revista *Brazil-Portugal*, de Lisboa, *elle* ia publicar as suas impressões e conclusões resolutivas sobre a Inglaterra e o Transvaal. Como, por amavel procedimento da empreza, eu recebo a mencionada revista, larguei, ao jantar, a travessa dos bolos de bacalhau, apenas, na occasião de atirar-me a elles, me apresentaram o recem-chegado numero (18) do *Brazil-Portugal*, e foi ao artigo d'*elle* que eu me atirei.

Valeu a pena.

*

Conselheiro Ennes, que foi ministro da marinha como se sabe, delimitador de terrenos como se viu, generalissimo e commissario régio como se pagou, e que é ministro no Brazil (ao pé do hotel Ladislau) como se lhe está pagando, embirra com os applausos ás victorias dos boers e promette a morte do toiro que está a marrar no comboio. O toiro é o boer e o comboio é o inglez,—bonita figura para Queluz-Bellas! Certo é, porém, que o toiro está damnificando o comboio e que as demoras d'este em pôr-se em marcha estão precipitando as lesões cardiacas dos partidarios d'elle. Não faltará quem me supponha mais inclinado ao toiro, desde que o vejo a marrar com tanta destreza e segurança. E' illusão. O que eu digo é que os acontecimentos hão-de produzir-se, rapidamente, sem que n'elles influam as bravatas e os desdens dos *apaixonados* — e que, ao menos, as leis da prudencia intimem os pimpões e os desdenhosos a absterse de manifestações obnoxias e incongruentes.

*

Diz o sr. conselheiro — que o poderio britannico *é invencivel*. Admitte se n'um estudantinho de Historia, mas de nenhum modo em *sabedor* de tantissimas prosapias e de capa d'asperges. Olhe que os Estados-Unidos zangam-se! Mas, ha mais conceituosa maravalha no arrazoado do sr. conselheiro: é quando, depois de accusar debilidades mentaes de Kruger e da sua gente, conclue por este esguicho de Salomão:— «A sabedoria dos fracos não é resistir aos fortes, mas evitar conflictos com a força.»

N'esse ponto ninguem nos ganha... em sabedoria. O proprio sr. conselheiro, installando-se em Queluz, perto do hotel Ladislau, vae evitando, como sabe, achar-se em conflicto com algum colosso que ahi venha bombardear-nos ao Tejo. Creio ainda que o *boer* será vencido, mas *honrosamente*; ora, parece que na vida das nações tal adverbio já não tem cabida — e que o preferivel é serem *sabios*...

Temos de acceitar como certo que Ladys-

mith não se rendeu e que os inglezes continuam, por igual, em Kimberley e em Mafeking. N'estas condições, olhando para o mappa, concluiremos que o objectivo dos boers póde ser o Natal, pela Zululandia, e que de nenhum modo atacarão o Cabo, — deixando atraz de si aquellas praças em condições de rigorosa resistencia. Mas a invasão do Natal tem de realisar-se *immediatamente:* isto é, antes da chegada de reforços inglezes a Durbaa. Parece que assim o entendem, dando-se pressa em marchar sobre Pietermaritzburg: encontrarão ahi novo centro de resistencia? A crise torna se agudissima, e as conjecturas devem reprimir-se, sob pena de rebentamento de dislates.

Certo é, todavia, que o limitado numero de partidarios da Inglaterra principia a recuperar confiança: é o resultado de se manifestarem exaggeros e precipitações — que reduzem consideravelmente as proporções das victorias dos boers. Ha quem, menos sensato, tenha estabelecido comparações e approximações entre esta guerra e a franco-prussiana, de 1870. O absurdo é extraordinario, porque os allemães, depois de

haverem *inutilisado* as forças de Mac Mahon em Sédan e as de Bazaine em Metz, marcharam sobre Paris, contando com a certeza da superioridade numerica, emquanto que os boers não conseguem *inutilisar* as forças inglezas em Mafeking, nem em Kimberley, nem em Ladysmith: não podem pois avançar sobre o Cabo — e no emtanto os reforços inglezes approximam-se com a superioridade numerica por parte da Inglaterra... e, salvo, a intervenção providencial, os boers terão de passar á defensiva. E' questão de breves dias.

*

Falei da intervenção providencial, E' que nos lembrámos hontem, á noite, conversando na Havaneza, — eu e um amigo — da explicação produzida por Victor Hugo ácerca do desastre de Napoleão em Waterloo: — «Napoleão já incommodava Deus», e, mais humanamente: — «Preparava-se uma serie de acontecimentos em que Napoleão já não tinha logar.»

Observamos que o poderio da Inglaterra, as

suas tendencias absorventes, a sua enorme expansão, que se traduz por 450 milhões de individuos falando a lingua ingleza: isto é, um terço da população do globo: que tão formidavel imperio reproduzindo em grandeza a Roma antiga dos mais prosperos dias, talvez já *incommode Deus e não tenha logar em nova série de acontecimentos em preparação*; mas... que novos acontecimentos?

A decidida entrada em scena da raça slava? E' cedo: está verde ainda e não falta quem lhe supponha bicho: póde apodrecer antes da maturação. Expansão maior da Allemanha? E' facil observar que a raça germanica se funde na anglo-saxonia, e que os sentimentos individuaes, de antipathia e de aversão, não correspondem ás leis historicas, nem ao criterio dos dirigentes. Coisas novas da raça latina? A melhor novidade que eu conheço, de similhante esfalfada raça é aquillo de um jornal de Italia que ha dias verberava os inglezes — porque se não batem contra os boers como os *italianos se bateram contra os abyssinios.*

E depois d'isto, a do padre Ténia, que escre-

veu ha dias: — «Deus não intervem nas brigas dos huguenotes.»

*

Conclusão? Esperemol-a.

—

Não ha meio de nos livrarmos de *especiaes* manifestações de reconhecimento produzidas pela maioria dos nossos *illustres hospedes*, quando d'aqui sahem, festejados como o não haviam phantasiado, para os seus respectivos paizes. Estou-me lembrando de alguns congressistas — aquelles que, ha mezes, ahi beberam do fino—e que para as suas terras foram escrever, em gazetas, toda a casta de sandices e de mentiras ácerca dos nossos usos e costumes, e de taes illustres me recordo a proposito do illustrissimo doutor Calmette, — ahi tão obsequiado e admirado que até recebi um apontoado de babozeiras á laia de descompostura, enviado por um mandrião — anonymo como é dos livros, — por-

que eu não me julgara obrigado a admirar o tal doutor.

Parecia que m'o adivinhava o coração. Lá está *elle*, em Paris, a agradecer, a seu modo, aos seus admiradores que o festejaram.

Depois de haver, em Portugal, excedido os limites da vulgar indelicadeza, — formulando relatorios com feição official, recheiados de censuras aos poderes publicos da terra onde era hospede, e depois de haver repetido velhas parvoiçadas, á conta de rivalidades entre Lisboa e Porto, foi agora realisar em Paris uma conferencia sobre a peste no Porto, um novo pretexto para pôr em fóco a sua especuladora vaidade e a sua incorrecção. Foi um irmão do conferente o encarregado da noticia, e lá a estampou no *Figaro* chegado hontem, sendo alli, por signal, tratados os seus amigos do Porto — os do doutor — como um viajante regularmente civilisado não traria os zulus.

Refere-se aos assombrosos trabalhos do salvador do Porto e das batatas e diz:

«Estas experiencias tão decisivas tiveram tal

exito, que os srs. Calmette e Salimbeni foram encarregados de dirigir o tratamento dos doentes isolados n'um hospital especial.

«Perdiam as suas noites, das 9 da noite ás 2 horas da manhã, a fazer autopsias nos cemiterios. Os dias consagravam-n'os aos cuidados com os pestosos e ás experiencias nos animaes...

«O sr. Calmette propôz que se injectasse primeiro o sôro Yersin e 48 horas depois a cultura Ferran Haffkine aquecida.»

...E Calmette assado e lombo de Calmette e costelletas de Calmette, adubados todos os guisados com o maravilhoso sôro Yersin! Cahem do ceu as annotações da *Patria*, de hoje, que revelam um profissional, ás pataraticas do sabio:

«... Tudo isto é redondamente falso. O sr. Calmette nunca dirigiu o tratamento dos doentes, o sr. Calmette nunca fez autopsias, o sr. Calmette não propôz o methodo da vacinação mixta, porque antes d'elle já o haviam proposto os srs. professor Camara Pestana e dr. Moraes Sarmento. O que merece então o sr.

Calmette que digam d'esta sua attitude e proezas!

«Precisamente o contrario do que se deve dizer do seu collega Salimbeni, anda hoje a trabalhar honestamente no Porto, sem reclames ruidosos pelos jornaes, nem hymnos laudatorios ás suas virtudes e sciencia. E' possivel, afinal, que o culpado principal seja o mano Gastão, que veiu assoprar para o mundo inteiro as habilidades do mano Alberto, que de tal assentada compromette. São questões de familia, em que não é bonito intervir. A nós competia-nos apenas apreciar a prosa publicada, sem protesto do sabio industrial. E como lhe não prejudicamos a venda dos frasquinhos, temol-o por ahi, na primeira occasião epidemica, com nova provisão de elixires, trombeta em punho, de *landau* descoberto. Pódem comprar, meus senhores!...»

*

Mas, infelizmente e desairosamente, ha-de prevalecer contra aquellas lições o sestro nacional — de bandeirolas, acclamações e enthu-

siasmos, em homenagem a qualquer patarata de além-fronteiras, que nos dá a *honra* da sua curiosidade especuladora; reservando-se as contestações, os desdens e as amarguras para os que tiverem a sorte... de nascer aqui. De ser preterido pelo *sabio Calmette* livrou a morte o nosso grande Sousa Martins!

—

Sendo certo que uma grande maioria entre nós — pelo menos, *80 a 90* %, — pouco ou nada se importa com o que perderemos na guerra do Transvaal, — *e não se importa, porque não é da sua competencia* — acontece que muito se preoccupam, até serem indiscretos, os que por diversas rasões não téem o direito de importar-se, em publico, com os assumptos de casa alheia. Por exemplo:

Insere o *Imparcial*, de Madrid (muito bem apparecido o nosso amigo!), um telegramma de Londres, no qual se lê — que os governos de *Paris* e de *Madrid* pediram informações ao governo portuguez sobre o caracter do accordo

relativo á bahia de Lourenço Marques, não tendo obtido resposta.

Se ha uma hora na vida em que se tenha de applaudir, em consciencia, uma qualidade negativa e obnoxia, é n'esta hora, em que eu applaudo, sem reservas, o mutismo dos filhos dos Passos. Que importa ao de Paris o que nós fazemos ou deixamos de fazer? Alguem lhe perguntou, em portuguez, porque se encolheu em Fashoa? E o de Madrid que tem com a nossa vida? Ainda não lhe passou a mania de olhar pelas nossas colonias, como sua futura *compensação de Cuba*, — colonias, metropole e tudo!?

*

Esta do governo de *Madrid* a interrogar-nos sobre os mysterios de Lourenço Marques, faz lembrar a sessão parlamentar portugueza, em que Antonio Rodrigues Sampaio, então ministro do reino, viu e ouviu amotinada, contra elle, a opposição, á conta de qualquer abuso — falso ou verdadeiro — praticado pelo ministro. Não dispunha o velho jornalista de serenidade, nem

de dotes parlamentares: irritou-se, perdeu a linha e a falla, e o ministerio ia cahir em meio de uma chinfrinada medonha, quando, subitamente, se fez um mumento de silencio — o que é vulgar no meio das berratas collectivas.

Então, isolada, e sem poder reprimir-se a tempo, a voz de um pobre diabo, parlamentar para encher e para fazer recados, berrou:

— «Dê explicações! Ponha para alli explicações!»

Sampaio ergueu a cabeça, olhou para o homemsinho, e, em tom saccudido, exclamou:

— «Tambem você se mette n'estas coisas!?»

Tudo desatou a rir, e o incidente terminou.

*

Dizia uma vez o *Imparcial*, referindo-se a umas lamentações de origem portugueza sobre as desgraças da Hespanha:

— «Até Portugal nos lastima!»

E agora:

— Até *o de Madrid* quer saber!...

—

Mesmo assim esta guerra dos inglezes com os Boers já me tem dado desgostos: — muitas descomposturas, vindas pelo correio, de diversos pontos da patria portugueza. Mas entendamo-nos ácerca dos *desgostos*: quando um malandrão me descompõe iniquamente, por conta propria ou alheia, não é a descompostura que me desgósta: é aquillo de a especie humana me apresentar assim tão numerosos typos de *bandidos attenuados*.

Attenuados pelas leis, está bem de ver, — quasi que se não fossem ellas, eu, em vez de receber injurias d'aquelles tinhosos, receberia facadas, ou seria apedrejado — á traição. Reconheço-lhes o alcance das intenções.

E é aquillo, agora, a proposito da guerra, *porque eu defendo os Inglezes*. Que me dizem os meus amigos a taes abusos de iniquissima estupidez? Porque, emfim, se alguma vez tenho sido cautelloso na manifestação dos meus juizos, n'esta guerra tenho collocado todas as cautelas (*pardon!*). Eu conheço os tapados perversissimos: sabia já que á primeira affirmação duvidosa accusariam... a Inglaterra *de me haver*

comprado, como já em tempo accusaram... os Estados Unidos. Portanto, não deixei logar para as duvidas.

Sustentei sempre — como sustentarei, até que me desmintam os factos ulteriores, *a breve prazo* — que as vantagens obtidas pelos Boers tinham de dar-se, mas que seriam ephemeras, e que só patetas das luminarias poderiam contar com intervenção europeia, a favor do Transvaal, sobre allianças contra a Inglaterra. Tambem digo que maiores patetas das luminarias eram ainda aquelles que sonhavam com a derrota final da Inglaterra, com a sua expulsão da Africa do Sul, e por fim com um desembarque de exercitos alliados no territorio britanico da Europa. Não o faziam por menos.

Ora, eu não firmei taes opiniões em demonstrações de affecto, ou de sympathia pelos Inglezes, nem de odio pelos outros. Tenho realmente profundas affeições inglezas, e não conheço Boer algum, mas os sentimentos pessoaes seriam triste base para juisos criticos: o mesmo que, se eu, sem argumentos, sustentasse que é incomparavel o genio artistico de Sarah Bernhardt, só *por-*

que eu sou muito seu amigo. Vamos lá a ver se me entendem aquelles moinantes que mais uma vez me accuzam de *vendido*...

Dado que as praças cercadas pelos Boers — como Ladysmith, Kimberley e Mafeking — continuem a rezistir, e parece que rezistirão (escrevo isto em 21 do corrente), é claro que o ataque a Durban se torna problematico e a invasão do Cabo impossivel, pois que os Boers e os Orangistas não deixariam atraz de si as praças guarnecidas e, relativamente, victoriosas, avançando elles para o Sul. Portanto, o general Butler poderá concentrar forças no Cabo, ou em Durban, sem que prevaleça o plano dos Boers — de as ir destruindo á maneira que ellas vão desembarcando. Se isto não entra na cabeça dos tapados perversissimos, então menos entrará a ideia de que os Inglezes, em igualdade ou superioridade numerica, mudem a face e o fundo dos acontecimentos. Eu creio que mudam.

*

Quanto ás allianças europêas e derivado *tremblement* de conjecturas e de vaticinios lôrpas,

queiram abrir os olhos e as orelhas os perversos tapadissimos que me injuriam: é para verem e ouvirem a Allemanha official de mãos dadas com a Inglaterra, a França a retrair se, pois que lhe não basta a Russia para companheira de taes danças, e a Russia a amolar, porque se vê só, e o slavo ainda está *verde* para tão altas cavallarias. Olhem que não sae d'Africa a Inglaterra: não vae d'esta vez, e nada de pensar em conflagrações pavorosas — que os tempos vão bicudos para taes despezas...

*

— «Mas, emfim, brada-me ferioso o philosopho *Couve gallega*, oraculo no café dos Maduros, — mas, emfim, diga, por uma vez, se acha justo, humano, toleravel, que um povo pequeno e heroico (etc., etc.), como o boer, seja atacado por um colosso que lhe quer deitar a unha á propriedade!»

... Ora, porque não põe logo *Couve gallega* a questão em similhante ponto de rebuçado? Acho patifaria... que todos os brancos de to-

das as procedencias ali estejam em Africa, a dividirem a propriedade, espatifando os legitimos proprietarios. E eu peço a *Couve gallega*, e aos outros que berrem como eu, aos Inglezes, aos Boers e a todos os outros brancos:

— «Toca a safar! Larguem, que a Africa é só dos pretos!»

—

A' data em que eu estou escrevendo (25 de novembro) os acontecimentos precipitam-se, no theatro da guerra, e se não liquidarem em derrota dos Boers e dos Orangistas, será porque elles — o que é menos provavel — pedirão e obterão a paz e a Inglaterra desdenhará a gloria de os esmagar. E' isto que éu digo ao *Couve gallega*, mais ao *Piza flores*, mais ao *Esfregão de sentina* — o que me escreve cartas injuriosas, de cinco paginas e pico E não creiam que eu me torne pezado ao thesouro inglez, porque faço *prophecias* — qual outro Bandarra — favoraveis á Inglaterra. E' tudo gratis, seus banaboias!

*

Aconteceu-me ante-hontem (23) sentir-me farto de toda esta mixordia de cada dia, — farto de aturar patetas e velhacos saloios, — e abalei por ahi fóra, no caminho de ferro, pondo cinco leguas entre mim e os troca-tintas. Ao anoitecer, achei-me n'um centro absolutamente britannico (lá referve a indignação do *Pouca tripa!*) e ali tive ensejo de, entre o jantar e o chá, observar o espirito inglez em referencia á guerra actual.

Não é mau conhecer um povo, antes de dizer mal d'elle, — um povo e uma nação. Eu recordo-me, a proposito, de que, por occasião do ultimatum de Salisbury, na radacção do *Diario Popular*, um pobre major, que deve estar para ahi coronel — a dirigir qualquer coisa — vociferava: — «A Inglaterra foi sempre inutil á Civilisação!» Já decorreram perto de nove annos e ainda experimento uma revolução intestinal, quando penso n'aquillo: n'aquelle major, n'aquella cabeça e na pouca vergonha do Destino que me fez patricio de taes azemolas!

E' bom saber, cada qual, o que diz; mas tenho notado que, pelo ordinario, são os que mais

alargam os dominios das suas ponderações os os que mais ignoram e mais bronco teem o *criterio.* Cada burro a *falar* de tudo! Pois é verdade: a respeito da Inglaterra e dos Inglezes tenho ouvido as ultimas sandices... ou não seriam as ultimas?

*

Observei que no *meio* absolutamente inglez em que eu me achava; ninguem tomara a sério a *resistencia* e as *vantagens* dos Boers e dos seus alliados. — «Pobres diabos! Fóra da civilisação! Barafustam emquanto a guerra não principia: agora vae-se varrer tudo aquillo; já temos muito tempo perdido.» «Tal o *pensamento* geral, com o ar semi-distrahido de quem, dispondo de uma grande fortuna, é importunado por um crédor de quatro libras: — «Sim, sim: mande lá receber, e não me incommode mais por similhante coisa.»

*

Agora (25 de novembro) já os amigos dos

Boers — os que por essa Europa, em fóra, lhes teem concedido o *apoio moral*, — dizem aos seus protegidos «que aproveitem as vantagens obtidas, para negociarem a paz, e que o Inglez é pratico, e, portanto, não quererá mais despezas.» Repito aos banaboias que me accuzam de vendido ao Chamberlain — que é improvavel a annuencia da Inglaterra a solicitações que lhe sejam dirigidas em tal sentido. Justamente porque é pratica, verá nitidamente que tem de garantir o seu prestigio em Africa, contra o effeito das immediatas concessões, e bem assim livrarse de que a abocanhem, como fraca, nas tabacarias de Lisboa, mais nas hortas da estrada de Sacavem. Dar caça a Napoleão, apanhal-o e engaiolal-o em Santa Helena, quando o grande côrso era o senhor do Mundo e invadia todas as capitaes da Europa, exceptuando a ingleza, — é já alguma coisa na Historia bellica d'este seculo, mas isso não bastará talvez para satisfazer *Couve gallega* e consocios: é preciso que a Inglaterra vá *até ao fim* no saldo de contas com os Boers. Naturalmente, vae: pois não è assim, Grande Amiga ingleza !?

SARAH BERNHARDT

12 de Novembro, 1899.

...DEU-NOS ante hontem a *Tosca*, hontem o *Frou-Frou*, hoje dar-nos-ha a *Dama das Camelias*, ámanhã (13) a *Adriana Lecouvreur* e nos dois dias immediatos (14 e 15) o *Hamlet.*

Se o leitor do Porto é dotado de são criterio, sem excluir elevação — e se dispõe *d'outros recursos* indispensaveis a viagens — não hesite um momento. Parta d'ahi no dia 14 á noite, e venha ainda vêl-a no dia 15 — a Lisboa!

Vêl-a. Dizia a noite passada o nosso querido velho Taborda, que visitou Sarah Bernhardt no

seu camarim, quando eu alli estava, — dizia elle á artista sublime e unica:

— «Já não oiço nem uma palavra sua, minha senhora; mas basta-me *vêl-a*. Como é extraordinario e completamente bello tudo que lhe *vejo* fazer! Deus a abençôe! Deus a abençôe!»

E beijava lhe as duas mãos, tendo lagrimas nos olhos, — e Sarah Bernhardt olhava para elle e depois para mim, com um sorriso infantil que ella tem na intimidade.

No final do espectaculo disse-me Taborda:

— «Volta lá dentro? Eu não me atrevo: diga-lhe alguma coisa por mim!»

... E' aquillo do Planche, a proposito de uma scena do *Le Roi s'amuse*: — «A critica perde os seus direitos e resigna-se ás lagrimas e á admiração.»

Lagrimas! Admiração!

*

O publico escolhido d'esta série de espectaculos mostrou-se relativamente frio na primeira noite, ao vêr e ouvir a *Tosca*. A peça não pre-

dispõe o espectador a enthusiasmos. E' dura, e só o trabalho de Sarah Bernhardt, especialmente no 3.º acto, conseguiu derreter o gelo. Mas hontem no *Frou Frou*, peça de absoluto valor, o genio da assombrosa mulher empolgou os mais retrahidos, e a ovação honrou o publico. Ha-de-se repetir esta noite: que a *Margarida Gauthier* constitue a creação favorita de Sarah Bernhardt.

*

Querem crêr os meus amigos que o meu lendario azedume tem-se dissipado? Mordam-se os meus inimigos: ha dois dias que vivo contente, e ainda tenho para quatro dias — e depois as recordações d'elles. Mas... n'um pobre e sombrio espirito, com a pratica da desgraça, germina logo a suspeita, ao florescer a alegria, de que ella será expiada duramente Que terá de parte o mau destino?...

*

As nossas pobres actrizes, — exceptuando tres ou quatro — e temos mais de duzentas — brilha-

ram pela sua ausencia. E admira se alguem de que nada saibam? Allegam as ausentes e seus adherentes — que não podem viajar, e que, portanto, não têem escóla nem modelos. Quem as manda viajar? Peçam entrada á empreza do D. Amelia — e vão estudar alli, agora! Pois não fostes, lindezas! Não, que lhes póde dar na fraqueza! Refiro me ás de pretensões.

*

Que *Hamlet* será o da Sarah? Evidentemente, não é o do Irving, nem o do Mounet-Sully; mas teriam influencia na sua creação o Taine, ou o Paul de Satnt Victor, ou que outro abençoado critico? Talvez nenhum. Perguntei á sublime independente — que *Hamlet* era o seu. Respondeu-me: — «Espero que o veja.» Comprehendi: — Se eu lhe digo como fiz a minha critica, ficará v. dispensado de fazel-a...

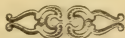
*

Fico-me ás vezes a pensar como nós *distribuimos* mal o nosso sentimento e o nosso pensa-

mento, transmittindo-os pela prosa. Que de modiocridades um homem tolera e louva, pela vida fóra! Que de nullidades, a quem finge, por funesta cortezia, ou por deploravel compaixão, tomar a sério, para discutil-as, ou para cital-as! E quando, como agora, importaria levantar as fórmulas até onde se impõe a elevação das almas, descobre-se que das fórmulas extrahimos e esbanjámos parte consideravel da força... e eu não sou dos peiores no caminho do peccado, vamos lá com Deus!

Uma nota: Não se julgue que o camarim da Sarah Bernhardt, no D. Amelia, é um centro de palestra: apenas alli tenho visto o duque de Palmella, e ministro de França e os actores Brazão, João e Augusto Rosa e Taborda. Eu vejo-me... ao espelho.

*

Venham d'ahi vêl a!

13 de Novembro, 1899.

HONTEM foi a *Dama das Camelias.*

Registrarei apenas que o publico, pondo de parte os ultimos restos do seu retrahimento de fatalista, fez á sublime artista uma ovação prolongada e calorosa, que me transportou aos arredados tempos da mocidade. Cumpre dizer que a agonia e a morte de *Margarida* empolgariam um cadaver e o arrastariam ao enthusiasmo. Toda a imprensa hoje e todos os espectadores hontem concordaram em que alli, perante a obra prima do Genio, a critica cede o passo ao enter-

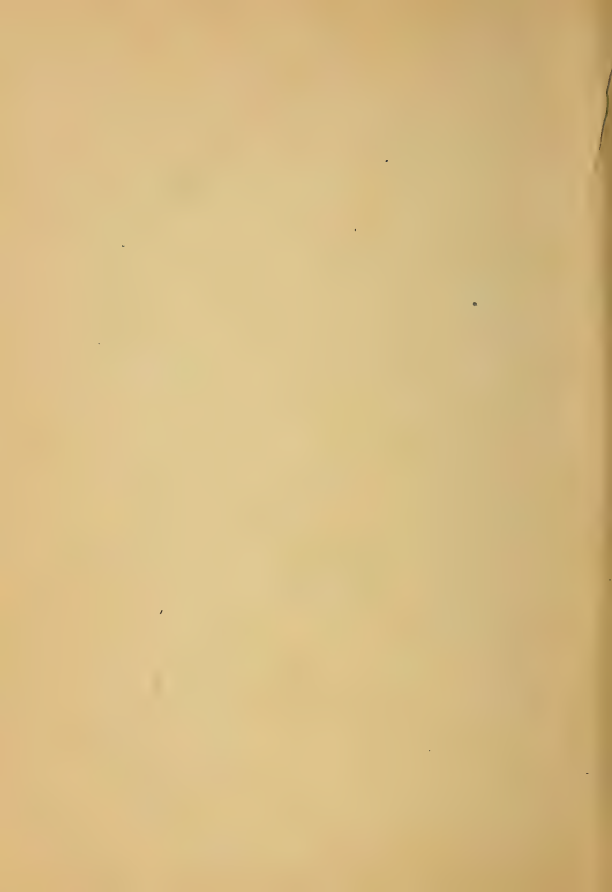
necimento e á *gratidão* pela artista unica. E' aquillo — de perder os seus direitos, resignando-se ás lagrimas e á admiração!

Não quero occultar esta nota que me deu horas consoladoras:

Eu escrevera e a revista *Brazil-Portugal* publicara no seu ultimo numero um artigo ácerca de Sarah Bernhardt, o qual fôra para muitos rapazes, dos que a não viram senão agora, ou dos que a viram quando infantes,— uma affirmação de fanatismo. Brandamente, com a delicadeza que se deve aos velhos como eu, esses irmãos mais novos me fizeram sentir as suas duvidas. Eu limitei-me a exhortal-os a que não deixassem de vel-a e de ouvil-a. Por um acaso, como que se deram hontem *rendez vous* no theatro D. Amelia.

E alli durante o espectaculo — nos intervallos e á sahida e já na rua — essa Mocidade, que eu julgara insusceptivel da poderosa vibração de nervos e de exaltação que faz desculpar as restricções, dirigiu-se a mim, felicitando me, concordando, arrependendo-se e acclamando-a. Centenares de espectadores sahiram do theatro

com as mãos inchadas e a voz rouca. Ainda bem que *ao menos* nos dominios da grande Arte e em frente do Genio, ainda podemos sentir assim!

E nem a guerra do Transvaal, nem a Peste, nem a hypothese de se acabar hoje o mundo— nada d'isso lembra ha tres dias, nem ha-de lembrar ao nosso publico — emquanto aqui estiver a Sarah. Diz a sabedoria popular — que não se vive só de pão. E nem só de torpezas, de banalidades e de tolices deve *viver* o pensamento do homem.

14 de Novembro, 1899.

... DECIDIDAMENTE, houve um momento, na noite de hontem, em que eu tremi — pelo nosso publico! A hesitação d'elle em applaudir ia-se prolongando e, no seu camarim, Sarah Bernhardt dizia: — «Só na Hollanda e aqui desagradou o meu *Hamlet*». Os raros visitantes pediam-lhe que esperasse o fim das hesitações: que confiasse no seu genio; e ella:

— «Só aqui e na Hollanda.»

Subitamente, a ovação estrondeou e parecia interminavel. *Ficou só a Hollanda!*

Creio que principalmente influira no publico, constrangendo-o, faltar-lhe a figura *ondulante* e a voz d'oiro da sublime artista. No papel do *Hamlet*, a figura de Sarah torna-se *raide* e a voz aspera e um tanto rouca. Perceberam todos que era do papel: ainda bem!

Não ha ali base para confrontações; mas se ao maravilhoso *tour de force* importa, para ser aquilatado, uma evocação de outro *Hamlet*, citarei o de Ernesto Rossi, que ha mais de trinta annos applaudimos em Lisboa. O proprio Salvini não se aguentava no confronto, sendo aliás, imcomparavel no *Otello*, na *Morte civil* e sempre que se tratava de trabalhos de Hercules. O *Hamlet* de Ernesto Rossi estava, pois, na memoria... dos que lh'o tinham visto e entendido.

A' meia volta no 3.º acto, — no monologo e no dialogo com Ophelia, — a recordação de Rossi, dissipou-se-me, para não voltar. Eu não suspeitava, sequer, que se *representasse* assim. Toda a allucinação,todo o premeditado e todo o indeciso do controvertido personagem estavam ali, no seu temeroso trabalho cerebral — que a espaços se manifesta em explosões de furor. E

entre os juizos emittidos, em controversia, ácerca da *loucura real* ou da *loucura simulada* de *Hamlet*, estabelece se o typo *dissimulado, ao serviço de um pensamento fixo.* De quando em quando, as explosões irreprimiveis...

Nunca vi *representar* assim. Toda a Igualdade e toda a logica no desordenado! Agora leio n'um breve juizo critico, ácerca do espectaculo de hontem — que mais acceitavel era a expressão do *terror* apresentado por Ernesto Rossi, em frente do espectro do pae, do que a relativa placidez de Sarah Bernhardt; e eu direi que o *terror* do tragico italiano era *um effeito* — tão bem collocado que, ainda a prazo de trinta annos produz lucros para o auctor, — e que na placidez relativa de Sarah Bernhardt facilmente se adivinha a allucinação: é o desprezo dos *effeitos.*

Não faltou quem desejasse o *Hamlet* diaphano, e é velha a mania. Mas lá diz a Rainha, mãe de Hamlet, na scena do duello entre seu filho e Laertes:

— «Elle (Hamlet) está gordo e tem a respiração curta.»

Completo nos detalhes, nas minudencias, como todos os trabalhos de Sarah Bernhardt, o seu estudo do *Hamlet* e a apresentação d'elle aos primeiros publicos da Europa é o facto artistico mais extraordinario do theatro moderno, salvo embargos de especialissimos ignorantes, e impõe-nos recordação perpetua e aos espiritos abatidos uma nobre elevação — para admirar dignamente a original figura d'essa mulher-assombro.

15 de Novembro, 1899.

A *Adriana Lecouvreur*, de Legouvé e Scribe, foi o espectaculo de hontem. Os auctores escreveram para a Rachel a sua obra dramatica, e a critica de Gustavo Planche (em 1849) permitte-nos confrontar o desempenho de então com o que hontem, meio seculo volvido, a peça obteve da Sarah. Louva o grande critico, sem restricções, a recitação da fabula *Os dois pombos*, mas estabelece-as quanto ao rigor e á verdade nas scenas dos dois ultimos actos — a recitação dos versos da *Phedra* e a agonia e a morte. Ora, o publico de hontem sentiu-se arrebatar de sur-

preza em surpreza, de encanto em assombro, desde a recitação da fabula de La Fontaine até á dos famosos versos do classico, com os quaes Adriana esbofeteia a sua rival, e d'ahi ao envenenamento, á agonia e ao ultimo suspiro. A ovação rebentou e ia ser formidavel, quando Sarah Bernhardt, acomettida por uma syncope, cahiu por terra, á terceira chamada do publico.

Sabido que o organismo de Sarah havia soffrido a repercussão da violentissima scena final, mas que se restabelecia lentamente, a impressão geral foi a da magua pelo malogro da ovação. Havia phrenesi e assombro, e só algum philisteu de pôdres figados deixava de associar-se á manifestação.

A chronica fatiga-se de admirar e reconhece a debilidade da prosa. Vel-*a*, ouvil-*a* e pôr a alma n'uma infinidade de *bravos* — é o *desabafo* supremo!

Hoje, 6.ª representação, com a segunda do *Hamlet*. A'manhã e depois, — recitas supplementares, com a *Dama das Camelias* e varios trechos dramaticos escolhidos. No sabbado, partida de Sarah para Madrid.

*

N'um dos intervallos perguntei-lhe se se recordava de Sousa Martins. — «Um bello e grande espirito!» exclamou. E sabendo minudencias da sua morte, disse: — «Que mal feito tudo isto! O talento, o trabalho, a lucta, o sacrificio, tudo que constitue os superiores... tudo vencido miseravelmente por uma tysica, uma indigestão, uma constipação!...» E encolhendo os hombros, sacudidamente:

— *Allons! Marchons!*

19 de Novembro, 1899.

AGORA que partiu a Sarah, tendo resultado da sua passagem os pormenores de velhas relações cortadas e de reconciliações feitas, já os enthusiasmos — e tambem as furias — podem voltar-se, afastados da Poesia, para os assumptos *praticos*. Registrarei ainda *a ultima noite* — e depois a ordem do dia.

*

Trechos da *Phèdre* e da *Rome vaincue* e *L'Étincelle* de Pailleron : tal foi o espectaculo para *gourmets*, offerecido por Sarah Bernhardt,

em despedida. Exgotadas as fórmulas da admiração, resta dizer que o publico, e em especial a mocidade das escólas, parecia resolvido a uma ovação interminavel, quando constou que *ella* tinha de sahir do theatro pera casa dos duques de Pamella, onde era esperada, para uma ceia em sua honra.

Os rapazes, centenares d'elles, correram á rua, apoderaram-se do trem, desatrelaram os cavallos e esperaram. Logo que a sublime artista appareceu á porta da sahida, estrondearam os vivas, as palmas e os bravos, sendo arremessados ao chão, para que ella passasse, *par-dessus* a montes.

Sarah entrou no seu trem, com este seu fiel admirador —a quem *impuzera* a honra de acompanhal-a. A proposito virá dizer de passagem, que um jornal censurou que tal se désse, quando só os rapazes que conduziam o trem podiam protestar contra o facto, e quando, longe de o fazer, elles não esqueceram nos seus vivas, durante o trajecto, este obscuro e devotado amigo da gloriosa e incomparavel artista. Mas fique em paz a *marmanjice* jornalistica !

Durante o trajecto, os vivas foram atroadores: — a Sarah Bernhardt, á Fraução, a Zola, á Litteratura Franceza, á suprema artista do mundo, etc. A multidão apinhava-se no alto do Chiado, e, depois, por S. Roque, S. Pedro d'Alcantara, Patriarchal e rua da Escola Polytechnica, até ao palacio de Palmella, as janellas das casas abriam-se e os moradores assomavam espantados — eram perto de 2 horas da noite — ao ouvirem o estrondo da ovação.

Houve paragem em frente da Escola Polytechnica, onde dezenas de estudantes aguardavam a passagem de Sarah. Alli, ella, erguendo-se no carro, agradeceu, e juro-lhes que bem commovida.

Finalmente, chegada ao palacio dos duques, teve de vir a uma janella agradecer de novo a manifestação — que continuava na rua.

*

Hontem, logo de manhã, fui pedir ao meu velho amigo Paulo Plantier, que tem um culto por Sarah Bernhardt, umas duzias de rosas como só

elle cultiva e apresenta em Lisboa. E fui-me ao *Internacional*, leval-as á extraordinaria mulher, e d'alli acompanhal-a á gare.

Lá estavam, esperando-a, dezenas de pessoas, entre ellas a classe academica, representada por alguns dos seus membros — que não tiveram aula; e, a despedirem-se particularmente, lembro-me de ter visto Ramalho Ortigão, Bordallo Pinheiro, D. João da Camara, João Rosa, Augusto Rosa e Lopes de Mendonça. Emquanto o comboio não partia, Sarah Bernhardt, de pé, na carruagem, junto á porta, tinha um sorriso enternecido para aquelle publico... e quando o comboio se pôz em andamento, entre adeuses, palmas e bravos, os rapazes seguiram-n'o, correndo, e á entrada do tunel soltaram os ultimos vivas.

... E eu fui-me á vida, tendo nos ouvidos as suas ultimas palavras :

— *Silva Pinto, au revoir — á Paris !*

27 de novembro, 1899.

Se o general da divisão (da 1.ª), não tomou praças de guerra, nem ganhou batalhas, foi porque o Destino e o deus dos exercitos não julgaram que *Antonio de Campos* (?) poderia formar em linha de ***sonoridade***, para entrar na Historia, com Annibal, Julio Cesar e Napoleão. Mas, se o general da 1.ª divisão não tem na sua bagagem a batalha de Cannes, nem a de Pharsalia, nem a de Austerlitz, vae opulentar-se com um feito que deixa na sombra o grande Cartha-

ginez e o grande Romano e o grande Côrso. E' isto que se vê :

Indignado—como o S. Polycarpo de Flaubert, — porque alguns estudantes militares ajudaram a puxar, ou acompanharam o trem de Sarah Bernhardt, uma das ultimas noites, do theatro a casa dos duques de Palmella, o illustre cabo de guerra que commanda a 1.ª divisão (séde no largo de S. Domingos) ordenou que se procedesse a uma syndicancia, afim de proceder contra aquelles criminosos. Tardou, mas instado, deu de si. Toda a gente sabe que um grande numero de artistas illustres tem recebido, em todos os centros da Civilisação, demonstrações d'aquellas, e a Sarah, a mais illustre de todas, já as recebeu em terra portugueza. Mas é muito bem feito que se applique severo castigo aos estudantes d'agora : é desaggravo reclamado por fieis Devotos, por alentados Gatunos e por Sacristas de figados pôdres, que, pelos modos, vêem na Sarah uma judia, e que applaudiriam a manifestação dos rapazes, se em logar da grande artista, fosse — dentro de trem—algum obsceno Mariolão *salvador* da patria amada e das batatas novas.

*

* *

Ah ! em verdade vos digo que tenho dó d'este general, se elle ha trinta annos não foi rapaz — como eu — e se não puxou, como eu puxei, o carro da Massini — por exemplo — quando ella cantou o *Arco de Sant'Anna* de Sá Noronha ! Mas, quero persuadir-me de que o actual cabo de guerra, velho e macambuzio, como eu, se associou áquella e a outras festas e não julgou maculadas as suas divisas de sargento pelo *facto* de se sentir um rapaz e de não se envergonhar de o ser. Como nos fomos rapazes, meu general ! Não andavamos com o passo de sacrista, de olho á cóca, a arranjar a vidinha e a sorrir, velhacaz ou alvarmente, ás *ordes* de protectores : sentiamos e criamos : sentiamos o enthusiasmo e criamos no Bello, — complemento da crença no Bem.

Uma vez por outra, — que nem todos os dias são de Natal, — lá iamos á porta de um theatro, á sahida do espectaculo, esperar e acclamar a

diva, e, incapazes de puxar o carro de D. João VI, ou de acompanhar o de qualquer ***salvador***, lá puxavamos o carro e lá applaudiamos... doidamente, seja! Abençoada loucura!

*

* *

Eu sei que o general ordenou a syndicancia, porque lhe disseram haverem estudantes militares puxado o trem de Sarah—e não porque eu lá estivesse, no carro. Não sou chamado para o caso da *indisciplina*, mas aproveito o ensejo para repetir a um visinho meu — que não levou a bem vêr-me dentro do carro — que foi a grande artista quem, á ultima hora, me *impoz* o acompanhal-a, e seria de urso a desobediencia. Os rapazes comprehenderam.

... Emfim, espero ainda haver sensibilisado o velho general—e que não haja perigo de maior para os estudantes militares. Entre nós: chamar-lhe-hiam *invejoso*!

FIM